

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

LETÍCIA PILLE

**A CAMA NA VARANDA?:
PRELIMINARES, CONCEITOS E ANÁLISE DE CONTEÚDO DE REPORTAGENS
SOBRE SEXUALIDADE NA PLATAFORMA DIGITAL UOL TAB**

CURITIBA

2020

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

LETÍCIA PILLE

**A CAMA NA VARANDA?:
PRELIMINARES, CONCEITOS E ANÁLISE DE CONTEÚDO DE REPORTAGENS
SOBRE SEXUALIDADE NA PLATAFORMA DIGITAL UOL TAB**

Documento monográfico apresentado como requisito para a disciplina Trabalho de Conclusão de Curso II, do curso de Graduação em Jornalismo, Setor de Artes, Comunicação e Design (Sacod), Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. dr. José Carlos Fernandes

CURITIBA

2020



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
Rua XV de Novembro, 1299, - - Bairro Centro, Curitiba/PR, CEP 80060-000
Telefone: 3360-5000 - <http://www.ufpr.br/>

DECLARAÇÃO

Processo nº 23075.070325/2021-14

DECLARAÇÃO

A Coordenação do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Paraná, através deste, declara que a banca abaixo mencionada foi realizada, de forma pública, no dia e local estipulado, e certifica os membros da banca, para todos os efeitos cabíveis.

Aluna: LETÍCIA PILLE - GRR20174151

Título: A cama na varanda?: preliminares, conceitos e análise de conteúdo de reportagens sobre sexualidade na plataforma digital UOL TAB

Membros da banca:

Orientador: José Carlos Fernandes

Membro interno: Valquíria Michela John

Membro externo: Cíntia Silva da Conceição

Data: Dia 20 de dezembro, segunda-feira

Horário: 16 horas

Mário Messagi Júnior
Coordenador do Curso de Jornalismo / UFPR



Documento assinado eletronicamente por **MARIO MESSAGI JUNIOR, COORDENADOR DO CURSO DE JORNALISMO**, em 20/12/2021, às 18:56, conforme art. 1º, III, "b", da Lei 11.419/2006.



A autenticidade do documento pode ser conferida [aqui](#) informando o código verificador **4142310** e o código CRC **7AE02B49**.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço meus pais pelo infinito suporte e apoio em todas as minhas empreitadas, inclusive essa de me tornar jornalista;

Agradeço ao orientador José Carlos Fernandes, que, além de professor, tem sido desde o início um grande mentor e amigo. Pessoa de intelecto gigante, e coração maior ainda;

Agradeço a meus amigos, que estavam presentes ainda quando esta pesquisa era só uma ideia. Em especial, Mariah Colombo e Hiago Rizzi, dois grandes amores e colegas de profissão, e cujas discussões e experiências compartilhadas estão, inevitavelmente, incrustadas neste trabalho;

Agradeço, por fim, à Universidade Federal do Paraná e a todos seus professores e servidores, pela formação humana e íntegra — foi e sempre será uma honra ter feito parte disso.

RESUMO

O presente trabalho analisa o conteúdo de duas reportagens publicadas no portal digital de notícias UOL TAB, retiradas da editoria "Comportamento", que têm como principal temática o sexo e/ou a sexualidade. Para tal, usou-se a metodologia de análise proposta por Laurence Bardin, bem como técnicas de análise de conteúdo propostas por Wilson Corrêa da Fonseca Júnior no livro "Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação" (2011). As reportagens analisadas foram escolhidas a partir de um *corpus* definido na etapa de pré-análise, que abarcou todas as reportagens que abordavam, de alguma forma, assuntos que tangem sexo e/ou sexualidade publicadas no site do UOL TAB no período de 01/05/2020 a 01/11/2021 - ou seja, nos seis meses anterior ao início da análise. Deste *corpus*, foram extraídas para a análise duas reportagens que mais se encaixavam com a proposta do trabalho, e que foram escolhidas a partir dos critérios eliminatórios e subjetivos à temática. No início da pesquisa, o trabalho levantou a hipótese de que o portal UOL TAB, diferentemente de grandes jornais brasileiros como *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo*, abordaria tais temáticas, consideradas ainda "tabus" na sociedade, de forma mais equânime e livre (até onde se pode ser dentro de um contexto empresarial) dessas temáticas, justamente por se tratar de um jornal abertamente progressista e que em sua proposta editorial traz o objetivo de abordar temáticas com uma frequência maior e com qualidade. Ao final da análise, tal hipótese se confirmou por uma série de razões descritas nos capítulos "Análise" e "Considerações finais". Além da análise de conteúdo, esta monografia fez um breve apanhado do que foi e o que é a sexualidade hoje, passando por diversas épocas marcantes culturalmente desde a Era Vitoriana até os dias atuais, a título de contextualização do tema "sexualidade" através dos tempos.

Palavras-chave: *Longform*; UOL TAB; Análise de Conteúdo; Sexualidade

ABSTRACT

The present work intends to analyze the discourse of two articles published on the UOL TAB digital news portal, taken from the "Behavior" section, whose main theme is sex and/or sexuality. To do this, I used the analysis methodology proposed by Laurence Bardin, as well as discourse analysis techniques proposed by Wilson Corrêa da Fonseca Júnior in the book "Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação" (2011). Both articles analyzed were chosen from a *corpus* defined in the pre-analysis stage, which included all reports that somehow addressed issues related to sex and/or sexuality published on the UOL TAB website in the period of 5/1/2020 to 11/1/2021 - that is, in the six months prior to the beginning of the analysis. From this *corpus*, two articles that best fit the proposal of the work were extracted for analysis, and were chosen based on the eliminatory and subjective criteria to the theme. At the beginning of the research, the work raised the hypothesis that the UOL TAB portal, unlike large Brazilian newspapers such as Folha de S. Paulo and O Estado de S. Paulo, would address such themes, which are still considered "taboo" in our society, in a way more equitable and free (as far as it can be within a business context) of these themes, precisely because it is an openly progressive newspaper and whose editorial proposal aims to address themes with greater frequency and quality. At the end of the analysis, this hypothesis was confirmed for a series of reasons described in the chapters "Analysis" and "Final considerations". In addition to the content analyzed, this monography made a brief overview of what sexuality was and what it is today, going through several culturally significant periods from the Victorian Era to the present day, of contextualization of the theme "sexuality" throughout the ages.

Keywords *Longform*; UOL TAB; Content Analysis; Sexuality

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. AONDE CHEGAMOS: O SEXO NOS ANOS 20 DO NOVO MILÊNIO	13
2.1 NOVAS FORMAS DE AMAR	14
2.2 ASCENSÃO E QUEDA DO AMOR ROMÂNTICO	17
3. DE ONDE VIEMOS: MARCOS DE UM TEMA POR EXCELÊNCIA	23
3.1 O SEXO NO SÉCULO XIX: DA ERA VITORIANA À BELLE ÉPOQUE	23
3.2 1920: OS ANOS LOUCOS	28
3.3 PÓS-GUERRA E O RETROCESSO EM CURSO	34
3.4 DA CONTRACULTURA À NOVA REPRESSÃO	39
4. O SEXO NO JORNALISMO	43
5. O VEÍCULO UOL TAB E O WEBJORNALISMO	49
6. JORNALISMO E LITERATURA	52
6.1 ENTRE A INFORMAÇÃO E A PROSA LIVRE: O JORNALISMO DITO LITERÁRIO	53
7. PERCURSO METODOLÓGICO E ANÁLISE	57
7.1 REPORTAGEM NÚMERO 1 - “TANTRA TINDER: DÁ PARA JUNTAR OS ENCONTROS RÁPIDOS DE APP COM SEXO LENTO?” - AUTORIA DE RODRIGO BERTOLOTTO	61
7.1.1 HERMENÊUTICA	65
7.1.2 MODO DE DIZER	67
7.1.3 POLIFONIA	70
7.1.4 IMAGENS	72
7.2 REPORTAGEM NÚMERO 2 - “AMARRAÇÃO QUE DÁ CERTO’: MESTRA EM SHIBARI DEMOCRATIZA PRÁTICA ERÓTICA” - AUTORIA DE MARIE DECLERCQ	73
7.2.1 HERMENÊUTICA	79
7.2.2 MODO DE DIZER	82
7.2.3 POLIFONIA	84
7.2.4 IMAGENS	85
CONSIDERAÇÕES FINAIS	87
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	89
APÊNDICE 1	92
APÊNDICE 2	95
APÊNDICE 3	99

1. INTRODUÇÃO

O sexo é um tema que permeia a vida de quase todos os seres vivos, e mesmo assim, em se falando desse assunto, não é novidade que sexo é algo sobre o qual não se fala com abertura, muito menos se ouve falar. Em outras palavras, usando um termo autoexplicativo, sexo é tabu.

É estranho que algo tão presente no cotidiano seja silenciado no debate público. A ocultação do sexo é um fenômeno das colunas de jornais, das entrevistas com celebridades, da consulta no médico, e por aí vai, sendo muitas vezes repreendido até nos *reality shows*.

Foi a partir desse questionamento, e da observação como jovem, mulher e jornalista de uma sociedade que se aproxima paulatinamente da nudez completa em se tratando de sexo, sexualidade, práticas e preferências sexuais, saúde na cama, etc, que decidi abordar esse tema em meu Trabalho de Conclusão de Curso. Salvo raros exemplos, como a peruana Gabriela Wiener ou o escritor brasileiro Reinaldo Moraes, jornalistas dispostos a falar sobre o sexo dos outros, assim como experiências pessoais, como um assunto natural, o panorama que se tem hoje dessa temática não é de todo animador.

Em um de seus seminários, o psicanalista francês Jacques Lacan (LACAN, 1972) advertiu seus alunos: "O corpo, ele deveria deslumbrá-los mais". Salvo a distância entre as décadas, a frase de Lacan serve também para os dias de hoje. Mesmo após revoluções que passaram pelo corpo, como a revolta dos estudantes universitários em maio de 1968, na França, ou o movimento hippie nos Estados Unidos nos anos 1960-1970, o mundo dito racional ainda tende a profanar o sexo, reduzindo-o a um símbolo do pecado pelo prazer. Ao invés de nos encantarmos por nossos corpos, e por tudo que pode nos proporcionar, preferimos condená-lo a uma vida ativa somente entre quatro paredes.

Não obstante, nosso conservadorismo com o corpo, e por consequência com o sexo, a sociedade ainda ousa julgar quem não faz escolhas sexuais hegemônicas. Por esse motivo, o submundo do prazer abriga toda sorte de fetiches e "peculiaridades" sexuais. O sexo, que poderia ser tratado com mais naturalidade, torna-se uma prática velada, uma vez que é preciso se esconder do senso de moralidade de uma sociedade que ainda não aprendeu a lidar e aceitar o próprio prazer.

O que fazer com esse corpo que somos? — podemos nos questionar. A resposta tem a ver com o jeito como lidamos e entendemos nossa própria expressão física e com a organização econômico-política da sociedade. Se somos todos um corpo, obedecemos, de

certa forma, a ele. Agimos de acordo com nossas necessidades, que, em última instância, não deixam de possuir resquícios de um comportamento animal.

Ora, se o sexo ultrapassa barreiras subjetivas, atingindo e influenciando das mais variadas maneiras nossa convivência em comunidade, por que não estamos deixando que esse assunto ultrapasse as tão perigosas quatro paredes? Quais são as pedras que se encontram no caminho de quem ousa falar sobre isso? Precisamos todos ser libertinos e abrir mão de qualquer pudor para que falar de sexo seja algo normal? Falar de sexo é um ato transgressor?

Claramente está fora de cogitação conseguir responder a todas essas perguntas — o que não impede de fazê-las. Questionamentos acerca de temas polêmicos são importantes para que se ande com o debate. E para frente. E essa é a intenção deste trabalho: contribuir para o debate a partir da análise de reportagens que pretendem, a seu modo, fazer a mesma coisa, ou seja, também contribuir com o debate público e de qualidade.

Os capítulos obedecem uma ordem cronológica às avessas. O capítulo 2, *Aonde chegamos*, fala sobre o momento que vivemos no presente. Nele, temas caros à nossa época como pluralidade sexual, representatividade, movimentos feministas, entre outros aspectos contemporâneos são retratados como um panorama, muito singelo, do que o tema sexualidade representa atualmente. O capítulo 3, *De onde viemos*, traça, a partir de fatos e épocas históricas, como chegamos até aqui, o que, como sociedade, mudou e o que permaneceu igual desde a Era Vitoriana até a Nova repressão, ocasionada pela epidemia de aids. Ou seja, o capítulo 3 traça paralelos e costura a história de meados do século XIX aos anos 1980 do século XX. Particularmente, nestes dois capítulos, autores como Regina Navarro Lins, Mary Del Priore, Zygmunt Bauman, Michel Foucault, Anthony Giddens e Betty Friedan foram essenciais para o desenvolvimento da pesquisa e da contextualização tanto da atualidade, como da sexualidade como expressão intrínseca ao ser-humano que atravessa épocas, gerações, culturas, guerra e, principalmente, preconceitos de toda sorte.

Em seguida, no capítulo 4, *Sexo e Jornalismo*, são pontuados os encontros e desencontros do tema desta pesquisa com o jornalismo e os tabus ainda enfrentados por grande parte da imprensa brasileira. Na sequência, o capítulo 5, *O Veículo UOL TAB e o Webornalismo*, aborda a criação do portal UOL TAB, suas pretensões e o novo modo de fazer jornalismo digital, com mais profundidade e com recursos interativos. No capítulo 6, *Jornalismo e Literatura*, é feita uma ligação entre o jornalismo literário com o jornalismo *longform* do UOL TAB, e mostra como este é descendente direto dos esforços conjuntos de jornalistas que superaram a premissa de que jornalismo e literatura não possuem seus

paralelos particulares. Aqui, autores como Felipe Pena, Edvaldo Pereira Lima, Monica Martinez e Ciro Marcondes Filho foram essenciais.

O capítulo 7, *Metodologia*, é usado para descrever a metodologia de pesquisa, e análise de conteúdo de Laurence Bardin e Wilson Corrêa da Fonseca Junior — ambas utilizadas no capítulo seguinte, *Análise*, onde é feita a análise de conteúdo de duas reportagens escolhidas do portal digital UOL TAB. Por fim, o capítulo 9, *Considerações Finais*, traz a conclusão extraída das análises e sua comparação com as hipóteses previamente estabelecidas no início desta pesquisa.

Os objetivos geral desta pesquisa é analisar reportagens publicadas no portal de notícias digital UOL TAB que apresentem pautas relacionada a sexo e/ou sexualidade. Para chegar a essa etapa, será preciso fazer a pré-seleção de um *corpus* que compreenda reportagens publicadas portal de notícias digital UOL TAB e que apresentem pautas relacionada a sexo e/ou sexualidade, dentro de um período a ser definido. Dentro deste *corpus*, filtrar as reportagens encontradas a partir de características como editoria, modalidade de texto (reportagem, perfil, etc) a serem definidas uma vez obtido o *corpus*. Nesta etapa será usado o método de pré-análise definido por Laurence Bardin.

Em seguida, a partir do *corpus*, serão escolhidas duas reportagens para executar a análise, segundo a metodologia proposta por Wilson Corrêa da Fonseca Júnior no livro *Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação* (2011).

2. AONDE CHEGAMOS: O SEXO NOS ANOS 20 DO NOVO MILÊNIO

É uma tarefa quase impossível estipular o início exato do momento atual da sociedade no que tange à sexualidade e relacionamentos. Períodos históricos costumam ser estabelecidos no espaço-tempo décadas após seu fim, pois é apenas com certo distanciamento que se pode enxergar com clareza o que, no olho do furacão, era apenas uma grande cortina de fumaça. E é em razão dessa dificuldade que tudo que se fala sobre "os dias de hoje" pode ser tanto uma suposição de tendência que, muito em breve, será esquecida, ao mesmo tempo que, características *a priori* banais, podem dar o tom dos livros de história dos anos que se seguem.

Mas de uma coisa nós sabemos: algo não está no lugar. E ao fim de tudo, nada será como antes. Vivemos um momento de ruptura. Não da mesma forma que em revoluções, que engolem o mundo em uma onda liberal e libertária, mas em mudanças paulatinas e graduais, e por consequência mais longevas. Assistimos hoje, ora com preconceito e dúvida, ora com admiração, ao que será parte natural de uma sociedade que amadureceu a duras penas seus conceitos de amor, sexo e relacionamentos.

Em constante movimento e transformação, a cultura é o grau mais profundo a que se pode chegar em uma sociedade, o de mais difícil acesso, e que, portanto, desconhece o conceito de urgência. Mudanças podem ser fruto de insurreições, mas apenas perduram por meio de suas reverberações sociais, políticas e econômicas que, aos poucos, transformam o que um dia foi regra, em retrocesso. Não muito tempo atrás, a comunidade homossexual, principalmente masculina, se esgueirava pelas franjas marginalizadas da sociedade, e lutava pelo simples direito de coexistir em pé de igualdade com a expressão dita "normal" da sexualidade. Hoje, após anos de luta e contestação, veem-se, entre outras conquistas, diante da possibilidade de adoção e do casamento homoafetivo. Além disso, o movimento LGBTQIA+ se estendeu para além daqueles que pertencem à causa e instituiu-se em uma grande parcela da sociedade que defende a liberdade de ser, existir e amar.

Como dito anteriormente, a cultura não se modifica no mesmo ritmo de outras camadas da sociedade, e é o resultado de uma sucessão histórica que compreende muito mais que fatos isolados. Se hoje vivemos em oposição de ideias com o passado ao respeitar com maior afincamento individualidades e diferenças, quer dizer que outros aspectos comportamentais também foram modificados. Nos próximos capítulos, será feito um breve panorama dessas mudanças, das suas contradições e das dores e delícias do amor e sexo no século XXI. Até porque, como diz a psicanalista Regina Navarro Lins, referência em questões de sexualidade,

nossa cama está na varanda e pronta para receber a brisa fresca dos novos tempos (LINS, 2014).

2.1 NOVAS FORMAS DE AMAR

No título desse parágrafo, bem como no livro homônimo de Regina Navarro Lins (2017), pesquisadora que embasou grande parte das pesquisas apresentadas neste documento, as formas de amar são caracterizadas como novas, mas isso não é bem verdade. Podemos, hoje, considerar o afeto e o sexo homossexual, pessoas transexuais, poliamoristas, e outras infinitas possibilidades de amar como novos, mas esse pode ser um dos efeitos nocivos que vêm junto com a cortina de fumaça. Grupos considerados dissidentes (sexualmente, inclusive) sempre existiram, independentemente da época. Um dos exemplos mais conhecidos é o marquês de Sade¹, um pervertido para a época em que viveu no século XVII (e, convenhamos, até hoje), e de cuja imaginação fértil nasceu um dos livros que melhor retratam o espírito libertino daqueles que são devotos ao prazer sem limites. Sade sozinho não configura um grupo, é claro, mas sua mera existência já demonstra a presença de desejos sexuais fora do padrão em épocas diferentes da atual.

Para não ficar em apenas um exemplo, outra personalidade marcante, não na libertinagem, mas na representatividade de gênero, foi Claude Cahun. Claude, nome francês tradicionalmente masculino, foi a nomeação adotada pela fotógrafa e escritora Lucy Renee Schwob, nascida na França em 1894, e cujos trabalhos mais conhecidos são autorretratos em que ela aborda temáticas como sua ambiguidade de gênero. Como ela mesmo disse em seu livro *Disavowls* (1930): "Masculino? Feminino? Depende da situação. Neutro é o único gênero que sempre me convém". Além de judaica, também mantinha um relacionamento lésbico, características que a fizeram ser perseguida pelos nazistas durante a Segunda Guerra Mundial. Seu trabalho era extremamente performático e surrealista, mas isso não impedia Cahun de transmitir sua mensagem por meio de fotografias e colagens.

Em resumo, personalidades que fogem ao "normal" imposto socialmente sempre estiveram por aí, e para sempre estarão. O que mudou de lá para cá foi a importância com que trata-se essas personalidades. O foco mudou, a perspectiva também. Depois de anos sendo pouco compreendida, a obra de Cahun ganhou destaque em 2007 quando o cantor David

¹Donatien Alphonse François de Sade, mais conhecido como Marquês de Sade, foi um escritor, político e filósofo francês. Sua obra mais conhecida, "120 dias de Sodoma", foi escrita durante seu tempo de prisão na Bastilha, no século XVIII. Nele, Sade narra aventuras pervertidas de magnatas franceses. Foi por seu teor pouco pudico que o livro só veio a ser publicado em 1904.

Bowie organizou uma exposição multimídia com os trabalhos de Cahun em Nova Iorque. Ou seja, precisou que o tempo passasse para que o reconhecimento chegasse a uma artista que representou uma ruptura imensa na sociedade conservadora francesa em que vivia.

É também muito comum ouvir a tão dita frase "no meu tempo isso não existia", repetida inadvertidamente por conservadores descontentes com o "pode tudo" dos dias de hoje. Mas a realidade é traiçoeira e engana aqueles cuja memória é curta. Como será abordado nos próximos capítulos, a libertinagem, a liberdade sexual e a exploração erótica e cinestésica do corpo — tanto o próprio como dos outros — sempre foi presente, seja hoje, seja no dia em que morderam a maçã.

Se nos encontramos em um momento de ruptura ou não, ainda é cedo para dizer. Mas essa onda de mudanças com certeza diz muito mais respeito ao comportamento de terceiros, e da sociedade como um todo (que agora é outra), do que propriamente de escolhas individuais (que sempre existiram). O que, diga-se de passagem, pode ser ainda mais poderoso para abalar estruturas previamente impostas.

Não é uma missão fácil, ou talvez até possível, olhar para o mundo em que vivemos e apontar com precisão as tendências comportamentais da nossa geração. Mesmo restringindo o alcance geográfico só para o Brasil, a tarefa continua complexa porque, num mundo globalizado, pelo menos sob uma ótica ocidental, costumes e as rupturas reverberam para além das fronteiras. No livro *Entradas e bandeiras* (1981), terceiro volume da trilogia autobiográfica de Fernando Gabeira sobre o período vivido por ele durante a ditadura civil-militar no Brasil (1964-1985), o jornalista narra sua volta para o Brasil depois de anos exilado na Suécia. No livro, menciona que conheceu sua primeira mulher em um restaurante vegetariano — "moda" ainda pouco difundida no Brasil de então — mas reflexo do que a cultura pouco carnívora da Suécia incrustou em sua pessoa. Entre outras situações curiosas narradas por Gabeira, tanto as provocadas pela volta ao seu país natal quanto as causadas pelo choque cultural, ele não menciona especificamente um fato que chamou a atenção de muitos banhistas do Rio de Janeiro. Acostumado com praias do país Europeu, nas quais havia pessoas nuas, Gabeira entra no mar de tanga. E pior: a tanga era tão pequena que quase não cobria o que pretendia cobrir. E pior ainda: ela não era sua, mas sim de sua prima, a também jornalista Leda Nagle. O que na Europa era considerado normal e natural, aqui chegava aos espectadores praieiros com horror.

O juízo de valor entre conceitos de "atraso" e "progresso" cultural, aqui, está fora de discussão, porém, é inegável o fato de que um progresso sempre traz outros. Na época, jornais de fofoca escandalizavam o Brasil com notícias sobre a tal tanga lilás de crochê (que

já se sabe que não era de crochê, nem era lilás). Mas hoje, quem diria, a tanga, além de ser um dos folclores contemporâneos do Brasil, também consta no acervo do Centro Cultural Banco do Brasil.²

Atualmente, cenas como essa, apesar de ainda inspirarem polêmicas, não causam mais o mesmo barulho. Especialmente pelo fato de que se há pessoas para contestarem a liberdade corporal e sexual alheia, há muitas outras que protestam a seu favor. Se for para definir uma característica da atualidade, no que tange novos costumes e expressões sexuais, a mais marcante é a viabilização. Viabilização de expressões, viabilização de comportamentos. A represália pode vir (e sempre vem), mas *pode*.

Ainda que as retaliações individuais sigam persistentes em nossa sociedade — muitas vezes custando a vida de pessoas que se arriscam a, publicamente, explanar suas realidades — as liberdades também são enaltecidas. Pautas caras à comunidade LGBTQIA+ já são abordadas no debate público e já se configuram em políticas públicas de qualidade. Desde o começo da década de 1980, durante a epidemia de HIV, o Ministério da Saúde se aliou a movimentos sociais defensores dos direitos homossexuais para difundir campanhas de prevenção e tratamento da doença. Hoje, nem a AIDS nem o HIV têm qualquer relação com este grupo, sendo um consenso entre cientistas e pesquisadores que não existem grupos de risco (como eram considerados os gays no momento do surgimento da epidemia), mas sim *comportamento* de risco. De toda forma, o tratamento é uma das empreitadas mais bem-sucedidas da política pública de saúde brasileira, sendo referência internacional no combate à doença.

Em 2006, o SUS também introduziu em sua cartilha o direito ao nome social, destinado principalmente a pessoas que não se identificam com o sexo de nascimento. Na mesma esteira, em 2008, foi incluído também nos serviços disponibilizados pelo SUS procedimentos como hormonização, cirurgias de modificação corporal e genital e direito a acompanhamento multiprofissional.³ Mais recentemente, em 2013, o Ministério da Saúde também lançou a "Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transsexuais"⁴, um documento onde são descritas as diretrizes dessa política, objetivos, um plano operativo até o ano de 2015, além da contextualização histórica do movimento LGBT pela garantia de sua saúde enquanto cidadãos.

² <https://bit.ly/História-da-sunga>

³ <https://bit.ly/SUS-Transição>

⁴ <https://bit.ly/Política-Nacional-Saúde>

Para além da possibilidade de amar *quem* quiser, o século XXI demarca a expansão das opções de amar *como* quiser. A sexualidade já não é mais algo que se tem, mas algo que se é, e é exercida das formas mais variadas quanto a imaginação pode ir. Voltando para Sade, os fetiches têm sido cada vez mais enaltecidos e endossados. Com a internet conectando pessoas que jamais se encontrariam de outra forma, aplicativos de relacionamento, de sexo casual, e até de fetiches, juntam pessoas, homens e mulheres, com os mesmo gostos e preferências sexuais para uma experiência conjunta. É o caso do Sexlog⁵, site desenvolvido para pessoas e casais que querem fazer swing, troca de casais, sexo casual, *ménage*, entre outras opções disponíveis. Mesmo com o site tendo sido banido das redes sociais por conta de alguns conteúdos de cunho sexual⁶, o Sexlog hoje conta com mais de 15 milhões de usuários.

Uma boa régua para saber se alguma prática está ou não ganhando mais adeptos é a adesão do mercado na empreitada. Acessórios como chicotes e algemas para a prática de BDSM, sigla em inglês para Bondagem e Disciplina, Dominância e Submissão, estão presentes em basicamente qualquer *sex shop*. Bonecas e animais infláveis, idem. Com a difusão abrangente de pautas feministas de liberdade sexual e "direito ao gozo" de mulheres, elas são também alvo de uma enxurrada de dispositivos, vibradores, plugs e toda sorte de brinquedo erótico para incentivar o prazer sexual femininos, tanto sozinhas quanto em casal.

Casal que, aliás, foi uma das instituições mais contestadas nos anos recentes pela onda liberal. Casais não mais implicam a união de duas pessoas, às vezes nem de três. Relacionamentos abertos e casais poliamorosos entraram em cena como alternativas viáveis, e menos hierárquicas e patriarcais, ao modelo tradicional de namoros e casamentos. O tradicional, aos poucos, vai dando lugar ao novo e ao antes impensado. Não que modelos tradicionais de amar, se relacionar e exercer a sexualidade estão sendo esquecidos, mas a ideia de que são as únicas possibilidades já foi superada.

2.2 ASCENSÃO E QUEDA DO AMOR ROMÂNTICO

No que diz respeito a relacionamentos, a instituição mais antiga de que se tem conhecimento é o casamento, mas ele nem sempre foi como se conhece hoje. Desde as mais ancestrais civilizações, o casamento era visto como uma associação estratégica, alheio a sentimentos de qualquer sorte, prezando apenas pela aliança que tal união poderia trazer entre duas tribos, ou mais tarde, famílias. Na Idade Média, o método aplicado ao casamento é

⁵ <https://bit.ly/Site-Sexlog>

⁶ <https://bit.ly/Reportagem-Sexlog>

basicamente o mesmo, apesar de obedecer a maiores burocracias, muitas delas impostas pela Igreja Católica. O casamento fazia parte de acordos político-econômicos, a fim de manter a soberania dos senhores feudais e perpetuar o sistema de suserania e vassalagem entre as famílias. Era um esquema de anexação de terras e enriquecimento, assunto muito sério para que dele fizesse parte o amor (LINS, 1997). Beijos, carícias, e outras expressões físicas eram raras, especialmente quando atreladas a afeições sexuais.

Uma vez transformado em sacramento, a Igreja controlava tanto as regras do casamento, que incluía punições para quem não as obedecesse. Uma mulher, por exemplo, suspeita de adultério ou acusada de perder a virgindade antes de se casar, poderia ser rejeitada pelo marido e devolvida à família. Com isso, assistia-se à institucionalização da sexualidade e do instinto erótico, relegando ao ato sexual a função única de procriar, posto que só poderia ser praticado com o cônjuge. O prazer, além de pecado a ser punido no Juízo Final, era rechaçado pela lei dos homens, e às mulheres restava aceitar seu papel de subserviência monogâmica e maternal (LINS, 1997).

Foi apenas no século XVIII que o amor passou a ser, antes de requisito, uma possibilidade para o casamento. As sociedades deixavam para trás modelos antigos de governo e o Estado deixa de exercer soberania incondicional sobre seu povo. As ideias iluministas inspiravam não apenas "liberdade, igualdade e fraternidade" na França, mas deram novo sentido às transformações culturais, políticas e econômicas pelas quais o mundo passava. Com início na Inglaterra entre o século XVIII e XIX, a Revolução Industrial, além de inovar a forma de produzir e consumir, fez nascer os centros urbanos — principais catalisadores da vida tal como é conhecida na Idade Moderna: complexa e coletiva.

A família deixa de ser uma microssociedade particular para que a socialização se dê para além do ambiente doméstico. A partir de então, crescer em comunidade encoraja a prolongação da adolescência e mais anos investidos na educação, o que causa o adiamento da emancipação financeira e, por consequência, do casamento. Nasce, portanto, uma nova forma de relacionamento baseado no amor romântico.

Por “amor romântico”, neste trabalho, entende-se o amor apaixonado e idealizado, quando o propósito almejado para o relacionamento é a codependência entre duas pessoas, em que a imagem única do indivíduo se confunde com a personalidade da entidade "casal", sem lhes faltar nada (GIDDENS, 1992; LINS, 2017). Admitindo o amor romântico como uma ideia presente na sociedade desde meado do século XX (LINS, 2017), a imagem do casal que se completa, como duas metades de uma laranja, é imposto como ideal de

felicidade ao mesmo tempo que exclui outras possibilidades de relação, gerando sofrimento pela busca incessante de um modelo que muitas vezes é impossível de ser alcançado.

É desafiador imaginar que há apenas alguns séculos a união entre duas pessoas não passava de acordos financeiros estrategicamente pensados, sendo que hoje reconhecemos nas diversas formas de se relacionar expressões de amar e ser amado, sendo a reciprocidade um dos principais pré-requisitos. Tamanho é o estranhamento que países onde o casamento arranjado ainda é uma realidade, como Índia ou Níger, são vistos sob o olhar de reprovação dos que julgam o casamento uma escolha, não doutrina.

A origem do amor romântico teve em primeiro lugar função domesticante da juventude, como forma de incentivar a repressão dos impulsos sexuais. Para Anthony Giddens (1992), sociólogo inglês, existe uma importante diferenciação entre o que ele chama de *amor apaixonado* e *amor romântico*. Apesar de ambos serem caracterizados pela idealização da pessoa amada, além de estabelecer uma conexão genérica em amor e sexualidade, o primeiro "possui um caráter de urgência que o coloca à parte das rotinas da vida cotidiana" (p. 48), o que pode ser perigoso pela ótica dos deveres e compromissos sociais. O amor romântico incorpora a ideia do amor sublime, predominando sobre o ardor sexual.

Frequentemente considera-se que o amor romântico implica atração instantânea - "amor à primeira vista". Entretanto, na medida em que a atração imediata faz parte do amor romântico, ela tem de ser completamente separada das compulsões sexuais/eróticas do amor apaixonado. O "primeiro olhar" é uma atitude comunicativa, uma apreensão intuitiva das qualidades do outro. É um processo de atração por alguém que pode tornar vida de outro alguém, digamos assim, completa. (GIDDENS, 1992, p. 51)

Adaptado à nova praxe, o controle exercido pela Igreja Católica sobre os relacionamentos passa a ditar — ao longo da construção secular da moral sexual e da moral matrimonial — que a primeira experiência sexual da mulher deveria ser na noite de núpcias. Em algumas tradições, a virgindade da mulher era algo tão importante que na manhã seguinte ao casamento, o marido expunha os lençóis ensanguentados para os familiares, como prova concreta da defloração. Caso contrário, se não houvesse sangue ou qualquer prova de sua virgindade, o casamento poderia acabar sem nem mesmo ter começado.

Com o controle da sexualidade pré-marital, mais uma vez o sexo se restringe à reprodução, fazendo do casamento e do prazer peças que não encaixam. É importante ressaltar que a regra não era universal, e as punições recaíam sobre as mulheres com muito mais rigor do que sobre seus parceiros. À mulher que experimentava sua sexualidade antes de

casar-se, e era descoberta, sobrava apenas a vergonha e a solidão, uma vez que não poderia mais ser o objeto amado de ninguém, e portanto, não casava. De uma forma distorcida, criava-se a partir dessa percepção um preceito sobre o amor romântico que perdurou por anos: quem se ama, não se deseja.

Evidentemente, o amor está sujeito a tanta regulação quanto qualquer outra substância poderosa que induza ao prazer. Seja ou não uma fantasia que acalentamos enquanto nos agrada, existe uma quantidade interminável de instrução social para nos dizer o que ele é e o que fazer com ele, e como e quando. A quantidade de conselhos sobre como amar é quase tão infinita quanto são limitadas as formas aprovadas que ele assume (LINS, 2017, p. 64).

O amor romântico se molda originalmente no objeto do ser amado — alguém difícil de possuir e extremamente precioso. As investidas se davam de forma poética, quase etérea, cheias de simbolismos e idealização da pessoa amada, e o amor era visto como uma dádiva a ser preservada em toda sua pureza, sem intervenções erráticas do desejo sexual. A ideia de romantismo, ilustrada nas inúmeras obras literárias e em personagens como *Romeu e Julieta*, de Shakespeare — ambos dispostos a dar sua vida por quem se ama —, bebe desse mesmo conceito de amor.

O amor romântico não significa apenas amar alguém; significa "estar apaixonado". Este é um fenômeno psicológico muito peculiar. Quando estamos "apaixonados", acreditamos ter encontrado o verdadeiro sentido da vida revelado num outro ser humano. Sentimos que finalmente nos completamos, que encontramos as partes que nos faltavam. A vida, de repente, parece ter atingido uma plenitude, uma vibração sobre humana, que nos ergue acima do plano comum da existência. Para nós, estes são os sinais seguros do "amor verdadeiro". Este conjunto psicológico inclui uma exigência inconsciente de que o nosso amante ou cônjuge nos alimente continuamente com esta sensação de êxtase e de emoção intensa. (JOHNSON, 1987, p. 2)

O amor romântico — tal como passou a ser entendido no século XIX — passou por gerações, e, apesar de o poder exercido pelos anos ter modificado muitos de seus aspectos, uma característica permaneceu intacta: a busca pela "pessoa certa". Inalcançável, o mito do par perfeito se tornou inquestionável, fazendo com que ambos buscassem o que conhecemos como "alma gêmea", alguém que nos completa em todos os sentidos. Para esse tipo de sentimento, o "eu" se torna "nós" e a simbiose entre duas pessoas distintas dá origem ao casal, uma entidade isolada de todo o resto.

Como prova de amor, o casamento agora aparece como um rito selador do compromisso com o outro, até que a morte os separe. Contudo, no desdobramento histórico

desse amor, ou na tentativa de seu alcance, a realidade se provou mais complexa que a imaginação, e o resultado aos poucos foi se revelando impraticável. Misturado com trivialidades como filhos, sexo, boletos, casa, e estresses em geral que acompanham o estabelecimento moderno e urbano de uma relação a dois, o amor romântico já não parecia mais tão interessante assim. Essa transformação se dá no tempo, e tem seus ápices nos chamados anos loucos ou no período da contracultura, para citar dois.

Por não passar de idealização, o amor romântico não sobrevive à intimidade proporcionada pelos relacionamentos duradouros. Passada a fase da paixão, na qual o outro parece sempre mais e melhor do que realmente é, os envolvidos se vêem obrigados a conviver com uma pessoa real, com defeitos muitas vezes irreparáveis. E aos poucos, a instituição começa a ser desvendada, como há tempos anunciava o poeta francês Charles Baudelaire: “O casamento é um oásis de horror em um deserto de monotonia”.

Quem resume a situação vivida por muitos é o filósofo francês Pascal Bruckner. Ele acredita que no passado o casamento matava o amor, pois se era obrigado a casar não necessariamente com a pessoa amada, e que hoje é o amor quem mata o casamento, exatamente devido à expectativa ilusória imposta ao real. Ele explica:

Vivemos uma mistura de romantismo agudo e consumismo sexual exacerbado, uma era em que amamos a ideia do amor acima de tudo. [...] É óbvio que isso conduz a um esgotamento, porque o amor é submetido ao regime da performance. Esse amor do amor faz com que abandonemos uns aos outros assim que advém qualquer decepção. Esquece-se que amar é aceitar as fraquezas do outro e as nossas próprias, construir algo ao longo do tempo, à base de falhas, oscilações, mudanças de intensidade do sentimento. (BRUCKNER, 2014, online)

Refletidas não apenas no amor, as decepções causadas pelo choque entre idealização e realidade também afetam o desejo sexual, e mais uma vez imagem de provedor universal atribuída ao amor romântico cai por terra, por ignorar um fator crucial inerente ao ser-humano: sua natureza primitiva. A partir do momento que uma necessidade tão natural passa a ser negada, seja pelo outro, ou pela própria ausência do desejo, as mudanças comportamentais passam a ser mais admissíveis. Ao invés de partir para a experimentação de novas possibilidades, ou revisar as regras sob as quais se vive o relacionamento, aceita-se o princípio ditado pelo amor romântico da felicidade conjugal. Para a surpresa de poucos, confrontada com os longos anos ao lado de uma mesma pessoa, essa opção, por ser única, pode se tornar sufocante.

Desde a década de 1970, mulheres se veem diante da possibilidade da separação, a qual, durante longos anos, foi, apesar de legal, mais um estigma a ser carregado. No Brasil,

segundo pesquisa feita pelo IBGE em 2017, um em cada três casamentos resultaram em divórcio. Porém, a separação não é mais a única saída para um conceito de amor que define um pouco a cada dia, assim como a vivência da sexualidade não pertence somente à vida a dois. A decadência do amor romântico enfrenta problemas frente às novas possibilidades de pares afetivos. A idealização do amor está atrelada ao amor heterossexual e monogâmico da "família tradicional", e uma vez que essas bases são questionadas, o amor romântico também tem sua estrutura balançada.

Ocorre que estamos no meio de um processo de profunda mudança de mentalidade. A busca pela individualidade caracteriza a época em que vivemos. A grande viagem do ser humano é para dentro de si mesmo. Cada um quer saber quais são suas possibilidades na vida, desenvolver seu potencial. O amor romântico propõe o oposto disso; prega que os dois se transformam num só, havendo complementação total entre eles. (LINS, 2017, p. 31).

As relações modernas estão em processo de amadurecimento em que tudo passa pelo processo de resignificação — seja o amor, os relacionamentos, o sexo, a sexualidade, ou a junção de todos esses elementos. Hoje não possuímos uma sexualidade, nós a somos, e as expectativas sobre o prazer se individualizaram. O "nós" passa a ser questionado, paulatinamente dando lugar ao "eu e você" como seres individuais, com vontades próprias e desejos singulares. Novas formas de amar nascem a todo instante, e se um período histórico é sempre tão diverso e mutável quanto as pessoas que nele vivem, talvez estejamos vivenciando a época propícia para a expressão múltipla e livre do ser. Nunca amar e ser amado significou tanto.

3. DE ONDE VIEMOS: MARCOS DE UM TEMA POR EXCELÊNCIA

Assim como nos capítulos anteriores foi feito um breve panorama de até onde chegamos como sociedade no que diz respeito a pautas relacionadas a comportamento, sexo, relacionamentos, identidade e sexualidade, os próximos capítulos vêm para nos situar no tempo e lembrar que não chegamos até aqui à toa, e muito menos em um piscar de olhos. Os caminhos tortuosos da história vão e voltam, ora mais próximos ao retrocesso, ora indo rápido (às vezes até demais) ao progresso e à liberdade.

A intenção dessa retrospectiva em nenhum momento foi a de retroceder até os tempos imemoriais, apesar de se admitir que enquanto existiram homens e mulheres na terra, a história do sexo começou a ser contada. Mas como essa proposta é ousada demais, optei por tratar de alguns marcos importantes, significativos e que resumem bem a história que temos trilhado até aqui. São, como diz o título deste capítulo, marcos de um tema por excelência, que vão desde a Era Vitoriana, no século XVIII até a década de 1980, ponto em que termino o último subcapítulo, abordando a questão da Aids e do temor ao sexo que se instalou na época. De uma repressão a outra, intermediadas por deliciosas festas, luxúria, rebeldia e liberdade. É assim que se seguem as próximas páginas.

3.1 O SEXO NO SÉCULO XIX: DA ERA VITORIANA À BELLE ÉPOQUE

Exemplo explícito do pêndulo oscilante que é a história, tem-se a partir do início do século XIX um período muito diferente do que o experimentado anteriormente. Também chamado de era vitoriana, em alusão ao longo reinado da rainha Vitória⁷ na Inglaterra, o mundo ocidental viu de repente seus desejos e paixões encobertos pelo pudor do romantismo. Uma época mais livre e experimental ficava cada vez mais no passado enquanto ganhava espaço a afetação desenfreada. O amor que antes se reconhecia na exigência da carne e no distanciamento sentimental, agora tinha como primazia a total entrega do espírito às emoções.

Publicado em 1774, uma das obras que deram o tom da época foi o clássico *Os sofrimentos do jovem Werther*, de Wolfgang Von Goethe. Inspirado em fatos autobiográficos, o livro narra a história de um jovem que, inteiramente tomado pelas dores de um amor não

⁷ Alexandrina Vitória Regina (1819-1901) foi rainha da Inglaterra durante 63, de 1837 a 1901, quando faleceu. A era vitoriana foi um período de grandes mudanças cultural, industrial e política, porém quanto aos costumes, a rainha era austera, resguardada e conservadora, principalmente em relação às mulheres, comportamento que refletiu sobre a sociedade que comandava durante o período em que esteve no poder.

correspondido, não enxerga outra solução senão a morte. Sem querer, Goethe, por meio de Werther, traduz o movimento em curso do século da sensibilidade e todas as dores que ela carrega consigo. Amar para os românticos é sofrer, mas não a dor comum, física e terrena. Trata-se de uma delicada e, por ironia, impetuosa aflição espiritual. O livro marcou tanto a época que algum tempo após o lançamento, quando todos já sabiam e se identificavam com o jovem sofredor, houve na Alemanha uma curiosa sucessão de suicídios. Se foram todos por amor não se sabe, mas é certo que nesse momento começava a ficar claro que o amor e o sexo tinham dado alguns passos para trás em se tratando dos costumes.

Porém, um livro sozinho, apesar de influente e marcante, não tem a força revolucionária para mudar tradições e a cultura de um povo. Pelo menos não como... uma revolução. Na esteira dos acontecimentos do final do século XVIII, o questionamento popular sobre seus líderes e formas de liderar — culminando na guilhotina para muitos absolutistas — foi sendo semeado organicamente, atingindo o ápice em 1789, com a Revolução Francesa. Ao pregar valores de liberdade, igualdade e fraternidade de forma tão ousada, capazes de ecoar até hoje, os franceses conseguiram inspirar todo um Ocidente que carecia de liderança.

As influências políticas e ideológicas desencadeadas pela Revolução Francesa foram radicais e extremamente profundas. Além de ocorrer em um dos países mais populosos e poderosos da Europa na época, foi um movimento de massa que desejava, além de cortar cabeças e destituir seus governadores, abandonar o modelo de sociedade no qual viviam. E para que novas tradições e costumes fossem estabelecidos, era preciso deixar velhas influências para trás.

Incluída no pacote de costumes ultrapassados e antagônicos à boa convivência, as trocas interpessoais, tais como as festas, salões, flertes, etc, também foram rechaçadas. Inimiga da vida privada e das depravações sexuais, a Revolução, apesar de transmitir valores democráticos e igualitários, fez do século XIX terreno infértil para desejos, fantasias, e tesão. A lascívia, além de ser encontrada no mais ingênuo dos gestos, volta ao posto de blasfêmia.

As trocas de galanterias entre os sexos, o flerte, o gosto pela conversação, a mistura, de gente nos salões, tudo o que compunha a o charme do Antigo Regime e favorecia a eclosão do sentimento amoroso foi combatido pelos revolucionários. Para eles, aqueles costumes evocavam as intrigas, as depravações, e as manipulações ocultas das mulheres. A Revolução matou as trocas. A civilidade das maneiras e do espírito foi substituída por uma forma de ideal heroico, viril, revivescência da ideologia espartana ou romana. (LINS, 2012, p. 79)

Desde o início, o século XIX foi marcado pelo sentimento romântico em seu significado mais poético e sublime, o que hoje seria chamado de melodramático. A ideia de que o amor poderia estar mais ligado ao lado sexual, muito presente no período imediatamente anterior, era prontamente desfeita. As convicções libertárias não condiziam mais com a realidade reprimida e repressiva do romantismo. O amor passou a ser visto como uma graça a ser alcançada, um desejo irretocável, a tradução humana de tudo o que era superior e divino. Retrocede-se, então, para o imaginário de relacionamentos puros e assépticos — o contato era entre almas e não entre corpos. Sexo, por sua vez, voltou do jardim das delícias para suas obrigações reprodutivas, sendo visto como pecado e não mais como prazer.

A repressão funciona, decerto, como condenação ao desaparecimento, mas também como injunção ao silêncio, afirmação de inexistência e, conseqüentemente, constatação de que, em tudo isso, não há nada para dizer, nem para ver, nem para saber (...). (FOUCAULT, 2009, p. 8)

Outro clássico literário, mais tarde adaptado para o cinema, traduz de forma sintética, mas marcante, a excitação sexual. Ambientado na virada do século XIX, *Orgulho e preconceito*, escrito por Jane Austen, conta a história da jovem Elizabeth Bennet que, apesar da insistência dos pais, está decidida a se casar apenas por amor. Mesmo depois de achar seu par romântico no enredo, o sr. Bennet, Elizabeth tem orgulho demais para se dizer apaixonada e ele preconceito pela jovem não tão abastada. Em dado momento, ambos se encontram novamente, seguido provavelmente pela cena mais discretamente sensual interpretada: Bennet acompanha Elizabeth até sua carruagem, estende a mão para ajudá-la a subir os degraus, vira-se e vai embora. Enquanto isso, o close na sua mão, desmente o distanciamento do seu olhar: enquanto anda para longe, estica a mão e os dedos, como se sentisse o toque da amada reverberando por todo seu corpo. Desse ponto até o final feliz, a história corre como bom fruto do romantismo, com desencontros, sofrimento, dúvida, enfim, um amor difícil e gravemente sentimental (AUSTEN, 1813).

De repente, homens e mulheres, principalmente os pertencentes à burguesia ascendente, foram tomados por uma vontade intensa de abrir seus corações para que sentimentos ardorosos o pudessem preencher, deixando de lado as pulsões sexuais, tais quais eternas crianças desprovidas de desejos, mas cheias de imaginação. E tal comportamento não poderia ser acompanhado senão por novos personagens que cultivavam entre si um jogo de performances castas e pueris. As investidas se tornaram mais sutis e sofridas, como se a pessoa amada fosse uma conquista somente possível de ser adquirida a duras penas. Retratada

muito bem na literatura romântica, os discursos se rechearam de metáforas, uma vez que o flerte passou a ser considerado impróprio. O que acendia a chama do amor eram movimentos, rubores, olhares, o perfume da amada, e toda sorte de sutileza que fazia somente elevar a fascinação sublime pelo encontro amoroso.

Ao mesmo tempo em que os homens adotavam postura viril e reviviam o ideal encorajado pela crença na superioridade do sexo masculino, às mulheres restava incorporar o papel de “boa moça”. Passiva, era ela quem recebia cortejo, nunca os incitava. Suas normas de conduta determinavam que a mulher ideal era pálida, lânguida, dedicada ao lar e bem instruída — mas nem tanto. Deveria saber tocar piano e ler romances, enquanto ciências exatas e naturais eram reservadas aos homens. Ou seja, deveria ser frívola, bonita e submissa. Beirando o cruel, mulheres também eram instruídas a usar espartilhos que afetavam a respiração e deformavam órgãos, e, caso desmaiassem, precisavam fazê-lo de acordo com um manual, para que fossem graciosas até inconscientes.

Inconsistências existem em todas as sociedades, em todas as épocas, porém o século XIX foi um período de paradoxos. Idolatrava-se mulheres como seres angelicais e puras, mas se despejava sobre elas o fardo da inferioridade castradora de liberdades; o sentimentalismo e sensibilidade, quase obrigações, existiam apenas enquanto o amor permanecesse no mundo das ideias, e tão logo fosse consumado. O espírito patriarcal e antiquado era incumbido de levar embora a ternura; repudiava-se o sexo e todas suas expressões na mesma medida em que se era obcecado por ele — chegando a casos histéricos em que se cobria as pernas dos pianos por serem consideradas obscenas. O prazer não condizia nem com a natureza humana, nem com casamento, e muito mesmo com o amor. Sexo servia para reprodução no caso das mulheres, e para o esvaziamento do desejo no caso dos homens.

Contudo, o século da repressão não poderia deixar de ser também o século da hipocrisia — apenas mais um paradoxo à extensa lista. Ao mesmo tempo em que se taxava as práticas sexuais de perversão, até então a produção pornográfica nunca havia sido tão extensa e prolífica quanto na era vitoriana. Como o desejo sexual, em especial nas mulheres, era algo degradante e vexatório, e o sexo não passasse de uma arma obrigatória da natureza, era comum que casais nunca se vissem nus. Camisolas especiais para mulheres foram desenvolvidas com buracos em frente aos órgãos sexuais para que o ato pudesse ser consumado da forma mais mecânica e incorpórea possível. Era de se esperar que, ao não encontrar satisfação em casa, muitos homens procurassem outras alternativas para suas vontades. E acharam. A prostituição e a pornografia floresceram larga e escancaradamente, porém sempre por debaixo dos panos. Todos sabiam, mas nada se falava.

Se for mesmo preciso dar lugar às sexualidades ilegítimas, que vão incomodar noutra lugar: que incomodem lá onde possam ser reinscritas, se não nos circuitos da produção, pelo menos nos do lucro. O *rendez-vous* e a casa de saúde serão tais lugares de tolerância: a prostituta, o cliente, o rufião, o psiquiatra e sua histérica (...). (FOUCAULT, 2009, p. 8)

Coincidência ou não, os ânimos da patrulha romântica começaram a arrefecer após a morte da rainha Vitória, em 1901, acabando simbolicamente com a era vitoriana e dando início a um período um pouco mais livre e licencioso: a Belle Époque⁸, compreendida entre 1880 até o final da Primeira Guerra, em 1918, é o começo do fim da repressão. O clima artístico e intelectual permeia as cidades, cada vez mais urbanizadas, e a moral vigente até então passa a ser questionada pelas mesmas pessoas que um dia a garantiram. As inovações tecnológicas e as transformações culturais convencem corpos e mentes de que está na hora de mudar, porém uma coisa permanece a mesma: Paris ainda é o centro do mundo ocidental. E continuará sendo por muito tempo.

As mudanças são sutis, porém coletivas. O status da mulher também se transforma. Não precisava mais adotar comportamento assexual, nem era vista como completamente passiva ou submissa, e a emancipação feminina era finalmente plausível. Assim como a moda refletia a castidade no início do século, a Belle Époque tirou muito peso, literalmente, das mulheres por meio de vestimentas mais simples e que não demandavam cobertura total do corpo, nem toda pompa. Com corpos à vista e maior mobilidade, um símbolo da liberação feminina no final do século XIX foi a bicicleta, momento em que muitos veículos de propaganda foram obrigados a reconhecer tais mudanças comportamentais, abandonando a exaltação à esposa dona de casa e mãe para oferecer anúncios que prometiam independência.

O imaginário erótico volta, então, a ser construído e idealizado, tanto pelos solteiros que se viam novamente diante da possibilidade de instigações sexuais, quanto no casal, mais erotizado e ao qual era permitido um melhor proveito da libido. Com o decorrer do tempo e a internalização das transformações que a sociedade impuseram à intimidade, homens e mulheres passaram a se reconhecer paulatinamente como reféns da própria moral, e a sofrerem por isso. Sem tantas roupas no caminho, mulheres dando os primeiros passos para um futuro mais empoderado, com a admissão dos prazeres contidos, e finalmente, com a crescente valorização da individualidade, vão se abrindo os caminhos para o novo século que chega no horizonte (LINS, 2012).

⁸ Compreendido por historiadores entre o final da guerra Franco-Prussiana, em 1871, e a eclosão da Primeira Guerra Mundial, em 1914, o termo se refere também ao clima de efervescência intelectual e experiência cosmopolita da sociedade e da cultura que surgia na Europa, e em especial na França.

3.2 1920: OS ANOS LOUCOS

O clima artístico e intelectual iniciado no final do século XIX, potencializou-se exponencialmente nas décadas que seguiram. A maior permissividade da Belle Époque foi aos poucos dando forma à miscelânea infinita de estilos de vida e personalidades que marcaram o início do século XX.

Paris ainda era o centro do mundo ocidental, e dividia a cena com outros grandes centros urbanos detentores de grande capital cultural, como Viena, Munique, Berlim e Nova York. Matisse, Picasso, Gertrude Stein, Hemingway, Zelda e Scott Fitzgerald, Thomas Mann, Stravinsky, Coco Chanel, Braque, Kafka, Freud, Nijinski, Proust, Man Ray, Buñuel, Virginia Woolf, Rilke e Duchamp foram grandes personagens que coabitaram o mesmo tempo-espaço, para citar apenas alguns, fazendo com que a excitação sentida ultrapassasse corpo e mente — ela estava no ar (ILLIES, 1971).

Resumida em uma expressão, talvez possa se definir essa época por *zeitgeist*, ou espírito do tempo. Possivelmente nunca mais uma quantidade tão grande de pessoas estivesse ao mesmo tempo envolta na mesma atmosfera progressista como então. Se a lista se estender, pode-se incluir palavras-chave como caos, tumulto, inquietação, efervescência, agitação. É tudo muito e demais. A junção frenética do movimento com a vontade de não ficar parado. O modernismo e todas as vanguardas tomavam conta não apenas de paredes de museus ou partituras musicais, mas conquistaram mentes e corações numa desenfreada celebração do futuro. Emprestando a sucinta definição de Kafka, essa foi, de fato, uma "época nervosa".

No Brasil, foram anos marcadamente inovadores também, com grande influência das artes e literatura no corpo social. Ápice da polêmica modernista, tem-se em 1922 a Semana de Arte Moderna em São Paulo, idealizada por vanguardistas da época. Dentre alguns, estavam Anita Malfatti, Oswald de Andrade, Di Cavalcanti, Mário de Andrade e Heitor Villa-Lobos⁹.

Os anos loucos por definição histórica começaram ao fim da Primeira Guerra, em 1918 e se estenderam até 1929, com o *crash* da Bolsa de Nova York¹⁰, mas foram seus antecedentes que deram escopo para tal espírito libertário e jocoso. As novidades, cada vez

⁹ Apesar de admitir que movimentos culturais que influenciaram a época também aconteciam simultaneamente no Brasil, a pesquisa não entrará nesse debate, tendo em vista que os "Anos Loucos" dizem respeito majoritariamente à conjuntura europeia.

¹⁰ O *crash* da Bolsa de Nova York, ocorrida em 1929, deu início à chamada Depressão Americana, momento de grave crise nos Estados Unidos, com queda na valorização do dólar que levou a altas taxas de desemprego, falência de empresas e miséria social. Por conta da grande influência estadunidense em diversos outros países, o *crash* impactou o mundo inteiro, inclusive a Europa e o momento de prosperidade vivido por lá.

mais tecnológicas, pareciam se espalhar como o vento, tão rápida era a adesão coletiva aos acessórios contemporâneos. Em 1910, o automóvel era a realidade de muitas pessoas e rapidamente se tornou mais um adereço da paisagem urbana. Além disso, as ferrovias já se ramificavam por toda a Europa, favorecendo as viagens e a comunicação. Com a locomoção mais rápida e simplificada, as dimensões geográficas foram ressignificadas e eram poucos os lugares onde não se podia chegar. Com pessoas conectadas à cidade, e cidades conectadas entre si, o mundo finalmente parecia um só.

Florian Illies, historiador e escritor do livro *1913: antes da tempestade*, resume em pouco menos que 400 páginas alguns dos acontecimentos mais importantes deste ano "em que tudo aconteceu", com ênfase em todas suas coincidências e reverberações tempo a fora. Desde a primeira sintetização do ecstacy, passando por diversos conflitos (extra)conjugais de personagens famosos, até o dia em que Kafka chorou no cinema, Illies faz, mês a mês, o retrato falado inconfundível não apenas de um ano, mas de um momento histórico. A seguir, parte de seu resumo de Fevereiro:

Vai começar: em Nova York, a exposição "Armory Show" aparece como *big bang* da arte moderna, Marcel Duchamp apresenta seu *Nu descendo a escada*. Daí em diante, só ascenderá. Fora isso: nus por toda parte, sobretudo em Viena, como Alma Mahler nua (junto a Kokoschka) e todas as outras vienenses de Gustav Klimt e Egon Schiele. Outras despem as almas, por cem coroas a hora, para o doutor Sigmund Freud (...). (ILLIES, 2016, p. 43).

Para o autor, aos poucos a sociedade se libertava do conservadorismo herdado das gerações anteriores, "travando novas batalhas contra o inconsciente, sonhos, música, arte, lógica e moral". Os anos que precederam a guerra foram de convivência simultânea entre perpetuação de preceitos antigos — muito profundamente enraizados para serem subvertidos por completo — como é o caso da crença romântica no amor único e edificante, e a redescoberta da paixão pela subversão. Qualquer conceito pacificado, fosse ele moral, artístico, espiritual, psicanalítico, e por aí vai, estava em suspenso até segunda ordem.

Com a explosão da Guerra, os ânimos arrefeceram, mas não por muito tempo. A Europa, epicentro de absolutamente tudo que era importante naquele momento, também foi palco de grandes destruições bélicas. Muitos dos grandes artistas e pensadores da época se mantiveram trabalhando durante o conflito, produzindo obras inclusive sobre ele. Mas era inegável que a vida não era mais a mesma. Sem os prazeres de uma vida livre, todo o resto era comprometido, como numa bola de neve. Logo após o fim da Guerra, o mundo viu outra batalha bater à sua porta, dessa vez mais silenciosa e quase invencível: começa a epidemia de

gripe espanhola. Tudo ensaiava em voltar ao normal, mas durante dois anos a doença, que colocou a população sob quarentena, contaminou cerca de um quarto da população, deixando entre 17 e 50 milhões de mortos. Não por acaso, a epidemia durou até 1920. Para uma sociedade que passou por uma guerra e por uma epidemia em menos de uma década, cada resquício de liberdade contava, e perder tempo não era uma opção, pois sabe-se lá o que o futuro reservava.

Se não agora, quando? Foi com essa mentalidade que se deu início aos anos mais loucos e espontâneos do século XX. A virada da década veio juntamente com uma anistia coletiva, permitindo novos recomeços. Homens e mulheres retornavam às ruas e liberdade erótica acompanhava a revolução artística empreendida por tantos. Por um breve momento, tudo que dizia respeito ao amor, sexo e costumes se confundiu, dando origem à complexa amálgama de ideias e comportamentos que regiam os anos 1920. O amor moderno viu surgir vozes poéticas que o cantavam, sem fazer distinção entre corpo e mente, razão e emoção como antes. A paixão podia ser sensual, e vice-versa. Era o verdadeiro império dos sentidos.

Com a retomada da vida social, eventos e festas, os encontros se tornaram frequentes e agitados. Cafés estavam na moda, e a boemia tornou-se uma espécie de democracia revisitada dos *bon-vivants*: juntava desde a mais alta classe, tanto econômica quanto intelectual e criativa, até o mais banal dos homens que da vida queria apenas o prazer e divertimento. Com o tempo, os indivíduos se emanciparam das amarras familiares, religiosas e morais — resquícios da era vitoriana — para abrir espaço para experimentações que não incluíssem inibições frustrantes, repressões antiquadas ou a ameaça pecaminosa de um corpo desejanste. Dessa forma, como diria Hemingway, Paris virou uma festa (WISER, 2009).

O momento não era exatamente de prosperidade econômica na França, que estava aos poucos se reconstruindo após o término da Guerra. Porém, com a cotação do franco extremamente baixa, o câmbio com outras moedas era valorizado, em especial o dólar, atraindo muitos turistas e nômades à procura do umbigo cultural do mundo, nesse caso, Paris. Não foram poucos os americanos que fizeram história na França dos anos loucos, como é o caso dos Fitzgerald, Gertrude Stein e seu irmão Leo, Ezra Pound, William Carlos Williams e Sylvia Beach, dona da livraria mais tradicional da cidade, Shakespeare and Company, onde vendia e emprestava livros de literatura americana. Além dos estadunidenses, outro êxodo trouxe mais personagens para a cena parisiense: a queda da Rússia czarista na Revolução Russa, e a conseqüente tomada de poder comunista, levou muitos aristocratas depostos de seus privilégios a deixarem seu país rumo ao Ocidente. Entre os que formavam a pequena

comunidade em Paris da saudosa Rússia estavam Nijinski, Sergei Diaghilev, Leon Trotski, Igor Markevitch e Stravinsky (ILLIES, 2016).

Depois de tanto horror, o mundo precisava de uma nova brisa soprando sobre a vida, e, refletida nas artes, essa tendência de mudança libertadora passou a inspirar cada vez mais artistas. Naquele momento, tudo era espontâneo, passageiro, e o futuro, incerto. O que só fazia aumentar a aposta para o que estaria por vir: a Picasso já não mais interessava o cubismo — que ele mesmo ajudara a criar — e ingressou em sua fase neoclássica. Sergei Diaghilev, produtor dos Ballets Russes, optou pelas ideias vanguardistas e decidiu juntar Picasso e Stravinski em um projeto de balé. O dadá¹¹ tomava conta de Paris, trazido de Zurique por Tristan Tzara, para causar alvoroço e por que não raiva de seu público, com seus *ready-mades* e poemas retirados de manchetes de jornal. Vivia-se o ponto crítico de um novo começo.

Com o período de melhoria econômica e abundância social, tudo começou a ficar mais agitado. O hedonismo, tão maltratado pela hostilidade humana, via brechas para que pudesse se manifestar — fosse numa taça de champanhe ou numa xícara de café. Não eram mais as longas jornadas de trabalho que definiam o status de um homem, mas as horas que perambulava entre um *terrasse* e outro, e quantos amigos encontrava pelo caminho — e *quais* eram seus amigos, já que o conceito de "panelinha" cai como uma luva para os integrantes da nata intelectual e artística da época. As castas sociais poderiam até continuar sendo em parte econômicas, mas eram de outra ordem.

Quanto às vivências do corpo e seus prazeres, agora o beijo na boca era permitido e passava a ser uma prática social; os *rendez-vous* e os encontros marcados, também. Saias e cabelos mais curtos surgiam junto com a moda *à la garçonne*, inaugurada por Coco Chanel, que ainda não era a Coco Chanel, mas já vestia preto; cinturas mais baixas e menos sufocadas por espartilhos davam lugar a vestidos soltos cheios de penduricalhos tão dançantes quanto as mulheres que os vestiam. O movimento e euforia dos anos loucos se via na moda, nas danças de charleston, no vigor da agitação da champanhe antes de estourá-la e nas intermináveis festas. Tudo era expansivo, tudo era demais, e o progresso, além de sentido pelo *zeitgeist*¹², era também visível.

¹¹ Por dadaísmo se entende um movimento artístico de vanguarda que propunha a arte de protesto, que chocasse por sua estranheza e distinção do que era chamado "arte" na época, com regras e modelos. Seu seguidor mais famoso foi Marcel Duchamp, que inaugurou no movimento com sua obra "Roda de Bicicleta", que consiste em uma roda de bicicleta acoplada em um banco de madeira.

¹² *Zeitgeist*, do alemão, quer dizer "espírito da época". Subjetivamente, o "zeitgeist" define o clima ou espectro de um determinado período histórico.

Apesar do nome sugestivamente duvidoso — não é para qualquer um se proclamar louco e ainda fazer algum sentido — os anos contidos na década de 1920 deixaram legados importantes para a compreensão da sexualidade e relacionamentos aos moldes que vivemos hoje. Pode ser que não estejamos imersos na mesma convulsão coletiva, porém a liberdade individual sob a qual se vivia foi certamente a vanguarda mais duradoura dessa década que mais pareceu um século inteiro. Amar e ser amado, com todas as variantes que o ser humano pudesse encaixar entre esses dois empreendimentos, era a prerrogativa número um.

A tolerância sexual é um dado das atitudes parisienses, incluindo a liberdade de ser homossexual. Inevitavelmente uma colônia do terceiro sexo, liberada de tensões legais ou sociais, tornou-se um componente aceito do meio eclético. A escolha de parceiro e a forma de amar que essa escolha implicava era uma questão entre amantes (e eventualmente a zeladora do prédio) (WISER, 2009, p. 26).

Dentro do espectro homossexual, duas mulheres lésbicas se destacavam por serem constantes sociais em Paris, e por suas posturas aparentemente paradoxais quanto à filosofia do *savoir-vivre*: Gertrude Stein e Natalie Barney. Esta, americana residente na França desde a virada do século, era filha da retratista Alice Pike Barney, e apesar de não adepta às festividades boêmias, era uma "hedonista obstinada, uma amante possuída pelo prazer da conquista" (WISER, 2009, p.127). Conhecida como "Amazona", em alusão a suas cavalgadas pelo *bois* de Bologne, vestimentas masculinas e chapéu-coco, Barney era a anfitriã de saraus, encontros para performance, representações sáficas e pequenas peças de teatro, que aconteciam em seu templo pseudogrego chamado *Templo à Amizade*. Mesmo circulando em diversos círculos sociais, ela sabia separar seus convivas em dois grupos, os quais convidava separadamente para as reuniões: os que estavam em busca de cultura, e no outro os abertos a brincadeiras lésbicas.

Se bem oferecesse sua casa como local de encontros sexuais, Natalie Barney era imbuída de motivos mais nobres do que entreter a turma dos cabarés. Sentia-se à vontade em meio àqueles que a sociedade em geral exclui: rebeldes sexuais e revolucionários da cultura (...) a deidade tutelar do concorrido estabelecimento da srta. Barney era Eros. Natalie nunca podia resistir a um corpo e um rosto bonitos (...) (WISER, 2009, p. 131)

Mesmo com o compromisso hedonista com sua sexualidade, entre um sarau e outro Barney encontrava tempo para ser uma das grandes benfeitoras da arte e da literatura em Paris, tendo ajudado muitos nomes em ascensão na época a encontrar mecenas, além de ter criado, em reação à Academia Francesa, a Academia de Mulheres, a fim de ajudar mulheres que pretendiam seguir carreira nas letras. Gertrude Stein, por sua vez, foi também

catalisadora de encontros fortuitos, contribuinte financeira e amiga de diversos artistas — e ao contrário de Natalie, recebia de bom grado a felicidade líquida trazida para suas festas e salões em garrafas de uísque, champanhe e gim. Foi monógama e casada com sua fiel companheira Alice Toklas, com quem dividiu por muito tempo a casa, os amigos e a vida.

É importante notar como em diversos momentos dessa década, nomes femininos pipocam com frequência desempenhando papéis centrais na história, respeitadas e admiradas por seus trabalhos não dentro de casa como esposas, mas como intelectuais, artistas e formadoras de opinião. Não é de todo surpreendente que, junto à liberdade de ser e amar desfrutada pela sociedade nos anos loucos, fosse encaminhada outro tipo de mudança: a maior igualdade entre gêneros, que veio até mesmo antes de 1920.

Desde 1914, com homens partindo em peso para o *front* da guerra, mulheres viram a necessidade de serem as substitutas da mão de obra masculina, preenchendo a lacuna deixada por eles, principalmente nas fábricas. Com o repentino êxodo do lar, a vida privada e tarefas domésticas passaram a ser apenas uma parte da vida da mulher, e não mais o único dever a ser cumprido, o que fez com que a tomada de consciência dessa nova classe proletária como parte efetiva e atuante dentro da comunidade fosse percebida e, a partir de então, movimentos feministas por direito das mulheres começaram a se adensar.

As mulheres da primeira metade do século XX, menos submissas que as do século anterior, pretendem conquistar não só a igualdade legal, mas também ter o mesmo nível de instrução que o homem. Elas não desejam mais ser relegadas ao espaço privado do lar nem ser dependentes do marido. As feministas acreditavam que quando essa meta fosse alcançada, a competência profissional da mulher e suas características de personalidade não seriam distinguíveis das do homem. (LINS, 2012, p. 197).

Denominada como primeira onda do feminismo¹³, o final do século XIX, início do século XX, trouxe consigo insurreições feministas mais organizadas e abrangentes. O sufrágio feminino era uma das pautas mais importantes abordadas pelas participantes do movimento, que viam na causa a oportunidade para lutar coletivamente por maior participação e direitos políticos. A consequência da luta das sufragistas — principalmente após a fundação da União Social e Política das Mulheres em 1903, chegando à conquista do voto apenas após a Primeira Guerra — apesar de terem iniciado na Inglaterra, foi reconhecida e engajada por diversos países, contribuindo para o avanço dos costumes em nível supranacional. Nos Estados Unidos, país em que o direito de voto foi conquistado em 1919,

¹³ Apesar de alguns autores discordarem da classificação, o final do século XIX/ início do XX é tratado genericamente como primeira onda para finalidades didáticas, não excluindo outros movimentos feministas anteriores. Mais informações sobre o assunto constam no capítulo xx.

no ano seguinte a proporção de mulheres frequentando universidades em comparação com homens chegava a 47% (FRIEDAN, 1963. p.14). O direito ao voto, ao trabalho, aos estudos, à vida social e à possibilidade de escolhas para além da maternidade colocaram a mulher como peça fundamental na mudança das tradições sexistas que imperavam até o final do século XIX. E na esteira das mudanças da vida pública, a condição da privacidade foi favorecida, fazendo aflorar as reivindicações sexuais.

Na França, assim como em boa parte do mundo, a festa foi agitada e duradoura, cheia dos deleites de uma noite que parece interminável, ao mesmo tempo que tão efêmera quanto um piscar de olhos. Porém, como toda festa que chega ao fim, o dia seguinte vai clareando no horizonte e assim iluminando os corajosos que ficaram para somar aos copos quebrados, garrafas vazias e decoração já capenga. "Paris — até o dia em que eu morrer", proclamou Joan Miró, ao descobrir a cidade em seu auge (WISER, 2009).

Alguns anos depois, com o *crash* da bolsa de Nova York em 1929, e a crise financeira que atingia em cheio qualquer um que não fosse um ermitão, é de se prever que ele mudaria de ideia. Afinal de contas, como escreveu Robert McAlmon em algum momento daqueles anos: "Eu sabia muito bem que Paris é uma puta e que ninguém deveria se tomar de amores por putas, sobretudo quando elas têm inteligência, imaginação experiência e tradição por trás de sua impiedade" (WISER, 2009). Paris, então, assim como o resto do ocidente, viu seu império construído com tanto esmero e desembaraço, ruir à sombra de um período entre guerras. O "desregramento sistemático dos sentidos" (WISER, 2009), na virada da década, abanava um saudoso *farewell* aos anos loucos.

3.3 PÓS-GUERRA E O RETROCESSO EM CURSO

Devo me casar? Devo ser bom?

Aturdir a garota da porta ao lado com meu terno de veludo e fausto capuz?

(...)

Quando ela me apresentar aos seus pais

sufocado por uma gravata, o cabelo afinal penteado, coluna ereta

devo sentar com os joelhos juntos no seu muito sério sofá

(...)

Depois do chá e dos biscoitos caseiros eles perguntam O que você faz pra viver?

Devo contá-lo? Atrevo agradá-los?

(...)

E o padre! Me olhando como se eu me masturbasse
me perguntando Aceita essa mulher como sua legítima esposa?

(...)

Beijo a noiva e todos aqueles homens sem originalidade batem nas minhas costas
Ela é toda sua, garoto! Há-há-há!

(...)

Sentaria lá, O Louco-da-Lua-de-mel
inventando maneiras de destruir casamentos, um castigo de bigamia
um santo dos divórcios -
Mas devo me casar devo ser bom
Quão belo seria vir com ela para casa
e sentar perto da lareira com ela na cozinha
de avental jovem e amável esperando meu bebê
e tão feliz comigo ela queima o rosbife
e vem chorando até mim e levanto da minha grande cadeira de papai
dizendo Dentes natalinos! Cérebros radiantes! Maçã surda!
Deus que marido eu daria! Sim, devo me casar!
Tanto a fazer!

(...)

Não! Não devo me casar! Não devo nunca me casar!
Mas - imagine se eu fosse casado com uma linda e sofisticada mulher
alta e pálida vestindo um elegante vestido preto e longas luvas pretas
segurando uma cigareira em uma das mãos e um uísque com soda e gelo na outra
e viveríamos bem numa cobertura com uma janela enorme
da qual poderíamos ver toda Nova York e até mais longe em dias claros
Não, não posso me imaginar casado com esse apazível e aprisionante sonho-
Ó mas e o amor? Esqueci o amor
não que eu não seja capaz de amar
É apenas que vejo o amor tão ocasional quanto calçar sapatos -
Nunca quis casar com uma mulher que fosse como a minha mãe
E Ingrid Bergman sempre foi impossível
E talvez haja uma garota agora mas ela já está casada
E não gosto de homens e -

Mas tem que haver alguém!

Porque e se eu tiver 60 anos e não for casado,
completamente sozinho em um quarto mobiliado com manchas de urina nas roupas de baixo
e todo mundo está casado! Todo o universo casado menos eu!

(...)

Gregory Corso, 1960

O falecido estadista indiano Jawaharlal Nehri dizia que "a arte de um povo é o verdadeiro espelho de suas mentes". Se levada ao pé da letra, sua frase exemplifica o poema acima. Seu autor é Gregory Corso, poeta americano da geração *beat* que viveu entre os anos de 1930 e 2001, ou seja, sua juventude e época mais ativa de seu trabalho como escritor foi logo após a Segunda Guerra Mundial. O poema "Casamento" foi escrito em 1960, utilizando da paródia e da ironia, duas características muito marcantes do seu eu-lírico, Corso faz uma crítica ácida aos costumes vigentes na sociedade americana da época, fazendo menção ao casamento como instituição primordial de um homem e de uma mulher, as convenções sociais de apresentação à família, a boa vestimenta e em seguida viver o *american way of life*, com uma casa no subúrbio, uma esposa submissa, filhos e tudo o que um americano médio tinha direito.

Novas visões da política e da cultura, buscando a conciliação entre justiça social e liberdade individual, entre arte e vida, são uma contribuição desse pós-guerra ou entre-guerras, da Segunda Guerra Mundial até a intervenção norte-americana no Vietnã. A era pós-Hiroshima, da ameaça atômica, da possibilidade do mundo acabar" (WILLER, 2009, p. 15)

O pós-guerra nos Estado Unidos foi uma época de contradições. Vencida a guerra contra os nazistas, o país, e seu modelo econômico capitalista, emergiu triunfante. Depois de anos assombrados pelo *crash* da bolsa, momento de tragédia e pobreza social generalizada no país, os anos que se seguiram ao fim da segunda guerra foram diferentes: nascia ali o *American Dream*. A prosperidade e bem-estar econômico era visível — pelo menos nas famílias de classe média. Tinha-se casa, o carro era novo e essencial e vestia-se bem. Os anos 1950 também foram, num geral, uma época de ouro para a cultura e para os avanços científicos. A televisão estava em alta, Hollywood e suas produções que chegavam cada vez mais longe também. No poema "Casamento", inclusive, Corso faz menção a Ingrid Bergman, grande musa do cinema americano da época. Ao mesmo tempo que uma guerra acabava, outra estava em curso. A guerra fria, que se deu entre 1947 e 1991, trouxe avanços científicos

que levaram o homem até a Lua.

No âmbito dos relacionamentos, o amor romântico, definido por Regina Navarro Lins como aquele "que valoriza a escolha subjetiva e o afeto" (2013), é exaltado. Se em anos anteriores mulheres se despediram de seus cônjuges e amores para perdê-los durante a guerra, agora seu sonho era se casar com eles, constituir uma família e viver o sonho da família feliz, no *american way of life*. A mulher era bem-dotada na cozinha e nas tarefas domésticas em geral. Sua presença nas universidades nunca fora tão baixa, enquanto isso, no fim da década de 1950, a natalidade nos EUA ultrapassava a da Índia (FRIEDAN, 2020, p.14). A elas também eram negados postos no mercado de trabalho, mas tinham em sua casa todos os utensílios domésticos que o marketing podia vender. Aos homens era reservado o status de pai, marido e trabalhador. Enfim, o chefe de família.

Apesar de o amor romântico ser a tônica dos relacionamentos da época, Navarro Lins (2013) também pontua uma característica singular desse tipo de relacionamento:

(...) o amor romântico povoa as mentalidades do Ocidente desde o final do século XII, mas sempre à margem do casamento. Esse tipo de amor é regido pela impossibilidade, pela interdição; é construído em torno da projeção e idealização sobre a imagem em vez da realidade. (...) O amor que as mulheres vivem é totalmente voltado para o casamento, a maternidade e as convenções sociais. (LINS, 2012, p. 237)

No livro *A mística feminina* (FRIEDAN, 2020), a autora registra sua longa investigação sobre o que ela chama de "o problema sem nome". De acordo com ela, muitas mulheres estavam sofrendo desse "problema sem nome". Sentiam-se tristes, desamparadas, deprimidas e descontentes com a própria vida, apesar de não estarem propriamente sofrendo de problemas "visíveis" a olho nu, como a fome ou falta de dinheiro. Em tese, suas vidas eram perfeitas, mas lhes faltava algo. Algo que não sabiam o que era. "Que necessidade, que parte delas mesmas, tantas mulheres hoje em dia poderiam estar reprimindo? Na era pós-Freud, o sexo é o suspeito imediato"(FRIEDAN, 2020, p.35). Mas não tinha nada a ver com sexo:

O problema permaneceu oculto, silenciado, por muitos anos na mente das mulheres estadunidenses. Era uma inquietude estranha, uma sensação de insatisfação, um desejo que afligia as mulheres na metade do século XX nos Estados Unidos. Cada dona de casa suburbana lidava com ele sozinha. Enquanto arrumava camas, fazia compras, escolhia o tecido para forrar o sofá, comia sanduíches de pasta de amendoim com as crianças, fazia as vezes de motorista dos escoteiros, deitava ao lado do marido à noite...temia fazer a si mesma a pergunta silenciosa: 'Isso é tudo?' (FRIEDAN, 2020, p. 13)

No livro, Friedan também mostra como o progresso é algo difícil de se conquistar, ao contrário do retrocesso, que consome anos de luta libertária num piscar de olhos. Seu exemplo para retratar essa afirmação foi a das universidades: o número de mulheres estadunidenses fazendo curso de graduação caiu de 47% em 1920 para 35% em 1958. O mesmo ocorre com as vagas de trabalho. Enquanto homens estavam ocupados morrendo na guerra, quem fazia as engrenagens das fábricas girar eram as mulheres, mas não no pós-guerra, momento em que mulheres cuidavam da casa enquanto o marido ia trabalhar. (FRIEDAN, 2020).

Nos dias de então, o que regia a vida de muitas mulheres era não mais a educação superior ou a escalada na escada social em busca de liberdade sexual e financeira, mas sim o consumo. Nunca se investiu tanto em propaganda. Propaganda de eletrodomésticos, de perfumes, de roupas, de jóias, maquiagem e outros produtos que de agregadores à vida pessoas delas não tinha nada. Segundo Navarro Lins (2013), "o período pós-guerra compete com a era vitoriana no que diz respeito à opressão das mulheres". Sim, porém compete de formas diferentes. Enquanto na era vitoriana a submissão feminina era algo explícito, tido como regra, e portanto, de certa forma, mais suscetível a contestações, no período pós-guerra americano, esse *status quo* não era assim tão visível a olho nu. Ele não era imposto *ipsis literis*, era vendido. Homens compravam suas mulheres da mesma forma como as viam nas propagandas. As mulheres, por sua vez, se espalhavam em modelos bem-sucedidos que apareciam na TV ou nas páginas da *Life Magazine*¹⁴. O voto feminino, apesar de permitido desde 1920, era quase um acessório da constituição, sem uso efetivo por grande parte da população feminina. E toda essa repressão, também passava pelo foro íntimo e pessoal, como bem explica Betty Friedan:

Minha tese é que assim como a cultura vitoriana não permitia que as mulheres aceitasse ou satisfizessem suas necessidades sexuais básicas, nossa cultura não permite que as mulheres aceitem ou satisfaçam suas necessidades básicas de crescer e realizar seu potencial como seres humanos, uma necessidade que não é definida apenas por seu papel sexual (FRIEDAN, 2020, p. 86)

No Brasil, o panorama também não era tão diferente. Mary Del Priore explora um pouco essa mesma época, mas desta vez no Brasil, em seu livro *Histórias íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil*:

¹⁴ Fundada em 1883, a Revista *Life* foi uma revista de fotojornalismo muito popular nos EUA. Ficou muito conhecida por seus *Cartoons*, séries de *Pin-ups*, textos humorísticos e críticas culturais de teatro e cinema

O bem-estar do marido era a medida da felicidade conjugal e esta adviria em consequência de eles estar satisfeito. E qual a fórmula para tal bem-estar? Seu primeiro componente eram as "prendas domésticas" de sua companheira. Afinal, a mulher conquistava pelo coração e prendia pelo estômago. Outro quesito: a reputação de boa esposa e de mulher ideal."(PRIORE, 2011, p.167)

Mas os ventos sempre mudam de direção, e com os da década de 1950 não foi diferente. Com mais avanços comportamentais, tecnológicos e científicos pipocando dia sim dia também em todo o mundo, o obscurantismo do pós-Guerra imediato estava fadado a um fim. Definitivamente, não eram todos que poderiam acompanhar o estilo de vida imposto pelo cinema e pela publicidade televisiva. Para tanto, em primeiro lugar, era preciso ter dinheiro, e os EUA se esqueceram que eram um país desigual. Ao mesmo tempo, havia aqueles, homens e mulheres, que estavam estudando e se opunham ao modo de vida imposto pela visão distorcida de sociedade perfeita do governo americano. Começava, de dentro do ambiente acadêmico, os movimentos que vieram para marcar a década de 1960: a revolução sexual e a contracultura.

3.4 DA CONTRACULTURA À NOVA REPRESSÃO

Não é somente de maio de 1968 que vivem a revolução sexual em curso nos anos 1960. Quase uma década antes disso, em 3 de maio de 1960, era lançada nos Estados Unidos um remédio capaz de mexer com tudo o que se sabia até então sobre práticas sexuais, desejo feminino e os "modos de usar o sexo. A pílula anticoncepcional, cujo uso só foi popularizado entre as mulheres um pouco mais tarde, permitiu às mulheres que transassem sem objetivo. Ou pelo menos sem o objetivo de perpetuar a espécie designado ao sexo até então. Como pontua Del Priore (2011), sobre os anos entre 1960 e 1970: "Sexualidade em dia e saúde davam-se as mãos. O 'direito ao prazer' tornou-se norma. E norma cada vez mais interiorizada. Apenas conformando-se a essa regra seria possível sentir-se alegre e saudável".

Agora não mais atrelado à procriação, mas sim ao prazer, o sexo pôde se aliar a movimentos identitários como o feminismo, cuja segunda onda estava por ganhar força naquele momento¹⁵, a fim de trazer à baila assuntos como prazer feminino e direitos sexuais e reprodutivos — os quais, diga-se de passagem, até hoje ainda não foram completamente conquistados. Cenas de mulheres queimando sutiãs são famosas até hoje como marcas de um

¹⁵ O consenso acadêmico é de que a segunda onda feminista tenha começado em meados dos anos 1950, com pautas que colocavam assuntos da esfera pessoal no centro de debates políticos. Nomes importantes da época são Robin Morgan, Audre Lorde, Patricia Collins, entre outras.

movimento que deu o tom de uma época: o tom da contestação. O *status quo* dos anos 1950 poderia ainda ser vigente nos anos 1960, mas ele já não passava ileso. Sofria pancada de todos os lados: das mulheres feministas, dos hippies idealistas, dos filósofos, poetas, escritores e artistas e dos "dissidentes" religiosos que não aceitavam o cristianismo como única opção.

Na mesma esteira do movimento feminista, estavam também atuantes de outros movimentos que cresciam sua representatividade ao passo que eram cada vez mais conhecido no país e no mundo, como o movimento homossexual e do amor livre, tudo isso no guarda-chuva da urgência libertária que se criou durante os anos de repressão vividos anteriormente.

O ano de 1968 ficou especialmente marcado no imaginário dessa década por conta da Revolução Sexual, que, dessa vez, eclodiu na França, em maio deste ano. Tudo começou quando garotas e garotos da mesma universidade decidiram que queria poder dormir uns com os outros. Nada de um dormitório para cada sexo, o negócio da revolução sexual é ser e estar junto e misturado. E assim foi. A cultura jovem tem sido desde então a que demonstrou mais poder de contestação. O abalo sísmico causado na sociedade não apenas colocou pessoas e gerações em lados opostos da rachadura social, como também expôs várias feridas sob as quais se mantinha a nação norte-americana. Foi a partir de movimentos jovens, e em grande parte estudantis, que o movimento da revolução sexual ganhou força e se espalhou mundo afora.

Ao som do rock and roll, e em dias regados a drogas e paz e amor, foram os jovens que fizeram acontecer um dos eventos mais marcantes do século XX. Woodstock está até hoje no imaginário de pessoas que viveram aquele momento, como as que dariam tudo para estar lá, acampando nos morros daquele festival que parou Nova York durante três dias em 1969 - uma compilação quase metafórica de tudo o que estava acontecendo nos submundos da contracultura, endossado tanto por personalidades libertárias famosas da época, como Janis Joplin, Jimmy Hendrix, e tantos outros presentes no festival, como por massas de pessoas que se aglomeravam para viver, mesmo que por alguns dias, uma realidade paralela à que os esperava fora daquele reduto de liberdade e contestação.

O movimento beatnik, ao qual Gregory Corso pertencia, é um exemplo dessa cultura jovem contestadora. Formado por tantos nomes de destaque, alguns bem famosos como Jack Kerouac e Allen Ginsberg, os primeiros beatniks eram egressos de grandes universidades americanas, como Columbia, que não mais acreditavam no sistema institucional no qual o ensino formal das universidades estava inserido. Autor do romance mundialmente conhecido

"Na Estrada", Jack Kerouac escreveu, a partir da técnica de "fluxo de consciência" (que por si só já desafiava o status elitista da literatura na época), um livro que fala sobre largar tudo e todos e meter o pé na estrada. Ou seja, dar adeus ao conforto da casa, do dinheiro e de tudo o que o capitalismo e uma vida tradicional americana-cristã poderia oferecer, para encarar de frente as compridas *highways* americanas, e todos os tipos de pessoas e lugares que se poderia encontrar pelo caminho.

Com o tempo, o movimento beatnik ficou tão grande e ganhou tantas ramificações na cultura americana que não mais se chamavam beatniks apenas aqueles que se denominavam escritores beats, mas o termo era usado para definir todos aqueles que concordavam com seus ideias e queria viver da mesma forma.

Um mote importante da época, usado tanto pelos mais singelos beatniks quanto pelos Beatles foi "Make Love, not War", em razão da desumana guerra travada pelos Estados Unidos no Vietnã. Todos os dias, os telejornais eram bombardeados de notícias vindas diretamente do inferno na terra. Aterrorizados e com raiva do governo pelas decisões políticas que impediam seus governantes de pôr um fim na guerra do Vietnã - que durou de 1955 a 1975 — muitos americanos assistiam com horror a dizimação causada no país asiático.

Para além de *beatniks* e rebeldes *underground*, havia também os idealistas de um mundo melhor, os crentes do *Flower Power*: dos hippies. Em 1967 é lançado na Broadway *Hair*, musical que retrata a explosão desse movimento que acredita na Era de Aquário¹⁶, na evolução espiritual e numa vida digna baseada em bondade à margem do sistema. O movimento ganhou adeptos no mundo todo, e foi uma extensão alternativa dos movimentos contestatórios das décadas de 1950 e 1960. Em 1970, a moda acompanhou a tendência e vimos homens e mulheres com cabelos com saias longas, calças largas e óculos redondos. A já citada cantora Janis Joplin era um resumo visual das tendências hippies.

Seja marginal, seja herói, seja beatnik, seja hippie... A questão é que as décadas que os anos que seguiram o pós-guerra foram cruciais para a conquista de direitos e liberdades. Assim como no pós-Primeira Guerra, em que o mundo viu surgir uma orgia generalizada de arte, criatividade, sexo e vida boêmia durante os anos loucos, após muito tempo sob a repressão desenfreada causada pela guerra, aconteceu da mesma forma com o pós-Segunda Guerra. Muitos dos avanços conquistados naquela época reverberam até hoje, seja em

¹⁶ A Era de Aquário é uma era astrológica que se inicia no século XXI. A crença difundida entre adeptos do esoterismo (incluindo hippies), é que ela proporcionará à humanidade novas descobertas, experiências e o real conhecimento da vida.

discursos feministas, em questões de relacionamentos mais livres e menos hierárquicos, direito feminino ao estudo, liberdade religiosa, e até repulsa à guerra: todas características herdadas de gerações revolucionárias à sua maneira.

Foi assim até a década de 1980. Com uma sexualidade mais livre e exaltada, havia aqueles que escolhiam por exercê-la dessa forma. Até que a Aids entrou em cena. Era 1981 quando o retrovírus humano HIV foi identificado pela primeira vez. Durante a epidemia instalada mundialmente nesta época, o HIV tirou a vida de 36 milhões de pessoas antes que fosse encontrado tratamento para a doença causada por ele. Com transmissão sobretudo sexual, o medo da doença estava instalado e a repressão sexual foi tomada como uma política pública informal.

Até então, não existiam campanhas de conscientização de sexo seguro (nem de transfusão de sangue com identificação de doenças, aliás, outra forma de transmissão do vírus), ate porque não era algo "necessário", do ponto de vista epidemiológico. Foi apenas com o surgimento do HIV que questões de saúde pública como essas vieram a ser prioridade.

Silenciosamente, dessa vez por meio do medo constante de uma doença até então pouco conhecida, que a nova repressão pairou sobre a cabeça dos descendentes daqueles que participaram ativamente de movimentos libertadores e contraculturais. Porque a história é assim, um pêndulo. Da mesma forma que vai, ela volta. E onde estamos sempre depende de onde viemos.

4. O SEXO NO JORNALISMO

São diversas as tensões e dicotomias que pairam sobre o discurso do sexo na imprensa, o que abre caminho para conclusões equívocas ou pouco certeiras caso analisadas de forma rasa ou anacrônica. Sem intenção de buscar estas respostas, busca-se neste capítulo um panorama sobre a cobertura do tema da sexualidade na imprensa, a partir de alguns marcos nacionais e internacionais a partir do pós-guerra. O período analisado foi escolhido por fins pragmáticos, uma vez que a presença do tema na imprensa se torna mais frequente a partir de então, principalmente com o aparecimento de revistas direcionadas ao público feminino, juntamente com a consolidação de periódicos masculinos, e, a partir de meados da década de 1990, o advento da internet, que abriu o leque das temáticas possíveis para debate.

A apresentação de casos particulares, como feito neste capítulo, se faz impotente para levantar questões importantes, mas muitas vezes ambíguas. Em primeiro lugar, é falado de sexo no jornalismo? E quando se fala, a quem é dirigido? Falar de sexo é apostar no poder libertador da informação ou a retórica moralista toma partido quando se trata de uma imprensa não habituada a esse tipo de cobertura? O sexo tem seu lugar guardado, por menor que seja, nos grandes meios de comunicação, ou é reservado para a mídia alternativa? Sem pretensão de respostas, estas e outras interrogações terão lugar neste capítulo que procura, por meio de episódios, relatar de onde veio e onde está o sexo no jornalismo.

Uma breve observação mais atenta permite afirmar que “sexo não rende pauta”. E, quando rende, é um assunto majoritariamente secundário, relacionado a outros temas, como o aborto, crimes de cunho sexual, doenças sexualmente transmissíveis, questões de gênero, abstinência sexual — especialmente presente na imprensa brasileira em 2019, devido à proposta de celibato voluntário apresentada pela ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, Damare Alves — entre outros.

São pautas e debates necessários, porém o sexo se apresenta integralmente como um *mise-en-scène*, um degrau da escada. É sempre um meio, nunca o fim. Discutir o sexo pelo sexo, portanto, — desde hábitos e preferências sexuais, experiências, relatos, ou reflexos do jornalismo mais tradicional, com a elaboração de reportagens e presença de personagens — parece estar reservado a lugares mais marginais e menos populares do jornalismo, por vezes direcionado a públicos específicos.

Ligado ao jornalismo diversional, sob a perspectiva de pautas de comportamento e diversidade, as origens da aproximação da sexualidade aos meios de comunicação, apesar de

tímidas, remontam a formatos como o *fait-diver* e *canards*¹⁷. A difusão do tema também está ligada às *magazines* e revistas femininas, que, por sua vez, passaram a ter um papel importante como aliadas das mulheres, onde era possível encontrar um exemplo fiel de como agir e levar suas vidas.

Caberia aqui um amplo estudo sobre a relação entre as revistas e o sexo, contudo, para que não se perca de vista a intenção da pesquisa, foi optada a apresentação de episódios que sintetizam alguns momentos importantes da imprensa nacional, a exemplo dos casos que seguirão no decorrer do capítulo.

Na década de 1950, muitas dessas revistas direcionadas ao público feminino já faziam sucesso. No Brasil, os títulos mais famosos eram *O Jornal da Moças*, *Querida*, e, lançada um pouco mais tarde, a revista *Cláudia*. Nos Estados Unidos; *Vanity Fair*, *McCall's*, *Harper's Bazaar*, etc. Contudo, ao romper com a visão progressista difundida nos anos 1930 e 1940 — onde a mulher com carreira profissional e prioridades individuais era bem vista — passaram a reproduzir, no pós-guerra, uma nova "mulher ideal": a dona de casa (FRIEDAN, 1963).

Mesmo ao abordar temas tão banais quanto a inconveniência nos atrasos de voos, dicas para costura, e o aumento da incidência da calvície entre mulheres, as revistas femininas também tratavam da intimidade, porque além de conciliar o dever como mãe e dona de casa, era preciso adotar a postura certa para satisfazer seu companheiro no quarto também.

Nesse caso, ao invés de libertador, falar de sexo era uma forma de devolver a mulher à sua obrigação biológica, evidenciando uma cultura que colocava o sexo a serviço da reprodução e do prazer masculino. Não à toa, a maior taxa de natalidade do século XX data desse período, fazendo com que a geração nascida entre 1946 e 1964 fosse nomeada, literalmente, "explosão de bebês".

Foi na esteira das revistas femininas que surgiram e se popularizaram periódicos de entretenimento e conteúdo masculino. Um dos exemplos mais conhecidos no mundo foi a empreitada bem-sucedida do americano Hugh Hefner¹⁸. Até hoje se discute se foi uma voz liberal em prol da liberação sexual, ou um homem promíscuo que somente ajudou a perpetuar uma cultura já demasiado machista. Seja como for, em pleno governo republicano de Dwight

¹⁷ Jargões jornalísticos empregados para assuntos que não se encaixam nas editorias tradicionais. Geralmente ganham relevância noticiosa por apresentarem fatos curiosos ou extraordinários.

¹⁸ Empresário norte-americano, fundador e editor-chefe da revista *Playboy*. Segundo o próprio, era feminista, lutava pelo direito das mulheres e era a favor da liberação sexual e dos direitos LGBT, apesar de muitos acreditarem haver contradição em seu discurso. Uma das incoerências vinha da forma com que eram tratadas as coelhinhas nos *PlayBoy Clubs*, obrigadas a usar saltos e roupas desconfortáveis e passar por um exame vaginal. Em 2011, chegou a afirmar em entrevista para a revista *Vanity Fair*, que mulheres eram objetos. Morreu em 2017, aos 91 anos.

Eisenhower, em dezembro de 1953, foi lançada nos Estados Unidos a edição piloto da revista de "entretenimento para homens", a *Playboy*. Mesmo com uma edição brasileira a ser publicada apenas 22 anos depois, em 1975, a revista se tornou rapidamente conhecida e desejada, assim como as mulheres que estampavam suas capas.

Apesar do conteúdo, especialmente o visual, ser explícito – e mais tarde amplamente criticado por movimentos feministas que não enxergam a exposição feminina como algo empoderador e tampouco progressista —, a revista foi uma das primeiras publicações jornalísticas que discutiu abertamente temas da vida íntima que até então tinham seu alcance restrito apenas a quatro paredes.

Muitos foram os icônicos entrevistados da revista, entre eles Fidel Castro, Jean-Paul Sartre, Xuxa – na versão brasileira –, entre outras centenas de nomes improváveis de estarem presentes em uma publicação como a *Playboy*. Nas entrevistas estilo *ping-pong*¹⁹, discutia-se política, cultura, alguns tópicos específicos a cada personalidade, e claro, sexo. Naquelas páginas o conteúdo intelectual ao mesmo tempo que cotidiano, agradou diversos leitores que não iam até a revista apenas em busca dos grandes peitos em página dupla. Algo que deu origem à piada de que, quando descobertos clandestinamente com uma *Playboy* em mãos, muitos alegavam que as compravam por seu conteúdo. Ao fim e ao cabo, pode até ser verdade.

Em 2011, a *Playboy* foi relançada com uma nova proposta editorial, mas ainda com o chamariz da nudez, dessa vez explorando um lado mais insinuante do que o nu explícito em suas fotografias, apostando na captura de nus artísticos. Foi também nessa época em que o já conhecido escritor Reinaldo Moraes foi convidado para ter uma coluna na revista *Status*²⁰, espaço em que, de acordo como o próprio autor definiu no livro *O cheirinho do amor*, escreveu "crônicas safadas".

À época do início de sua colaboração com a *Status*, Moraes já havia publicado alguns de seus livros mais famosos — *Pornopopéia*, *Abacaxi* e *Tanto Faz* — nos quais trata livremente de assuntos como sexo e drogas. E foi com desenvoltura, franqueza e humor, que Reinaldo compartilhou — principalmente com o público masculino — relatos pessoais, divagações prazerosas e questionamentos polêmicos, sempre girando em torno do mesmo tema: sexo.

¹⁹ Em jornalismo, denomina-se *ping-pong* a longa entrevista editada em pergunta e resposta. É destinada a fontes reconhecidas publicamente – e cuja opinião interesse ao leitor – ou a pessoas de notável saber em alguma área.

²⁰ Também dedicada ao conteúdo adulto, surgiu em 1974. Circulou por pouco mais de uma década, mas no fim dos anos 1980 sucumbiu à competição com a *Playboy* e outras publicações mais explícitas. Voltou a ser editada em 2011, já com a colaboração de Reinaldo Moraes.

Em uma mesa dividida com Eliane Robert Moraes na Flip de 2015, ambos abordam a forte relação entre sexo e humor — em especial na literatura brasileira — e na qual Reinaldo confessou que não fazia nenhum trabalho de pesquisa nem precisava ir longe para encontrar assunto para suas colunas, já que "os temas choviam", nas palavras do autor.

Para um tema de tão grande amplitude, tanto temática quanto no alcance de público, e também de se tratar de um assunto que concerne, em maior ou menor grau, todos os seres-humanos, é comum questionar o porquê de, afinal, não se falar mais sobre ele. Sobretudo quando se fala em jornalismo, cuja matéria-prima sempre foi e sempre será, em primeira instância, humana.

Acerca dessa discussão, há que se considerar outro aspecto essencial que concerne não apenas ao sexo sob o ponto de vista do tabu — que causa um consequente apagamento do mesmo na mídia — mas também sob a perspectiva de que a sexualidade escapa à lógica da notícia. Ou seja, por razões da própria natureza do jornalismo, o sexo encontrou seu lugar majoritariamente na mídia especializada por não se enquadrar, na maior parte das vezes, nos critérios de noticiabilidade e hierarquia mais tradicional da informação.

Foi apenas a partir da escalada da internet, em meados dos anos 1990, e da dilatação do espaço para além das fronteiras do impresso trazida por ela, que temas ditos “pessoais” saltaram das magazines para as páginas de noticiário, ou cadernos especiais de periódicos. Ao mesmo tempo, viu-se a expansão dos debates sociais que jogam luz a temas também sexuais, como, o movimento feminista e LGBTQI+. Em uma espécie de reviravolta da hierarquia tradicional da notícia, o sexo passou a penetrar, paulatinamente, outras esferas do jornalismo. Falar de sexo, descobre-se agora, também é libertador e informativo, e para isso não é preciso renunciar o factual e atualidades. Conhecer outras realidades sexuais, e outras experiências com o corpo — essas que muitas vezes ultrapassam a utilidade do sexo como meramente uma mecânica reprodutiva, ou relacionamentos heteronormativos — também pode ser de interesse jornalístico.

Um exemplo dessa intersecção é a o trabalho jornalista, escritora e ativista feminista Gabriela Wiener, que se dedica à cobertura de comportamentos e tendências sexuais. Publicado no Brasil em 2016, seu livro *Sexografias* é a reunião de reportagens nas quais a peruana vive e reporta algumas dessas "outras sexualidades". Começando por um guru sexual que pratica tantrismo e tem seis esposas, até casos da indústria pornográfica expostos de um ponto de vista um tanto particular, a jornalista se insere nas histórias, interage com seus personagens, e os transforma em relatos poderosos e extremamente pessoais.

Sempre narradas em primeira pessoa, as histórias são contadas de modo a tornar a autora mais próxima dos seus protagonistas, e por consequência aproxima também o seu leitor, fazendo suas experiências jornalísticas palpáveis também para terceiros.

Um dos pilares de seu jornalismo é a recusa ao exotismo e ao erotismo barato. Gabriela, ao invés de tornar risíveis algumas vivências ou complexar atitudes de seus personagens, trata-os como mais um dos tantos assuntos que rondam a natureza humana. Seus relatos não são pornográficos, apesar de retratar cenas sexuais. Eles apenas agem como interlocutores de realidades paralelas, desconhecidas, e muitas vezes marginalizadas.

Hoje, plataformas como a *Universa* e *Revista TPM* são no Brasil grandes redutos jornalísticos que discutem temas pensados para mulheres. Claramente não falam apenas de sexo, mas também. Regina Navarro Lins e Mayumi Sato são duas das mais de 15 mulheres que compõem a equipe de colunistas do portal *Universa*.

Regina é psicanalista e escritora, publicou diversos livros sobre as temáticas do amor e das novas formas de amar que surgem no século XXI. Conhecida popularmente por suas participações no programa de televisão *Amor e Sexo*, reproduz, à luz de análises de depoimentos, muitos deles ouvidos em seu consultório, sobre as diversas outras maneiras que existem de se relacionar, e que não se encaixam aos moldes convencionais. Discute também o fim do amor romântico, e muitas das questões que perpassam nosso dia a dia e que estão completamente atreladas ao sexo (LINS, 2017).

Já Mayumi Sato é CMO do Sexlog, a maior rede social de sexo do Brasil, que já abrange uma comunidade de mais de 10 milhões de pessoas e que visa ressignificar a relação das pessoas com o sexo. Seu site, a partir de pesquisas e iniciativas que colhem dados de seus usuários dentro da rede social, virou uma espécie de IBGE do sexo, uma vez que nesse espaço permissivo as pessoas conseguem ser mais abertas sobre sua sexualidade do que em pesquisas oficiais. Com o desafio de tratar um tema que ainda é tabu entre os veículos de comunicação, Sato vem criando novas estratégias de comunicação em uma empresa que encontra dificuldades na publicidade, por motivos óbvios.

Seus assuntos no blog em *Universa* tratam de questões mundanas como traição, DRs e aplicativos de namoro, fetiches (axilismo, tesão por pé, etc), e dá as mais variadas dicas que vão desde contos eróticos até conselhos para uma boa primeira vez na suruba.

Ainda do portal *Universa*, sua editora-chefe, Marina Bessa, decidiu apostar em um dos meios de comunicação mais explorados pelo jornalismo nos últimos anos: o podcast. Ao lado da terapeuta sexual Ana Canossa, autora do livro *Sexoterapia*, ambas apresentam um podcast semanal homônimo. A cada edição é debatido algum tema caro aos novos dilemas

atuais em relação à relacionamentos e sexualidade. Sempre ao lado uma convidada que ilustra o assunto do episódio, e com a discussão de alguns casos pontuais enviados pelos ouvintes no quadro *Manda casos* (uma referência à frase "manda nudes"), a conversa flui em tom pessoal, íntimo e também com certo humor, ao mesmo tempo que didático e informativo.

Todos esses são referências de um jornalismo jovem e arejado, que não necessita atender às ordens do jornalismo "clássico". Mas e nos veículos tradicionais o sexo consegue encontrar seu espaço? Sim e não. A exemplo de jornais como *Folha de S. Paulo* (X de Sexo, Mirian Goldenberg), *Le Monde* (Sexe Selon Maia), *El País* (Blog Eros), entre outros, é possível identificar narrativas sobre sexo predominantemente em blogs com conteúdo restrito muitas vezes a comentários e crônicas, que escapam à profundidade do assunto. Como já foi dito, é aparente a falta de reportagens direcionadas ao contexto da sexualidade, mesmo em uma sociedade que a vem pautando cada vez mais fora do jornal e que encontra em sua expressão uma das diversas maneiras de entender e se posicionar no mundo.

É sempre importante destacar que já chegamos a um ponto em que, mesmo sem espaço editorial para tais assuntos, eles já existem na mesma esfera midiática e disputam seu espaço. Pouco a pouco, é possível notar também a receptibilidade mais natural desses temas em relação a outras gerações, para as quais falar de sexo era relacionado à pornografia e um estímulo ao estilo de vida mais devasso, além de reforçar estereótipos não condizentes.

A falta de estudos aprofundados sobre o tema é sintomática e impede a conclusão baseada em dados finais, contudo, uma dedução é possível: a síntese do debate hoje se coloca no âmbito progressista. Liberdade de expressão, liberdade sexual, maior número de vozes ativas no debate (mulheres e pessoas LGBTQIA +), amplitude de pautas uma vez consideradas tabus ou imorais, etc, são flagrantes.

Mas ainda não chegamos lá. E para um passo à frente ser conquistado, ao invés de apenas repensar o fazer jornalístico, quais são suas demandas, é preciso questionar o por que de falar sobre sexo para leitores da imprensa e reportar essas histórias.

5. O VEÍCULO UOL TAB E O WEBJORNALISMO

"UOL TAB: Repórteres na rua em busca da realidade" é o que diz o banner de apresentação no site do veículo. Parece um pouco redundante, do ponto de vista jornalístico, uma vez que ainda temos no imaginário aquele jornalista que sai às ruas em busca de pautas e boas histórias para contar. Mas a realidade pode não refletir exatamente essa idealização, sendo o exercício jornalístico muitas vezes praticado atualmente por telefone, *whatsapp*, ou por aplicativos de vídeo-chamada, como foi demonstrado ser possível durante a pandemia do novo coronavírus que se instalou no Brasil em março de 2020.

O TAB é um projeto do portal de notícias UOL, como o próprio nome já delata. Lançado em 2014, seu objetivo era ousado para a época: "A cada segunda-feira, o TAB trará uma nova reportagem com abordagem criativa, temas provocativos e conteúdos dinâmicos"²¹. O objetivo era criar uma plataforma de jornalismo 100% digital e interativa, que abordasse pautas de fôlego (ao contrário das *hardnews* presentes em jornais diários como a Folha de S. Paulo ou O Estado de S. Paulo). Na esteira das atualizações tecnológicas que se estenderam ao jornalismo, o UOL TAB vinha com o objetivo de engajar seus leitores a partir de histórias e elementos multimídia como gráficos, fotografias, vídeos, entre outros. Tudo isso de forma gratuita.

Em entrevista para o site UOL quando do lançamento da nova plataforma de notícias, Rodrigo Flores, então Diretor de Conteúdo do TAB, disse: "A proposta é trazer uma nova experiência em conteúdo. O TAB é a resposta do UOL para a necessidade do nosso público de consumir conteúdo de qualidade em formatos criativos, interessantes e interativos. O TAB buscará novos pontos de vista e abordagem sobre temas como sustentabilidade, mobilidade, consumo, comportamento e tecnologia"

Os novos elementos digitais usados pelo UOL TAB se encaixam na seara do webjornalismo. Com o desenvolvimento e capilarização do mundo *online* na sociedade, o jornalismo teve que acelerar o passo e se envolver de forma mais comprometida com o jornalismo digital²². Com o tempo, viu-se que não bastava apenas migrar o mesmo conteúdo do impresso para o digital, era preciso algo mais. Para Longhi (2014), o ponto de inflexão na história do webjornalismo foi o desenvolvimento e investimento nas *longforms*. *Longforms* são grande-reportagens traduzidas para o meio digital. Além de seu formato ser maior, leia-se

²¹ <https://bit.ly/Reportagem-UOL-TAB>

²² Mais recentemente, depois de uma renovação do *layout*, o portal UOL TAB passou a simplificar a narrativa e abordagem multimídia, passando a "economizar" em recursos interativos e/ou audiovisuais.

comporta mais caracteres que uma reportagem padrão de jornais impressos, às *longforms* também é permitido mergulhar no assunto de cabeça, trazendo ao leitor mais conceitos, fontes e histórias que agreguem na compreensão do leitor. Há também nas *longforms* a herança do jornalismo literário, que será debatido com mais detalhes no próximo capítulo. Nelas, além do texto e fotografias, elementos que há séculos já compõem o jornalismo impresso e não possuem nada de novo, elas também agregam outras fontes de informação — seja por meio de um gráfico dinâmico, um vídeo explicativo, o áudio de uma entrevista, um mapa interativo, músicas e efeitos sonoros, animação ou o que for que a criatividade (e os programadores) permitir.

E se a proposta era ser arejado, ponto para o UOL TAB. Durante mais de um ano realizando pesquisas para esta pesquisa, foi possível encontrar reportagens, notícias, colunas e especiais sobre temáticas sexuais. No jornal *Folha de S. Paulo*, por exemplo, colunistas como Contardo Calligaris, morto em 2021, João Pereira Coutinho e Manuela Cantuária abordavam com certa frequência pautas relacionadas a sexo, relacionamentos e sexualidade. Muitas reportagens tidas como referência para essa pesquisa também saíram de jornais como *El País Brasil*, *O Estado de S. Paulo*, *Revista Gama*, entre outros veículos. Porém, em todos eles, essa era a exceção. E em muitas dessas exceções, o preço que se pagava por falar de assuntos "tabu" era a necessidade de ele estar em voga de alguma forma, como em editorias de política/saúde quando voltou-se a falar sobre aborto²³.

Buscando exemplos de pesquisa realizadas dentro do âmbito da UFPR e que tiveram o UOL TAB como objeto, destaque-se a pesquisa *Gênero Híbrido em Metamorfose: Análise das Características Jornalístico-Literárias nas Edições da Plataforma Digital UOL TAB*, dissertação de mestrado em Comunicação de Cíntia Silva da Conceição. No capítulo "O que Dizem os Números", Cíntia especifica o que abordam algumas editorias do site e quantifica quantas reportagens cada uma dessas editorias têm. A divisão era feita entre as editorias *Tendência e Inovação*, *Arte e Design*, *Sociedade* e *Comportamento*. Levando em conta as definições de Cíntia sobre cada editoria, reproduzo abaixo as últimas duas, pois são as que melhor encaixam com o propósito desta pesquisa:

Sociedade: edições que tratam dos fenômenos sociais em geral, passando pela esfera da política, grupos minoritários, movimentos sociais, violência nos espaços públicos – cidade, trânsito –, religião e saúde. x Comportamento: edições que partem do viés do individual, ligados principalmente a questões como felicidade, medo, depressão, amor, maternidade, gênero, sexo e hábitos alimentares, indo em direção ao comportamento social. (CONCEIÇÃO, 2018, p. 175)

²³ <https://bit.ly/Descriminalização-do-aborto>

O *corpus* de Cíntia compreende todas as edições do UOL TAB lançadas entre outubro de 2014 (data da primeira reportagem lançada pelo site) até dezembro de 2018, período no qual a TAB publicou 176 edições. Desse *corpus*, apenas uma foi descartada por conta da inexistência de um link correto que redirecionasse o usuário para a reportagem. Ao final, Cíntia trabalhou com 175 reportagens, das quais 45 se encaixavam na editoria *Comportamento* e 86 na editoria *Sociedade*.

Um dos exemplos citados pela pesquisadora em sua dissertação no que tange à editoria *Comportamento*, e que passa à margem de temas sobre identidade e sexualidade contemporânea, é a edição 109 do UOL TAB, que traz como título "Por um design unissex":

Na edição 109, Por um design unissex²⁴ (03/04/2017), o foco está na criação de produtos e espaços que possam promover a igualdade de gênero, visto que mais da metade da população mundial é formada por mulheres, mas ainda assim o design é pensado para os homens. Um exemplo interessante que exemplifica o tema da edição, é o fato de que os testes de cinto de segurança são realizados apenas com bonecos que emulam corpos masculinos, quando mulheres também dirigem e podem sofrer acidentes de trânsito (CONCEIÇÃO, 2018, p. 180)

Ou seja, infere-se, pela pesquisa feita pela colega, que o TAB exerce seu papel fundador de ser um veículo plural e que traz ao centro do debate temas pouco vistos na mídia tradicional. Além da comprovação científica por meio dos números coletados no portal, há também a inferência empírica feita durante a apuração de fontes para esta pesquisa feita por mim mesma. Portanto, posso dizer que a escolha do TAB UOL como objeto deste presente Trabalho de Conclusão de Curso não foi à toa, ou sem razão. Pelo contrário, ele foi escolhido após ter me deparado no portal TAB com inúmeras pautas que fazem sentido e ressoam o tema desta pesquisa.

²⁴ <https://bit.ly/Design-gênero>

6. JORNALISMO E LITERATURA²⁵

O jornalismo e literatura apresentam diferenças inconciliáveis: o primeiro possui compromisso inalienável com fatos da realidade na qual se insere, enquanto o outro é composto por traços de insubordinação do sujeito perante esses mesmos fatos (MARCONDES FILHO, 1989). Além disso, o jornalismo fundamenta sua utilidade no presente, mesmo que este encontre reflexos em outras escalas temporais, sempre objetivo em sua busca pelo genérico e inteligível — algo quase impossível para escritores que encontram na memória e na subjetividade sua maior fonte de inspiração.

As palavras de cada dia passam pela cabeça do jornalista como matéria-prima efêmera para a realização prática do que ele precisa dizer ou informar. Para o escritor, as palavras quando postas num determinado período ou numa sequência precisa têm a secreta intenção de perdurar (CASTRO, 2002, p. 71)

À primeira vista, líquidos imiscíveis. Contudo, mesmo com pontos de partida e funções diferentes, entre jornalismo e literatura existem diversas correlações possíveis. Uma delas, apesar de parecer óbvio, é o ofício a partir da palavra. Nos dois casos, seja no trato factual da notícia ou na criação de realidades fictícias, o que sempre se viu surgir tanto em páginas de jornais como nos livros são palavras. Mas não se trata apenas disso. Suas intersecções são tantas, e tão variadas, que há momentos em que traçar uma fronteira se torna uma tarefa difícil. Não raro um jornalista leva paralelo à carreira nas redações a atuação como escritor. Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meirelles, Gabriel García Márquez, Truman Capote, Machado de Assis, Eliane Brum, Ruy Castro, Svetlana Alexievich são apenas alguns exemplos dos que conseguiram unir jornalismo com literatura em livros e na redação por meio de estratégias discursivas e recursos estilísticos empregadas no uso da palavra.

Tal aproximação tem início no momento em que ainda não havia jornalistas oficialmente formados sob tal profissão. O que existia, até então, eram pessoas que escreviam para jornais, fossem eles advogados, professores, políticos ou escritores. Segundo divisão feita por Ciro Marcondes Filho no livro *Comunicação e jornalismo: a saga dos cães perdidos* (2000), o jornalismo cruza caminho com a literatura desde sua origem, tendo em vista que no

²⁵ Mesmo sem ter sido incluído em nenhuma categoria de análise (ver Capítulo 8), o jornalismo literário ganha um capítulo nesta pesquisa por sua relação com o objeto analisado, o UOL TAB, que utiliza em suas reportagens técnicas e recursos típicos do jornalismo literário, muitas das quais serão abordadas neste Capítulo.

surgimento dos periódicos, época denominada pelo autor como "Pré-história do Jornalismo" (de 1663 a 1789), a produção dos impressos era artesanal e se assemelhava com livros. Na fase seguinte, época do "Primeiro Jornalismo" (de 1789 a 1830), essa aproximação fica ainda mais nítida, uma vez que o caráter do conteúdo nos jornais era literário e político, com escritores e intelectuais assinando textos e comandando as redações.

Foi também a partir da descoberta da importância do jornal no espaço público pelos escritores que foi dado início às publicações de romances dentro dos jornais e textos de crítica literária. Popularmente chamado de folhetim, a publicação periódica de narrativas literárias era, assim como o restante do jornal, direcionado para um público amplo e heterogêneo. Charles Dickens, Liev Tolstói, Honoré de Balzac e José de Alencar foram alguns dos grandes nomes da literatura que tiveram suas histórias publicadas em fascículos nos folhetins.

Na imprensa brasileira, a criação de revistas que apostaram não apenas na profundidade das reportagens, como também no apreço pela estética da escrita, marcaram essa aproximação. Lançadas respectivamente em 1928 e 1966, as revistas *Cruzeiro* e *Realidade* abriram o caminho do jornalismo de fôlego no país ao misturar a atualidade de notícias factuais com a narração em tom literário — herdada principalmente do DNA livresco dos escritores.

Os suplementos literários e culturais também possuem crédito quando se trata de associar o jornalismo à literatura. Em sua maioria criados por quem já havia passado por redações de periódicos, muitos desse suplementos traziam críticas literárias, resenhas de livros, contos e crônicas, obtendo maior presença e importância na imprensa.

Quiçá isso seja devido ao papel desempenhado pelos suplementos culturais, ao auge do "articulismo" literário, à recuperada presença do conto e à publicação na imprensa, por entrega, de obras de ficção. Por tudo isso, não parece arriscado demais pensar na influência que o jornalismo e a aplicação de novas tecnologias têm hoje nos gêneros narrativos. (MEDEL, 2002, p. 16)

Jornalismo é literatura? Como saber qual o limite de um e onde começa o outro? Estabelecer limites entre a função e objetivos, e o quanto cada um deve ser influente e influenciado pelo outro é necessário, apesar de nem sempre essa tênue linha ser fixa e inquestionável. Contudo, é inegável os benefícios que essa parceria deixou.

6.1 ENTRE A INFORMAÇÃO E A PROSA LIVRE: O JORNALISMO DITO LITERÁRIO

São diversas as definições encontradas para o jornalismo literário, e apesar de entendido hoje como gênero textual e amplamente estudado como tal, ainda não encontrou consenso entre estudiosos da área quanto sua interpretação oficial. De acordo com Felipe Pena em *Jornalismo literário* (2006), essa vertente do jornalismo integra o trabalho do comunicador como uma alternativa ao limbo do ideal de consumo que se tornaram os periódicos, que, ao explorar o grotesco, a futilidade e o sensacionalismo, visam apenas obter um lucro maior.

Ainda segundo Pena, uma versão mais complexa do conceito pode ser entendida a partir da metáfora da estrela de sete pontas, na qual cada ponta representa um atributo desse encontro entre a notícia e a veia literária. São elas as seguintes: 1. Desapego à novidade dos fatos e sua atualidade; 2. Potencialização dos recursos narrativos — enveredar pela vertente literária não significa jogar fora o aprendizado do jornalismo diário, mas usá-lo como estratégia para uma reportagem bem apurada e com ideias claras; 3. Contextualização aprofundada dos acontecimentos a partir de uma visão mais ampla dos fatos; 4. Não obedece necessariamente ao esquema da pirâmide invertida e à hierarquia de informações proposta pelo *lead*; 5. Pressupõe uma maior abrangência de pontos de vista ao ouvir não apenas personagens técnicos ou "oficiais", mas também fontes anônimas, o cidadão comum; 6. Perenidade da reportagem e capacidade de permanecer relevante através (e apesar) do tempo; 7. Exercício da cidadania — o compromisso e responsabilidade precisa estar presente na pauta e no desenvolvimento ético da reportagem. É o que o autor chama de "espírito público" e que, apesar de ser um clichê, continua sendo de absoluta importância.

No final do século XIX, com o amadurecimento do jornalismo e sua feição cada vez mais moderna e industrial, surge a necessidade de aperfeiçoamento dos recursos narrativos usados no trato com a notícia (LIMA, 2004). Ao absorver elementos uma vez exclusivos da contação de histórias, o jornalismo ressignifica e dá outra finalidade a esses recursos, mantendo a preocupação em informar e retratar a realidade, mas com a ajuda de um arsenal mais extenso de ferramentas.

Fatos históricos como guerras e conflitos humanitários presentes no momento em que o jornalismo contemporâneo estava se estabelecendo também influenciaram a parceria entre literatura e jornalismo. A abordagem neutra e imparcial dos fatos já não fazia jus à escalada de desastres da realidade, e o jornalismo precisava acompanhar.

Não por acaso o questionamento dos textos meramente informativos começa cedo, quando os comunicadores sociais percebem que despachos curtos não são suficientes para transmitir a dramaticidade de conflitos domésticos ou, certamente, de uma guerra. (MARTINEZ, 2008, p. 25)

Frequentemente, atribui-se o marco do jornalismo literário ao jornalismo literário americano, denominado *New Journalism* e passou a ser reconhecido como um movimento dentro da profissão a partir do século XX (LIMA, 1993). O termo foi cunhado por Tom Wolfe em 1973, após a publicação de manifesto no livro *The new journalism*, no qual reuniu alguns textos de autores americanos que representavam esse novo fazer jornalístico. Além dos textos — e apesar de o próprio Wolfe admitir que o movimento se organizou muito mais pelo instinto do jornalista do que a partir de diretrizes pré-determinadas —, o livro também aponta marcas que uma reportagem deveria ter para se encaixar no Novo Jornalismo como a reconstrução de cenas, transcrição de diálogos completos, diferentes pontos de vista e descrição simbólica do personagem.

Contudo, Wolfe não foi seu precursor. A teoria mais difundida entre pesquisadores afirma que a vertente tenha seu início no pós-guerra com a publicação de *Hiroshima*, de John Hersey. Endossando a opinião da pesquisadora Monica Martinez, citada anteriormente, sobre a necessidade do jornalismo acompanhar as mudanças pelas quais o mundo passava, Hersey, à época jornalista da revista *The New Yorker*, vai para as cidades de Hiroshima e Nagasaki — ambas devastadas pela guerra — e reporta seis pontos de vista sobre o bombardeio atômico a partir de sobreviventes, humanizando um fato que não poderia ser resumido no *lead* de uma notícia.

Além de Hersey, muitos jornalista também exercitavam à época tais conceitos de reportagem, como Truman Capote, Gay Talese, Joseph Mitchell, Norman Mailer, entre outras, que abriam paulatinamente espaço para um texto mais saboroso, complexo em ideias e detalhes, fruto do casamento harmônico entre estética e informação numa reação à objetividade do jornalismo. Nas palavras não muito humildes de Tom Wolfe em entrevista publicada em Fevereiro de 1962 na revista *The New York Magazine*, "eles [jornalistas] não imaginavam nem por um minuto que o trabalho que eles produziram pelos próximos dez anos, como jornalistas, faria com que o romance não fosse mais o principal evento da literatura".

No Brasil essa junção fica evidente a partir do final do século XIX (PENA, 2006), e apesar de muito influenciada pela imprensa americana, a introdução do jornalismo literário foi mais tênue. Não existiam manifestos ou regras a serem seguidas, caracterizando, assim,

um movimento espontâneo e com o pontapé inicial proporcionado mais por literatos do que propriamente por jornalistas.

O trânsito de escritores nas redações não é novidade, e foi essa presença no meio jornalístico que aproximou a literatura dos periódicos, mesmo que lentamente. Há também que se considerar a falta de espaço na imprensa tradicional, fazendo com que reportagens mais extensas e elaboradas encontrassem oportunidade apenas em meios específicos fazendo com que a produção do jornalismo literário se restringisse a iniciativas individuais e limitadas.

Uma delas é *Os sertões*, de Euclides da Cunha. Hoje considerado um clássico da literatura brasileira, foi originalmente publicado como uma série de reportagens sobre a guerra de Canudos para o jornal *O Estado de S. Paulo*, em 1907. Editado em livro em 1909, o conflito no interior da Bahia é descrito com riqueza de detalhes e contextualização do enredo, além de apresentar um autêntico retrato social e geográfico do sertão nordestino, qualidades somente atingidas pela colaboração entre sua profissão como escritor e o ímpeto jornalístico de informar.

Ao procurar percursos diferentes da explicação linear de causa e efeito da imprensa convencional, ocasionada pelo padrão de concisão das notícias, o jornalismo literário busca explicações melhores para o real (PENA, 2004). Afinal, a junção de duas estratégias não significa abdicar de uma ou de outra, mas sim fundir ambas em um produto mais completo, que permite preencher lacunas que sozinhas não poderiam preencher.

Caracterizado antes pela experiência do que por métodos científicos de produção homogênea de notícias, o diálogo do jornalismo literário ultrapassa barreiras tanto do jornalismo quanto da literatura, atingindo o campo político, antropológico e sociológico. Visões de mundo e pontos de vista diferentes agora eram parte da informação e do ambiente reproduzido tanto em páginas de jornais quanto em livros.

7. PERCURSO METODOLÓGICO E ANÁLISE

A pesquisa realizada neste trabalho apresenta a análise de conteúdo de duas reportagens do portal de notícias digital UOL TAB. Para realizar a análise, foram escolhidos dois autores que são referências no ramo: Laurence Bardin e Wilson Corrêa da Fonseca Júnior.

Ambos propõem formas diferentes para se fazer a mesma coisa: analisar o conteúdo presente em produtos jornalísticos — sendo a proposta de codificação de Bardin mais extensa e detalhada, enquanto Fonseca Júnior propõe um método de análise mais enxuto. Para as análises, descritas a seguir, usou-se um pouco de cada método.

Bardin (2016), no livro *Análise de Conteúdo* elabora, além de um passo a passo da análise de conteúdo e codificação do objeto estudado, também embasa uma pré-análise, por meio da qual se constitui o *corpus* da pesquisa, técnica usada nesta pesquisa.

A pré-análise é o momento de organizar a pesquisa e "sistematizar as ideias iniciais de maneira a conduzir a um esquema preciso do desenvolvimento das operações sucessivas" (BARDIN, 2016). A pré-análise possui três objetivos: a escolha dos documentos a serem submetidos à análise, a formulação das hipóteses e dos objetivos. Ainda segundo Bardin, apesar de a pré-análise ser um passo fundamental da análise em si, essa etapa é composta por outras etapas subjacentes, que não necessariamente precisam ser rigorosamente cumpridas, mas que ajudam no processo de investigação do pesquisador, que são as seguintes: a) *Leitura flutuante*, b) *Escolha dos documentos*, c) *Regra da exaustividade*, d) *Regra da representatividade* e e) *Regra da homogeneidade*. A seguir, a título de especificar a escolha do *corpus* desta pesquisa e exemplificar o que cada uma dessas etapas subjacentes à pré-análise determina, apresento o passo a passo das escolhas de reportagens para submeter à análise. As definições usadas para cada etapa são retiradas do livro *Análise de conteúdo* (BARDIN, 2016).

- a) ***Leitura Flutuante***: "Consiste em estabelecer contato com os documentos a analisar e em conhecer o texto, deixando-se invadir impressões e orientações." (BARDIN, 2016)

Muito antes da pesquisa começar a tomar forma, o que eu fiz foi, de certa forma, uma extensa leitura flutuante do tema sexo e sexualidade em diversos jornais, revistas, sites, etc. Foi mais de um ano me atualizando constantemente, lendo desde reportagens a colunas de opinião, editoriais, livros e tantos outros produtos jornalísticos e literários que dizem respeito ao tema abordado nesta pesquisa. Foi a partir dessa leitura flutuante que cheguei à conclusão

de que queria fazer a análise de reportagens do UOL, e a partir da leitura flutuante também construí opiniões, questionamentos e outras impressões, como fala Bardin, sobre o tema.

b) Escolha dos documentos

Ao chegar nesta etapa, a escolha do veículo do qual retiraria as reportagens para análise já havia sido feita. Percebeu-se que umas das hipóteses iniciais deste projeto - a de que o portal UOL TAB aborda em suas páginas temáticas sexuais com mais frequência que jornais tradicionais — poderia não ser imperativa. Isso porque se decidiu que a análise seria feita a partir de reportagens encontradas nas categorias de busca definidas pelo UOL TAB como Nas Ruas e Especiais, dentro do período de seis meses, entre 01/05/2021 a 01/11/2021. Viu-se que se continuasse com o mesmo filtro de categorias, o corpus seria muito limitado. Dentro desses seis meses, juntando ambas as categorias procura (Nas Ruas e Especiais), foram identificadas apenas QUATRO reportagens que se encaixavam na temática.

Procurando um *corpus* mais robusto, com mais opções de escolha para realizar a análise de conteúdo, mudou-se o filtro primário: ao invés de analisar reportagens de "Nas Ruas" e "Especiais", optou-se por analisar as reportagens contidas na editoria "Comportamento", obedecendo o mesmo espaço temporal de seis meses — de 01/05/2021 a 01/11/2021. Foram encontradas, dessa vez, dez matérias, cujos títulos elenco abaixo:

1. Pronomes neutros: linguagem inclusiva aumenta nosso repertório linguístico²⁶
2. Está difícil ser jovem LGBTQI+ na pandemia²⁷
3. Após dois anos, como está a criminalização da homotransfobia?²⁸
4. Como o OnlyFans e as redes estão mudando a forma como encaramos os fetiches²⁹
5. Chemsex: jovens usam drogas para 'turbinar' sexo e testar limites do corpo³⁰
6. Após 40 anos de pandemia, vacina contra HIV é um sonho possível³¹
7. Gay Games: Como a Olimpíada LGBT reflete a força do turismo de diversidade³²
8. 'Já vi de tudo': a rotina de um 'fiscal' de clube de sexo, no centro de SP³³
9. Tantra Tinder: dá para juntar os encontros rápidos de app com sexo lento?³⁴

²⁶ <https://bit.ly/UOL-TAB-1>

²⁷ <https://bit.ly/UOL-TAB-2>

²⁸ <https://bit.ly/UOL-TAB-3>

²⁹ <https://bit.ly/UOL-TAB-4>

³⁰ <https://bit.ly/UOL-TAB-5>

³¹ <https://bit.ly/UOL-TAB-6>

³² <https://bit.ly/UOL-TAB-7>

³³ <https://bit.ly/UOL-TAB-8>

³⁴ <https://bit.ly/UOL-TAB-9>

10. 'Amarração que dá certo': mestra em shibari democratiza prática erótica³⁵

Como o objetivo da pesquisa era analisar apenas duas reportagens, alguns filtros foram escolhidos para diminuir as opções. O primeiro deles foi a exclusão de textos **opinativos**. Como a análise mira no veículo UOL TAB como um todo, não na opinião de seus colunistas, textos de opinião foram retirados da lista — o que foi o caso dos textos 1, 2 e 3 foram retirados da lista.

O filtro seguinte foi aplicado para retirar textos que chamei de "datados", ou seja, que abordavam assuntos relacionados ao tema desta pesquisa, mas por razões de um acontecimento específico. Nessa leva, foram descartados os textos 6 e 7.

Os textos restantes foram selecionados, dessa vez, não mais por filtros excludentes, mas sim por meio de considerações sobre o tema da reportagem, representatividade da pauta e abrangência social. Os critérios usados foram subjetivos, mas de forma alguma foram definidos por simples aleatoriedade. Cada um desses critérios levou em conta as leituras flutuantes, pesquisa e investigação acadêmica feita até então. Nessa esteira, ficaram para trás os textos 4, 5 e 8. Explico: Durante a leitura do texto 4, percebi que a reportagem era menor, portanto com menos fontes, e também redirecionava o leitor para um podcast, caso ele quisesse "se aprofundar ainda mais no tema da sexualidade mediada pelas telas em tempos de pandemia". O texto 5, apesar de falar sobre sexo, o enfoque maior da reportagem recai sobre o uso de drogas, assunto que foge da alçada dessa pesquisa e, portanto, não interessa nesse momento. E, por último, o texto 8 foi descartado pelo filtro de representatividade. O texto é um perfil sobre o fiscal de um clube de sexo em São Paulo, ou seja, é a reiteração visão masculina (já tanto abordada) sobre o sexo alheio.

Finalmente, após feitos os cortes necessários, restaram as reportagens 9 e 10, que estão apresentadas na íntegra no Apêndice deste documento e serão analisadas no próximo capítulo.

É importante dizer que, após a seleção de ambas as reportagens do *corpus*, elas foram submetidas a avaliação dos outros critérios elencados por Bardin (2016), descritos abaixo:

c) Regra da exaustividade: "(...) não se pode deixar de fora qualquer um dos elementos, por esta ou aquela razão (dificuldade de acesso, impressão de não interesse), que não possa ser justificável o plano do rigor". (p.127d) **Regra da representatividade:** "A análise pode efetuar-se numa *amostra* desde que o material a isso se preste" (p. 127)

³⁵ <https://bit.ly/UOL-TAB-10>

e) **Regra da homogeneidade:** os documentos retidos devem ser homogêneos, isto é, devem obedecer a critérios precisos de escolha e não apresentar demasiada singularidade fora desses critérios". (p. 128)

Se na pré-análise a autora escolhida foi Laurence Bardin, para o processo de análise, o autor escolhido foi Wilson Corrêa da Fonseca Júnior, cujo método foi retirado do livro *Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação* (2011), organizado por Jorge Duarte e Antonio Barros.

Após uma breve retrospectiva sobre a importância da análise de conteúdo e seu histórico, Fonseca Júnior apresenta seu método de análise para o leitor, muito embasado na pesquisa de Laurence Bardin. "a codificação é o processo de transformação dos dados brutos de forma sistemática (...) visando esclarecer o analista sobre as características do material selecionado." (BARDIN, 2016, p. 133).

Fonseca Júnior pontua que para a codificação ser bem-sucedida, é necessário realizá-la em três etapas: a) o recorte do *corpus*, b) a enumeração e c) classificação e agregação das categorias a serem analisadas. Para a), como explicitado anteriormente, o recorte feito foi das reportagens da editoria "Comportamento" do portal digital TAB UOL, entre os dias 01/05/2021 e 01/11/2021.

Das dez reportagens encontradas dentro desse período, duas serão levadas à análise. Para b) foram usadas como regras de enumeração: a frequência com que um símbolo aparece, "como medida de importância, atenção ou ênfase" (FONSECA, 2011, p. 295); o equilíbrio na quantidade de atributos favoráveis e desfavoráveis de um determinado símbolo, para determinar "orientação ou tendência" (FONSECA, 2011, p. 295); e a quantidade de associações e de classificações manifestadas sobre um símbolo, "como medida de intensidade ou força de uma crença convicção ou motivação." (FONSECA, 2011, p. 295).

Por último, mas não menos importante, na parte c), foram usadas as seguintes categorias: 1. *hermenêutica* (interpretação) 2. *modo de dizer* (como os fatos narrados são expostos pelo (a) jornalista) 3. *imagem* (quais são os elementos imagéticos/interativos da reportagem?) 4. *polifonia* (quem são as fontes?). A escolha das categorias, voltadas mais ao campo semântico e interpretativo, para ir em busca de um dos objetivos desta pesquisa, que é entender se o jornalismo percebe ou não - ou consegue interpretar/acompanhar ou não - o momento de mudanças efervescentes que estamos vivendo socialmente.

As frases destacadas de cada reportagem foram colocadas em uma tabela, e, logo em sequência, postas à análise.

7.1 REPORTAGEM NÚMERO 1 - “TANTRA TINDER: DÁ PARA JUNTAR OS ENCONTROS RÁPIDOS DE APP COM SEXO LENTO?” - AUTORIA DE RODRIGO BERTOLOTTO³⁶

HERMENÊUTICA	MODO DE DIZER	POLIFONIA	IMAGENS
<p>1. (...) mas seus donos estavam longe dali, em alguma dimensão encantada de maciez e prazer.</p> <p>3. Devidamente vacinados e testados na véspera, os tântricos estão voltando ao que mais gostam: o contato humano.</p> <p>4. "Há um preconceito de que não passa de suruba, mas é justamente o contrário. Tem mais a ver com o amor-próprio. Também é aceitar sua vulnerabilidade, e isso, para os</p>	<p>2. Se na última década a vida amorosa se gamificou e se acelerou, com o Tinder e aplicativos similares, os relacionamentos tântricos surgiram como uma contratendência que se espalha bem devagar.</p> <p>3. Os casais estão felizes por apimentar a convivência. Já os solteiros enfrentam emoções contraditórias: radiantes com o portal de sensações corporais que se abriu, mas queixosos porque querem</p>	<p>1. Cacau Mila, 37, participante do encontro</p> <p>2. Roberta Pavon, 41, participante do encontro</p> <p>3. Ana Carolina Campos, idade desconhecida, participante do encontro</p> <p>4. Cleyton Sales, 39, co-fundador da "Mundo Tantra", escola que organizou do encontro referido na reportagem</p> <p>5. Bia Neppel, 40, co-fundadora da "Mundo Tantra",</p>	<p>Fotografias disponíveis na reportagem (ver Anexos 1, 2, 3, 4, 5, 6 e 7)</p>

³⁶ Disponível integralmente no número 2 dos Apêndices

<p>homens, é muito difícil. O tantra mudou minha vida por completo, não só o sexo. Hoje olho os outros de uma forma mais amorosa"</p> <p>4. Agora, como combinar o sexo casual dos aplicativos com a solenidade de meditações, massagens, incensos, músicas e óleos do tantra?</p> <p>5. (...) no meio de influencers sexuais, terapeutas iniciantes, casais de meia-idade e até uma ex-panicat que encaravam a imersão.</p> <p>6. "Posso até dar uma rapidinha, mas antes eu vou preparar meu corpo, me abrir para o prazer. Esses ensinamentos mudaram minha forma de sentir". (Ana Carolina Campos)</p>	<p>encontrar alguém com quem fugir do amor convencional.</p> <p>5. As aulas do Mundo Tantra, escola de Bia e Cleyton, tem maioria feminina, e delas partiu o pedido para criar uma rede de adeptos. Segundo Bia, os homens ainda são poucos porque muitos conservam a postura de que já sabem tudo.</p> <p>6. Essa moda começou em 2017 e chegou a haver reuniões mensais em 22 cidades pelos EUA, atraindo principalmente millennials que não conseguiam que seus romances saíssem da internet para a vida real.</p> <p>7. Ao contrário de crenças como o cristianismo, que separam o físico do espiritual, o tantra vê</p>	<p>escola que organizou do encontro referido na reportagem</p> <p>6. Mahaprabhu, instrutor do aplicativo "Tantra Tinder"</p>	
--	--	--	--

<p>7. "Tem que haver uma curadoria de quem participa. Se não, entra muito curioso que não sabe os limites e a filosofia por trás. O tantra é profundo sem ser invasivo". (Cleyton Sales)</p> <p>8. "Tantra Tinder": Em 24 horas, já tinha mais 200 dispostos a encontrar um parceiro para enfrentar gostosamente o isolamento da pandemia."</p>	<p>o corpo como um caminho para o sagrado, e o êxtase dos sentidos como um arrebatamento místico. (...) essa massagem, uma prática que é apenas uma parte diminuta da crença, se espalhou pelo mundo, diluindo sua origem religiosa e servindo como mais uma ferramenta para as pessoas escaparem da vida automatizada e veloz das grandes cidades.</p> <p>8. O período pandêmico, como uma contrapartida a tantos males que causou, ajudou a popularizar mais esses ensinamentos, afinal, surgiram muitos cursos online. E eles são bem mais baratos que seus similares presenciais — por volta de R\$ 100, enquanto as imersões não saem por menos de R\$</p>		
---	---	--	--

	<p>1.500, incluindo hotel, refeições e um fim de semana de amor próprio e carinhos alheios.</p> <p>9. Liderado por Bia e Cleyton, o encontro na pousada Villarejo começou na sexta-feira, com uma cerimônia em volta de uma fogueira. Cada um escreveu em um papel o sentimento que queria deixar para trás e jogou nas chamas. Depois veio um sábado com meditações, lições sobre consentimento e respeito e, é claro, massagens. O ritual iniciou com os pares sentados em posição de lótus se olhando, tocando as mãos, trocando carícias para logo um deles se despir e ser massageado. Depois, havia a recíproca.</p> <p>11. No domingo, na despedida, os guias</p>		
--	---	--	--

	<p>promoveram um "autocasamento". O aluno, de branco, caminhava sozinho entre arranjos de flores até diante de um altar e fazia um juramento de fidelidade eterna a si mesmo, cada um fazendo seu texto.</p>		
--	---	--	--

7.1.1 HERMENÊUTICA

Na categoria *hermenêutica*, ou seja, o modo como o repórter interpreta e contextualiza a situação da qual fala o texto, estão contidas frases do texto em que a voz do repórter se sobressai - não por propriamente emitir alguma opinião, mas por não estar estritamente preso aos fatos, momentos em que, por descuido ou opção, algum tipo de qualificação da prática tântrica é impressa no texto. Estão contidas nessa categoria também algumas falas dos entrevistados, uma vez que a escolha destas também sugere o enfoque dado pelo jornalista.

O texto abre descrevendo o local da prática, que ocorre em um local tranquilo e silencioso em Ibiúna (SP). Também descreve algumas ações do grupo, para situar o leitor com o que estará lidando nos próximos parágrafos. A primeira frase que destaco é "(...) mas seus donos estavam longe dali, em alguma dimensão encantada de maciez e prazer." (BERTOLOTTO, 2021, online). Realmente, o tantra está inserido dentro de um contexto religioso e espiritual, mas não há relatos de pessoas que foram para outras dimensões ao passarem por um ritual/experiência de sexo tântrico, o que pode levar o leitor a entender a prática como algo etéreo e pouco comum, o que não é a intenção aparente do texto, uma vez que, em diversos momentos, ele busca mostrar ao leitor como a prática tem se difundido em diversos grupos.

Em seguida, há uma dedução (válida) por parte do repórter, que continua: "Devidamente vacinados e testados na véspera, os tântricos estão voltando ao que mais gostam: o contato humano." (BERTOLOTTO, 2021, online). Do ponto de vista inclusivo, e

do incentivo ao pluralismo de práticas sexuais, o texto propõe ao leitor que o que os participantes daquele evento estão lá é para se tocar, se abraçar, estar juntos e experimentar o contato humano de uma forma alternativa. Sim, há sexo e erotismo envolvido na prática, mas o tantra não é só isso, e não pode ser tratado assim de forma tão rasa. Esse mesmo ponto de vista é endossado pela fala de Roberta Pavon: "Há um preconceito de que não passa de suruba, mas é justamente o contrário. Tem mais a ver com o amor-próprio. Também é aceitar sua vulnerabilidade, e isso, para os homens, é muito difícil. O tantra mudou minha vida por completo, não só o sexo. Hoje olho os outros de uma forma mais amorosa." (BERTOLOTTI, 2021, online).

Outro detalhe importante, e que também influencia nesse aspecto inclusivo é o detalhamento das pessoas que estavam presente: "(...) no meio de influencers sexuais, terapeutas iniciantes, casais de meia-idade e até uma ex-panicat que encaravam a imersão." (BERTOLOTTI, 2021, online). A frase pode ser entendida, se lida nas entrelinhas, como um pouco irônica, já que, em que situação ordinária uma ex-panicat e uma influencer sexual e casais de meia idade se encontrariam? De qualquer forma, a breve descrição faz mais do que uma anedota: mostra que o tantra, apesar de muitas vezes taxado como prática "nichada", pode atingir um público grande e diverso — como fica claro também em outras passagens do texto como quando o jornalista explica o número de inscritos nos encontros do "Tantra Tinder": "Em 24 horas, já tinha mais 200 dispostos a encontrar um parceiro para enfrentar gostosamente o isolamento da pandemia. (BERTOLOTTI, 2021, online).

Na próxima frase analisada, o autor do texto aponta uma contradição (a seu ver): "Agora, como combinar o sexo casual dos aplicativos com a solenidade de meditações, massagens, incensos, músicas e óleos do tantra?" (BERTOLOTTI, 2021, online). A frase não foi dita por nenhum de seus personagens, então se supõe que é uma opinião do próprio autor. A contradição se encontra em dois adjetivos atribuídos às práticas retratadas no texto: "sexo casual" e "solenidade" de meditações (BERTOLOTTI, 2021, online). Quando o jornalista contrapõe esse dois termos, um sendo oposição ao outro, ele endossa a ideia popular de que sexo com pessoas que você conhece há pouco tempo, e portanto não nutre nenhum tipo de sentimento para com ela, é uma experiência sexual "inválida", ou menos importante que uma prática "solene".

Atribuições como essa possuem, muitas vezes, conotações machistas, que têm sido contestadas por movimentos feministas que discutem o "direito ao prazer" feminino. Esse conceito aparece em diversos autores mencionados neste trabalho, como Betty Friedan e Regina Navarro Lins. Para Lins (2012), a pílula anticoncepcional, e seu uso massivo por

mulheres emancipadas, veio para afastar a ideia do sexo como mecanismo de reprodução, e sim como uma fonte de prazer. Até então, sexo casual não era algo discutido como problemática, porque quem o fazia eram homens. Em diversos momentos de seus livros, Lins menciona figuras do galã, e do Don Juan, que foram extremamente importantes para moldar o estereótipo do homem másculo em nossa sociedade atualmente. Estereótipo esse que atravessa a esfera sexual. Ou seja, o homem bem-sucedido é aquele com várias mulheres. A discussão sobre sexo ser ou não sagrado também passa por essa seara. A religião católica também teve grande influência na visão sexual imposta a muitas mulheres no século XX (DEL PRIORE, 2011) e que, aparentemente, continua viva em nossos subconscientes ao atrelar o sexo casual com algo "profano", enquanto que meditações são solenes.

Em adição, alguns parágrafos abaixo, o leitor encontra as seguintes aspas, ditas por Ana Carolina Campos: "Posso até dar uma rapidinha, mas antes eu vou preparar meu corpo, me abrir para o prazer. Esses ensinamentos mudaram minha forma de sentir"(BERTOLOTTO, 2021, online), depoimento que compõe com a discussão acima, mas apresenta um outro lado. Para Ana Carolina, "dar uma rapidinha" (termo usado para descrever o ato sexual que acontece em pouco tempo) é algo tão normal quanto se preparar para um ritual tântrico. Porém, admite que para o último, é necessário uma preparação, uma vez que se trata de uma conexão espiritual com o outro e com seu próprio corpo.

Outra fala, dessa vez vinda de Cleyton Sales, também demonstra a escolha do jornalista em bater na tecla de que o tantra envolve, sim, sexo, mas não apenas: "Tem que haver uma curadoria de quem participa. Se não, entra muito curioso que não sabe os limites e a filosofia por trás. O tantra é profundo sem ser invasivo" (BERTOLOTTO, 2021, online).

7.1.2 MODO DE DIZER

Nesta categoria estão contidas frases em que a descrição factual do que está acontecendo é feita na reportagem. Aqui, cabem frases em que o jornalista faz descritivos de cena e/ou momentos em que ele assume quase uma característica de narrador, ou aspas dos entrevistados que definem a prática.

A primeira frase analisada nesta categoria aparece logo no início da reportagem e tenta explicar a ponta do iceberg que faz da junção do *slow sex* com o *speed dating* um fenômeno de sucesso: "Se na última década a vida amorosa se gamificou e se acelerou, com o Tinder e aplicativos similares, os relacionamentos tântricos surgiram como uma contratendência que se espalha bem devagar." (BERTOLOTTO, 2021, online).

O termo "gamificação" é uma expressão aportuguesada do inglês *gamification*, técnica de ludificação de aplicativos e outras plataformas digitais para prender mais a atenção de usuários. A gamificação é usada em diversas plataformas, desde sites de *e-commerce* até plataformas de ensino à distância, que visam prender a atenção do aluno e fazer com que ele aprenda o conteúdo de forma mais lúdica, normalmente com brincadeiras e jogos.

A expressão não é explicada no texto e se pressupõe que o leitor saiba o que significa, o que pode ser um tiro no pé do autor, já que tenta explicar um fenômeno muito conhecido por todos que é digitalização das relações, que pode ser encontrado em livros de diversos autores e filósofos, mais notadamente no trabalho de Zygmunt Bauman, que trata de temas como a modernidade líquida e o amor líquido como questões da volatilidade das relações humanas contemporâneas, amplamente influenciadas pelo caráter efêmero e rápido das redes sociais e da internet em geral. Apesar disso, a explicação que se segue sobre o tantra é clara e faz jus ao que a pauta pretende fazer: diferenciar o relacionamento rápido proporcionado por aplicativos como Tinder com a dedicação maior de tempo que alguém interessado no tantra precisa despende.

Anda na explicação sobre a busca dos participantes por uma aproximação mais humanizada e pessoal do sexo, e de preferência longe das telas, o texto continua, e traz mais explicações e contextualização ao leitor que não é tão familiar com o tantra.

"Ao contrário de crenças como o cristianismo, que separam o físico do espiritual, o tantra vê o corpo como um caminho para o sagrado, e o êxtase dos sentidos como um arrebatamento místico. (...) essa massagem, uma prática que é apenas uma parte diminuta da crença, se espalhou pelo mundo, diluindo sua origem religiosa e servindo como mais uma ferramenta para as pessoas escaparem da vida automatizada e veloz das grandes cidades." (BERTOLOTTO, 2021, online).

Ainda falando sobre a experiência daqueles que buscam a experiência tântrica no encontro, o texto pontua uma diferença entre a experiência dos casais e dos solteiros. Enquanto os casais estão em busca de uma experimentação diferente da que estão acostumados, os solteiros estão em busca não de experiências alternativas, mas sim de outra pessoa.

"Os casais estão felizes por apimentar a convivência. Já os solteiros enfrentam emoções contraditórias: radiantes com o portal de sensações corporais que se abriu, mas queixosos porque querem encontrar alguém com quem fugir do amor convencional." (BERTOLOTTO, 2021, online).

A frase, mesmo dando crédito aos solteiros ao mencionar o portal de sensações corporais que se abriu, os mostra como pessoas que buscam alguém que os complete, até

mesmo na busca pelo novo. No livro *Novas Formas de Amar* (201), Regina Navarro Lins fala sobre o estereótipo que muitas vezes recai sobre os solteiros, que é o estereótipo da pessoa que ainda não foi afortunada o suficiente para encontrar a outra metade. Ainda de acordo com a autora, esse é um pré-conceito que, pouco a pouco, está sendo dissolvido pelas novas formas de se relacionar da atualidade, mas é de se notar como a frase destacada acima faz o caminho contrário, de endosso dessa falsa premissa.

Em outro momento, a reportagem aborda, de forma sutil, uma questão polêmica no mundo das experimentações e expressões sexuais. Em dado momento, o jornalista utiliza o termo "moda" (BERTOLOTTO, 2021, online) para se referir à tendência tratada cada vez mais difundida do tantra. "Essa moda começou em 2017 e chegou a haver reuniões mensais em 22 cidades pelos EUA, atraindo principalmente millennials que não conseguiam que seus romances saíssem da internet para a vida real."

De certa forma, o emprego da palavra "moda" (BERTOLOTTO, 2021, online) não pode deixar de ser atrelada a um certo despreço da prática, uma vez que dá a entender ao leitor que todos que estão lá entraram nesse barco cegamente, influenciados por uma "onda". O que pode ser o caso dessas pessoas (isso não está em questão aqui), mas não cabe ao jornalista ser taxativo quanto a isso.

Logo em seguida, a ironia novamente se mostra nas entrelinhas da reportagem. No texto o tantra é definido como uma prática espiritual, portanto, deveria ser acessível a todos que desejam praticá-la. Contudo, no mundo real dos retiros tântricos e imersos não é bem assim e o jornalista faz questão de pontuar:

"O período pandêmico, como uma contrapartida a tantos males que causou, ajudou a popularizar mais esses ensinamentos, afinal, surgiram muitos cursos online. E eles são bem mais baratos que seus similares presenciais — por volta de R\$ 100, enquanto as imersões não saem por menos de R\$ 1.500, incluindo hotel, refeições e um fim de semana de amor próprio e carinhos alheios." (BERTOLOTTO, 2021, online).

Se na frase destacada acima, o texto define o público por seu poder aquisitivo, ele também não evita definir pelo gênero: "As aulas do Mundo Tantra, escola de Bia e Cleyton, têm maioria feminina, e delas partiu o pedido para criar uma rede de adeptos. Segundo Bia, os homens ainda são poucos porque muitos conservam a postura de que já sabem tudo." (BERTOLOTTO, 2021, online). Apesar da declaração importante de Bia Neppel, sobre o machismo ainda persistente na sociedade que impede homens de se entregarem a práticas

sexuais alternativas, a reportagem não traz a visão de nenhum participante masculino (aspecto tratado com maior detalhamento na categoria *polifonia*).

Por fim, nesta categoria é importante ressaltar o modo como o jornalista descreve as cenas vistas durante a imersão. Gabriela Wiener, autora do livro *Sexografias* (2008), em que ela mesma se aventura em experiências sexuais alternativas em reportagens de jornalismo gonzo³⁷, fala sobre a incapacidade da mídia de retratar as novas práticas e costumes sexuais com naturalidade, e dá uma dica para jornalistas não reproduzirem o que chama de "decálogo de cronistas": "Evite cair no turismo de vidas, no pitoresco, tratando pessoas como simpáticos *freaks* que lhe abrem as portas do seu mundo exótico" (WIENER, 2008).

E, nesse caso, o texto relata a imersão sem cair nessa armadilha. Começa falando do início do encontro:

"Liderado por Bia e Cleyton, o encontro na pousada Villarejo começou na sexta-feira, com uma cerimônia em volta de uma fogueira. Cada um escreveu em um papel o sentimento que queria deixar para trás e jogou nas chamas. Depois veio um sábado com meditações, lições sobre consentimento e respeito e, é claro, massagens. O ritual iniciou com os pares sentados em posição de lótus se olhando, tocando as mãos, trocando carícias para logo um deles se despir e ser massageado. Depois, havia a recíproca." (BERTOLOTTI, 2021, online).

O breve descritivo dá uma ideia do que se passou em Ibiúna naqueles dias, e nada tem a ver com o que os próprios participantes repudiam, mas que caiu na opinião popular, de que o sexo que ocorre fora dos padrões é "suruba". O final do texto também é o final da imersão: "No domingo, na despedida, os guias promoveram um "autocasamento. O aluno, de branco, caminhava sozinho entre arranjos de flores até diante de um altar e fazia um juramento de fidelidade eterna a si mesmo, cada um fazendo seu texto." Nada de turismo exótico, apenas o que aconteceu. Apenas a matéria-prima do jornalismo: fatos.

7.1.3 POLIFONIA

No que tange às fontes consultadas para compor a reportagem, o repórter não foi muito longe, literalmente. Com exceção de um personagem da matéria, os outros cinco entrevistados são ou participantes do encontro ou quem o promoveu. Isso se explica pelo intuito da pauta, que, como induz o título, era falar sobre a alternativa de juntar o encontros

³⁷Jornalismo gonzo é um estilo jornalístico que conta uma determinada história a partir do ponto de vista do próprio jornalista.. Nesta categoria, não há a pretensão de objetividade e, de acordo com Eduardo Ritter, "o jornalismo gonzo é um estilo jornalístico que conta uma determinada história a partir do ponto de vista do jornalista" (2015),

rápidos com sexo lento. Para isso, foram entrevistados os dois organizadores do encontro, Bia Neppel e Cleyton Sales, que na reportagem fala sobre a filosofia do tantra e as imersões que ambos promovem ao redor do Brasil. Já os participantes, claro, falam sobre suas experiências no encontro e o porquê de terem procurado o tantra.

Nesse aspecto, é interessante notar a idade dos participantes. Não raro, novas formas de amar e de promover encontro com outras pessoas (como é o caso de aplicativos como o Tinder), são atrelados à geração de jovens que entram agora em sua vida adulta e estão experimentando as possibilidades que a sexualidade fora das amarras sociais pode proporcionar. O curioso é que nenhum dos entrevistados obedece a esse padrão. A mais jovem, e cuja idade a distância dessa "nova geração", é a participante da imersão Cacau Mila, de 37 anos. Quanto ao restante, suas idades ou são superiores à de Cacau, ou não foi informada ao leitor.

Apesar de apresentarem um número considerável de fontes na reportagem, se a reportagem pretendia tratar com mais profundidade da tendência do *speed dating* com o *slow sex*, como diz a própria reportagem, a ausência de outros personagens que não estavam envolvidos com o evento promovido por Bia e Cleyton chama a atenção. Dos seis entrevistados, apenas um não faz parte desse universo: o instrutor Mahaprabhu, de 42 anos. Ele é um dos criadores do TantraTinder, aplicativo que faz jus ao nome ao promover encontros rápidos entre pessoas que desejam praticar e aprender mais sobre o sexo tântrico.

Porém, a investigação sobre essa "tendência" para por aí, pois nenhum usuário do TantraTinder aparece como fonte da história. Outro fato sobre a escolha das fontes que também chama a atenção é o fato de que todas as entrevistadas do encontro são mulheres. Os homens presentes na reportagem são figuras que representam certa "autoridade" dentro da prática tântrica, que é o caso de Cleyton Soares, co-fundador da escola Mundo Tantra e o criador do aplicativo TantraTinder, o instrutor Mahaprabhu, mas nenhum participante aparece como fonte, mesmo sabendo-se por meio das fotografias da reportagem, que havia homens presentes na imersão.

Contudo, a presença das fontes tem um papel muito importante na reportagem no que diz respeito ao "desmistificar" a prática do tantra, trazendo a opinião de pessoas que já praticam o tantra há algum tempo, como é o caso de Bia Neppel e Cleyton Soares, e também daqueles que querem conhecer a prática mais profundamente e estavam no encontro para expandirem seus conhecimentos e práticas tântricas, como é o caso de Cacau Mila, Roberta Pavon e Ana Carolina Campos.

7.1.4 IMAGENS

Como abordado no capítulo *UOL TAB*, o veículo usado como objeto de estudo nesta pesquisa se pretende um portal multimídia, o que implica na utilização de elementos interativos, vídeos, fotografias, infográficos, etc. O que não é o caso dessa reportagem específica. Nesta primeira reportagem analisada, o único material "multimídia" são as fotografias. Importante notar: não são fotografias retiradas de bancos de imagem, mas sim imagens feitas exclusivamente para ilustrar a reportagem, feitas *in loco*, no momento do encontro.

A fotografia que está em destaque na matéria (ver ANEXOS, foto 1), e a que aparece como ícone na página do portal UOL TAB, é impactante: traz no centro uma mulher deitada nua no chão, com as costas arqueadas. Seu rosto, supõe-se, é a face de um orgasmo. Sua boca está aberta e os nervos da testa estão à mostra, como quem está contraindo o músculo. A fotografia também é ousada, se comparada a outros jornais. Se meramente *falar* sobre sexo em jornais já é uma tarefa difícil no Brasil, quem dirá representar um encontro tântrico — e mais que isso, mostrar seu momento de clímax — logo de cara na abertura de uma reportagem. A fotografia também traz um breve descritivo: "Curso mostra técnica de massagem tântrica para solteiros e casais em pousada em Ibiúna (SP)" (BERTOLOTTO, 2021, online).

Na sequência, outras fotografias são apresentadas ao leitor, algumas disponíveis entrecortando os parágrafos (duas) e outras nove dispostas num carrossel, mais ou menos na metade da reportagem. Estas, estão agrupadas em formato de álbum que permite a passagem rápida de uma foto a outra. Os momentos flagrados pelo fotógrafo são um pouco diferentes da primeira fotografia. Nas fotos, são destacados os participantes se abraçando (ver ANEXOS, foto 2), levemente se tocando (ver ANEXOS, foto 3) e se massageando (ver ANEXOS, foto 4). Já para o final do carrossel, as imagens vão saindo do campo do carinho para uma demonstração da massagem erótica, mas que não ultrapassam essa barreira. Na foto 5 (ver ANEXOS, foto 5), pode-se ver Cleyton sendo massageado por sua esposa Bia Neppel (ambos organizadores do encontro), e diversas pessoas olhando ao fundo. Em nenhum momento, os órgãos genitais estão aparentes. Todos estão interessados no que está acontecendo no centro da imagem, no caso a demonstração da massagem de Bia em Cleyton. É possível inferir que a prática está sendo levada a sério, nada de "suruba", como disse Roberta Pavon.

Na última fotografia do carrossel (ver ANEXOS, foto 6), quem aparece sendo massageada agora é Bia Neppel, por seu marido Cleyton. Na foto, assim como na imagem de abertura da reportagem, ela parece estar atingindo o clímax da massagem tântrica. A última imagem da reportagem aparece bem no final (ver ANEXOS, foto 7), já com o texto se encaminhando para a conclusão: com os campos silenciosos de Ibiúna ao fundo, um casal se beija no contra-luz e só suas sombras se mostram às lentes. Como o evento era direcionado aos solteiros, fica subentendido que o casal em questão se trata de Bia e Cleyton.

7.2 REPORTAGEM NÚMERO 2 - “AMARRAÇÃO QUE DÁ CERTO’: MESTRA EM SHIBARI DEMOCRATIZA PRÁTICA ERÓTICA” - AUTORIA DE MARIE DECLERCQ³⁸

Hermenêutica	Modo de dizer	Polifonia	Imagem
<p>1. O convite para entrar no bar Dominatrix é atraente. Na pequena lousa colocada na porta anuncia, em letras maiúsculas: DRINKS, PETISCOS, MASMORRA E MÚSICA. (...) Na parede, fotos de dominadoras profissionais e placas pedindo</p>	<p>1. O povo nem piscava para não perder os movimentos de Sansa Rope. Com destreza quase coreografada, ela apertava as cordas de juta bem rentes ao corpo da modelo. A despeito da música alta invadindo o ambiente, a concentração de Sansa parecia à</p>	<p>1. Sansa Rope, 27, Shibarista profissional</p> <p>2. Bela Violence, 24, stripper, pole dancer e modelo da apresentação</p> <p>3. Espectador desconhecido, idade desconhecida, profissão desconhecida</p>	<p>Fotografias disponíveis na reportagem (ver Anexos 6, 7, 8 e 9)</p>

³⁸ Disponível integralmente nos Apêndices

<p>para que os clientes não usem os chicotes decorativos para bater em alguém.</p> <p>2. Nos últimos anos, com a aceitação cada vez maior do estilo de vida fetichista, o Dominatrix foi ampliando o espaço físico e recebendo um público mais variado. O que antes era restrito a festas fechadas hoje é popular o suficiente para disputar espaço com o circuito de bares na região da Consolação, no centro de São Paulo.</p> <p>3. Por influência do ambiente do bar, a performance de shibari trouxe consigo uma carga sexual fortíssima.</p>	<p>prova de balas. Em poucos minutos, a modelo já estava quase toda amarrada. (...) Sansa, então, moveu as cordas de um lado para o outro, transformando a modelo em um balanço vivo. Aos poucos, foi desatando os nós e desenrolando as cordas, até deixar o corpo da modelo livre das amarrações. A pele ficou levemente marcada pelas cordas. A modelo sorriu e relaxou. Fim da performance de shibari.</p> <p>2. A técnica de amarração japonesa tem origem feudal e ligada a uma arte marcial, o</p>		
--	---	--	--

<p>Sansa (ela prefere não revelar o nome de registro) afirma que, apesar da coexistência entre o erotismo e a prática, sua intenção é conseguir mostrar que é possível desfrutar o shibari (amarrar ou ser amarrado, no caso) sem o contexto sexual.</p> <p>4. "Não tenho aquela história engraçada pra contar que descobri que gostava de amarrar vendo desenho animado quando criança", conta a shibarista, usando de exemplo algo que ouviu de um cliente recente sobre a personagem de Penélope Charmosa sendo</p>	<p>hojojutsu, dedicado à restrição por cordas. A prática era usada como forma de tortura ou na captura de prisioneiros. No século 20, o shibari ganhou outros contornos e hoje transita entre o universo do BDSM (sigla para um conjunto de práticas envolvendo bondage, disciplina, dominação, submissão, sadismo e masoquismo) e performances de arte.</p> <p>3. No Brasil, boa parte dos especialistas na técnica de amarração são homens. Porém, nos últimos anos, cada vez mais mulheres estão</p>		
--	---	--	--

<p>atada pelo Dick Vigarista nos trilhos dos trens.</p> <p>5. Com a carência de material disponível, chegou a modelar para shibaristas homens. "Aconteceu muito de eu pedir para aprender e os caras rirem de mim ou acharem 'fofa' minha vontade", conta. "Hoje, me orgulho em dizer que eu amarro melhor do que todos eles."</p> <p>6. Apesar de ser adepta das práticas do BDSM, prefere afastar um pouco de si alguns os clichês vinculados ao sadomasoquismo. "Odeio essa coisa de que tudo tem que ser preto e vermelho", diz, observando a</p>	<p>assumindo o controle das cordas. Sansa Rope, de 27 anos, é uma delas.</p> <p>4. Seu lar é minimalista, com algumas plantas espalhadas pelo ambiente. A única pista na sala sobre a profissão de Sansa é um tronco de bambu preso com cordas no teto, que ela usa para suspender do chão os clientes amarrados.</p> <p>5. Diz que leva uma vida "baunilha" (termo traduzido do universo BDSM gringo para definir quem não é do meio), mesmo transitando na cena há uma década.</p> <p>6. Sansa diz que há</p>		
---	---	--	--

<p>própria sala. Seu estilo de vida, conta, também é mínimo. Acorda cedo, faz yoga e bebe suco verde. Não gosta de balada, de beber muito álcool, de dormir tarde e de comer mal.</p> <p>7. Todo dia, recebe convites para ser dominadora profissional, mas diz não gosta de misturar tanto a dominação com o shibari.</p> <p>8. O shibari tem apelo visual, mas seu intuito vai além da performance. Para uma boa prática, é necessário ter no mínimo uma noção básica de anatomia e pontos de pressão para causar sensações</p>	<p>um número crescente de curiosos que a procuram sem intenções eróticas. A tônica é sempre ter uma conversa inicial para combinar os limites de cada cliente. "A gente precisa criar uma relação de confiança."</p>		
--	---	--	--

<p>diferentes no corpo de quem é amarrado.</p> <p>9. Nas sessões particulares, Sansa perdeu as contas de quantos corpos já passaram pelas suas cordas. A maior procura pelos seus serviços, conta, é de homens que desejam ser amarrados.</p> <p>Contraditoriamente, não é comum ver fotos ou demonstrações ao vivo com modelos masculinos.</p> <p>"Adoro amarrar homens, mas grande parte deles não gosta muito de aparecer. Tem esse preconceito de associar sempre quem tá sendo amarrado com uma posição de submisso. Isso os afasta.".</p>			
---	--	--	--

<p>10. Havia desde casais héteros monogâmicos a curiosos solitários.</p> <p>11. Para Sansa, a presença de pessoas que normalmente não teriam contato com o BDSM é uma vitória. "O que eu quero é fazer o shibari acontecer. Quero que ele se torne um movimento e continue, mesmo que eu pare. Que as pessoas aprendam a fazer com segurança."</p>			
--	--	--	--

7.2.1 HERMENÊUTICA

Como mencionado na primeira análise, a categoria da hermenêutica diz respeito à subjetividade do jornalista eventualmente expressa no texto. Nesta reportagem, a primeira frase em destaque para análise é a descrição do bar no qual Sansa Rope apresenta sua técnica: "O convite para entrar no bar Dominatrix é atraente. Na pequena lousa colocada na porta anuncia, em letras maiúsculas: DRINKS, PETISCOS, MASMORRA E MÚSICA." (DECLERCQ, 2021, online) . Aqui, como na reportagem anterior, é empregado um recurso de linguagem recorrente em ambas as reportagens, a ironia. Aqui, ela não é utilizada como forma de depreciar ou inferiorizar a prática do Shibari, mas chamar a atenção do leitor para o

ambiente curioso, e pouco comum, em que ele pode estar adentrando no texto. O mesmo recurso é utilizado pouco depois, quando a jornalista está descrevendo com mais detalhes o interior do bar Dominatrix: "Na parede, fotos de dominadoras profissionais e placas pedindo para que os clientes não usem os chicotes decorativos para bater em alguém." (DECLERCQ, 2021, online).

Uma vez dentro do bar, a jornalista também comenta quem estava lá. Dentre tantos possíveis frequentadores, ela opta por chamar atenção para dois grupos, talvez para a surpresa de alguns: "Havia desde casais héteros monogâmicos a curiosos solitários." Mas os bar não comportava apenas estes dois grupos, mas é, na verdade, muito frequentado pelos paulistas, como dá a entender na seguinte frase:

"Nos últimos anos, com a aceitação cada vez maior do estilo de vida fetichista, o Dominatrix foi ampliando o espaço físico e recebendo um público mais variado. O que antes era restrito a festas fechadas hoje é popular o suficiente para disputar espaço com o circuito de bares na região da Consolação, no centro de São Paulo." (DECLERCQ, 2021, online).

Como pontua a reportagem, espaços como o Dominatrix estão recebendo "um público mais variado", muito provavelmente pela disseminação e uma normalização crescente (ainda não completamente atingida) de práticas como as citadas no texto, que incluem o BDSM. Apesar de não serem a mesma coisa, o Shibari e o BDSM, eles podem ser entendidos como farinha do mesmo saco por leigos que taxam tais práticas alternativas como "vulgares" ou, no mínimo, pouco comuns. Para essa questão, além de explicar que Sansa não gosta de atrelar as duas práticas (*"Todo dia, recebe convites para ser dominadora profissional, mas diz não gosta de misturar tanto a dominação com o shibari."*), a jornalista também opta por citar colocações da própria Sansa sobre os estereótipos pré-definidos sobre sua profissão, dos quais ela mesma se distancia.

"Para Sansa, a presença de pessoas que normalmente não teriam contato com o BDSM é uma vitória. "O que eu quero é fazer o shibari acontecer. Quero que ele se torne um movimento e continue, mesmo que eu pare. Que as pessoas aprendam a fazer com segurança." (DECLERCQ, 2021, online).

Além disso, as aspas de Sansa tentam quebrar com um imaginário idealizado e/ou romantizado de que ela teve um "encontro" especial com o Shibari, algo na técnica que a chamou a atenção quase como uma vocação. O que não é verdade, como ela mesma explica:

"Não tenho aquela história engraçada pra contar que descobri que gostava de amarrar vendo desenho animado quando criança", conta a shibarista, usando de exemplo algo que ouviu de um cliente recente sobre a personagem de Penélope Charmosa sendo atada pelo Dick Vigarista nos trilhos dos trens." (DECLERCQ, 2021, online).

A frase acima trás o trabalho de Sansa como Shibarista mais próximo à nossa realidade. Vocações e dons, seja para o Shibari quanto para qualquer outra profissão, não fazem, normalmente, parte de nossa vida. Escolhemos empregos por aptidões, claro, mas quando alguém como Sansa escolhe uma profissão "atípica", normalmente sua aptidão é taxada como dom, o que não é verdade. Ou pior, que sua decisão por perseguir uma carreira no Shibari foi feita às custas de um acontecimento cômico, de um acaso, sendo que ser Shibarista é uma profissão como outra qualquer, cuja escolha parte intrinsecamente da subjetividade de cada um, e não de um dom especial ou de uma "história engraçada", como a própria Sansa define.

Além do preconceito sobre a vida de quem é uma Shibarista profissional, ou, de forma mais abrangente, de uma mulher que trabalha com atividades que podem conter em si teor sexuais, o preconceito também recai sobre a totalidade de tal atividades, como, por exemplo, se a prática de Shibari se restringisse somente ao prazer sexual conduzido pelas amarras. Quanto a isso, numa tentativa de não perpetuar esse preconceito nos leitores, a jornalista explica:

"Por influência do ambiente do bar, a performance de shibari trouxe consigo uma carga sexual fortíssima. Sansa (ela prefere não revelar o nome de registro) afirma que, apesar da coexistência entre o erotismo e a prática, sua intenção é conseguir mostrar que é possível desfrutar o shibari (amarrar ou ser amarrado, no caso) sem o contexto sexual." (DECLERCQ, 2021, online).

E acrescenta:

"O shibari tem apelo visual, mas seu intuito vai além da performance. Para uma boa prática, é necessário ter no mínimo uma noção básica de anatomia e pontos de pressão para causar sensações diferentes no corpo de quem é amarrado." (DECLERCQ, 2021, online).

No entanto, o texto não sobrevive sem as contradições apresentadas sobre o mundo do Shibari. Apesar da posição empoderada de Sansa, ainda há certa hostilidade com esse mundo, principalmente vindo dos homens. E o assunto não foge da percepção tanto de Sansa como da jornalista.

"A maior procura pelos seus serviços, conta, é de homens que desejam ser amarrados. Contraditoriamente, não é comum ver fotos ou demonstrações ao vivo com modelos masculinos. 'Adoro amarrar homens, mas grande parte deles não gosta muito de aparecer. Tem esse preconceito de associar sempre quem tá sendo amarrado com uma posição de submisso. Isso os afasta.'" (DECLERCQ, 2021, online).

Segundo a reportagem, homens Shibaristas também foram os primeiros a rejeitar a ideia de Sansa de se tornar ela mesma uma Shibarista, explicado pela aversão de mulheres nesse mundo e o rótulo de que quem pratica "bem" o Shibari (como dominantes) são os homens. "Com a carência de material disponível, chegou a modelar para shibaristas homens. 'Aconteceu muito de eu pedir para aprender e os caras rirem de mim ou acharem 'fofa' minha vontade', conta. 'Hoje, me orgulho em dizer que eu amarro melhor do que todos eles.'"

7.2.2 MODO DE DIZER

O perfil começa mostrando para o que veio. Ou melhor, para o que Sansa veio. A jornalista abre seu perfil mostrando ao leitor o mundo ao qual ele seria apresentado dali para frente, sem medo de dar crédito ao poder de palco de Sansa.

"O povo nem piscava para não perder os movimentos de Sansa Rope. Com destreza quase coreografada, ela apertava as cordas de juta bem rentes ao corpo da modelo. A despeito da música alta invadindo o ambiente, a concentração de Sansa parecia à prova de balas. Em poucos minutos, a modelo já estava quase toda amarrada. (...) Sansa, então, moveu as cordas de um lado para o outro, transformando a modelo em um balanço vivo. Aos poucos, foi desatando os nós e desenrolando as cordas, até deixar o corpo da modelo livre das amarrações. A pele ficou levemente marcada pelas cordas. A modelo sorriu e relaxou. Fim da performance de shibari." (DECLERCQ, 2021, online).

Aqueles leitores leigos ou pouco familiares com o mundo das práticas sexuais, ou que podem estabelecer um viés sexual de acordo com a finalidade, podem se perguntar o que é Shibari e o que essa técnica tem a ver com cordas. Pensando nestes leitores, e no intuito de apresentar com mais clareza o que é o Shibari, a jornalista apresenta uma explicação simples, mas eficaz, do que se trata

"A técnica de amarração japonesa tem origem feudal e ligada a uma arte marcial, o hojojutsu, dedicado à restrição por cordas. A prática era usada como forma de tortura ou na captura de prisioneiros. No século 20, o shibari ganhou outros contornos e hoje transita entre o universo do BDSM (sigla para um conjunto de práticas envolvendo bondage, disciplina, dominação, submissão, sadismo e masoquismo) e performances de arte." (DECLERCQ, 2021, online).

Para aqueles que não conheciam o Shibari, agora a questão pode estar clara. É importante também o uso da expressão "transita", no que se refere ao Shibari estar relacionado ao BDSM, que, como explicar a jornalista "conjunto de práticas envolvendo bondage, disciplina, dominação, submissão, sadismo e masoquismo" (DECLERCQ, 2021, online). A diferenciação é importante pois não são a mesma coisa, apesar de o conhecimento comum levar a crer que sejam. Como bem pontua a jornalista, o Shibari é apenas uma parte de uma gama extensa de opções para os praticantes do BDSM que, aliás, podem nem gostar de ser amarrados por cordas ou mesmo de estarem em uma posição de submissão, uma vez que o BDSM abarca preferências sexuais e "fetiches" diversos.

Ainda levando em conta esse olhar, nota-se que um dos intuitos da reportagem é realmente comprovar ao leitor de primeira viagem (ou aquele com preconceitos sobre o tema) de que, apesar de a prática do Shibari parecer algo "novo" ou inusitado, esses são os últimos adjetivos que poderiam defini-lo. Com a explicação sobre a origem do Shibari, essa teoria já cai por terra porque, apesar de não ser usada durante guerras com cunho sexual, mas sim com o objetivo de causar dor no inimigo, esse detalhe da dor pode ser um gatilho sexual para pessoas com essas preferências.

E não à toa, práticas como o Shibari têm ganhado muita atenção, como demonstra a própria reportagem ao notar que o bar Dominatrix tem aumentado tanto seu espaço físico, quanto sua clientela e, além disso, também destaca o aumento na procura pelos trabalhos de Sansa. "Sansa diz que há um número crescente de curiosos que a procuram sem intenções eróticas. A tônica é sempre ter uma conversa inicial para combinar os limites de cada cliente. 'A gente precisa criar uma relação de confiança'"(DECLERCQ, 2021, online).

Nessa mesma esteira de esclarecer o que realmente se passa por trás de apresentações como as de Sansa Rope, destaco dois momentos do texto que fazem o leitor repensar alguns estereótipos socialmente aceitos sobre este tipo de atividade. Em primeiro lugar, o momento em que a jornalista descreve a casa de Sansa. Após ser recebida ao som de Cassiano, a observação do ambiente causa surpresa para quem estava esperando um ambiente como o do bar, algo como uma "Masmorra e Drinks" (DECLERCQ, 2021, online). Mas na verdade não tem nada a ver com isso. "Seu lar é minimalista, com algumas plantas espalhadas pelo ambiente. A única pista na sala sobre a profissão de Sansa é um tronco de bambu preso com cordas no teto, que ela usa para suspender do chão os clientes amarrados" (DECLERCQ, 2021, online).

Sobre a personalidade de Sansa, a surpresa para o leitor desavisado pode ser maior ainda: "Diz que leva uma vida 'baunilha' (termo traduzido do universo BDSM gringo para

definir quem não é do meio), mesmo transitando na cena há uma década.". Mas são exatamente esses traços de sua personalidade que fazem de Sansa Rope uma personagem tão rica, e com tantas camas a serem reveladas no perfil, assim como é o mundo do BDSM. Não existe uma explicação quadrada para a sexualidade alheia, ela é plural e pode se manifestar de diversas formas. Muitas delas, inclusive (e muito provavelmente), diferentes das formas como o leitor, objetivamente falando, expressa. Por muitos momentos somos levados a crer na imagem do libertino como personalidade libidinosa, depravada, de alguém que leva uma vida às avessas daquela tida como uma vida "comum". Se esta reportagem tem um trunfo, é retratar a vida normal que uma Shibarista pode levar.

7.2.3 POLIFONIA

Ao bater o olho na tabela, assume-se, à primeira vista, que há poucas fontes para o desenvolvimento da reportagem. E de fato são poucas, visto que uma delas (o espectador desconhecido) é citado apenas por um comentário espirituoso que faz para a repórter, e que depois acaba virando o próprio título da matéria, ao falar que a apresentação de Sansa é uma "amarração que dá certo"(DECLERCQ, 2021, online). No mais, a fonte principal é, obviamente, Sansa Rope, afinal, ela é a perfilada da matéria. E é isso que explica a ausência de uma gama maior de fontes nessa reportagem específica: trata-se de um perfil. E perfis, no jornalismo, giram realmente em torno de um personagem específico, mas com camadas.

As camadas de Sansa são várias. Em primeiro lugar, destaco o fato de ser mulher. Como diz a repórter no final da reportagem, o UOL tem apreço por assuntos não muito tradicionais. E mulheres em posição de autoridade em algum assunto relacionado a sexo realmente não é tão comum. Inclusive, essa é uma questão que o texto aborda, quando Sansa fala sobre o escárnio com o qual era tratada por homens profissionais do Shibari quando ela decidiu aprofundar seus conhecimentos na técnica de amarração.

Outra característica interessante do personagem de Sansa é a desmistificação da mulher que trabalha com sexo, figura muito atrelada à prostituição, vista majoritariamente como uma ocupação pejorativa. Mas Sansa, em vários momentos desmente esse preconceito com suas falas sobre democratização e normalização do Shibari. Nesse ponto, a jornalista também assume esse papel quando faz as descrições do apartamento de Sansa e de seu estilo de vida "baunilha" (DECLERCQ, 2021, online).

A terceira fonte é reconhecida no texto como Bela Violence, uma dançarina e pole dancer de 24 anos que, na reportagem, aparece como modelo para a apresentação de Shibari

acompanhada pela jornalista do UOL. Bela, apesar de não ser central para a história, é outra mulher que ocupa um lugar de discriminação social, visto que, assim como a profissão de Shibarista é vista com hostilidade por muitos, a de pole dancer o é igualmente. No entanto, ela fala abertamente para a jornalista sobre sua experiência sendo amarrada "É difícil de explicar, porque o desconforto da restrição é justamente o que eu gosto" (DECLERCQ, 2021, online), explica Bela Violence. E ainda acrescenta: "Ela pode fazer tudo que eu vou confiar", mostrando ao leitor que é possível aproveitar um lado prazeroso, e com respeito mútuo entre os limites da pessoa amarrada, do Shibari.

7.2.4 IMAGENS

Mais uma vez, a reportagem, por mais que esteja inserido em um veículo que pretende ser "interativo" e propõe, idealmente, um modelo de reportagem *longform*, esta reportagem não apresenta nenhum outro elemento multimídia além de fotografias. Contudo, tendo em vista o tema abordado na pauta, é fácil deduzir que as fotos chamem tanta atenção quanto qualquer outro estímulo visual que interage com o leitor de alguma forma.

Atrás de cordas esticadas e com a mão em posição de manuseio delas, a fotografia que abre a reportagem (ver ANEXOS, foto 8) é intensa, seja pelo olhar de Sansa por entre as cordas, seja por imaginar o que aquela mulher faz com elas. A câmera enquadra a imagem em um *contra plongé*, técnica entendida no audiovisual como uma técnica que faz seu objeto (nesse caso, Sansa) ter uma ar superior, de autoridade, de poder. O que combina com o caso, já que Sansa exerce sobre seus clientes uma posição de dominadora, controlando o que eles sentem, ou o quanto são apertados por suas amarras.

Na próxima fotografia (ver ANEXOS, foto 9), Sansa aparece em uma posição sensual. A foto, em si, não diz muita coisa sobre a personagem principal, mas como a reportagem se trata de um perfil não é de se estranhar que haja uma foto ampla de Sansa. A câmera a captura de frente, do tronco para cima, se segurando em um pedaço de madeira, provavelmente o mesmo que usa para amarrar seus clientes. Ela olha direta e profundamente para as lentes.

A próxima foto (ver ANEXOS, foto 10) diz mais sobre a cena descrita na reportagem: Sansa, com as cordas na mão, faz movimentos que refletem no corpo de Bela Violence, que permanece à mercê de Sansa na apresentação de Shibari. Suspensa só com roupas íntimas e meia arrastão, Bela Violence parece tranquila. A foto que se segue (ver ANEXOS, foto 11) parece uma continuação da anterior, dessa vez com um olhar não para cima, para o rosto das

mulheres, mas para o chão, capturando os pés de uma delas (provavelmente de Bela Violence, já que está com uma meia arrastão) e as cordas jogadas no chão. A foto provavelmente se trata do fim da apresentação.

As fotos representam muito bem o que é presenciar uma performance de Shibari, porém, elas só fazem isso. Mesmo com o texto apresentando um contra-senso ao falar sobre o estilo de vida "baunilha" da perfilada, ou de sua casa "minimalista", as imagens fortalecem o que Sansa taxou como estereótipo, principalmente pela parte que ela diz que odeia essa coisa de que "tudo tem que ser preto e vermelho" e as fotos trazem ao leitor literalmente essa exata paleta de cores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho de pesquisa para este trabalho foi extenso e permitiu a mim uma visão ampla do que se trata o sexo e a sexualidade no âmbito social e também jornalístico. Como tive oportunidade de mencionar nos capítulos anteriores, esse tema é relegado a um lugar de *fait divers* da vida urbana, de pequenos grupos dissidentes, de *freaks*, como diria Gabriela Wiener.

Achar pessoas que falem sobre pautas que tangem estes temas pode não ser mais uma tarefa tão difícil quanto um dia já foi, mas é visível o quanto ainda precisamos evoluir quando se trata de tabus. Falar sobre sexo abertamente — e com abertamente quero dizer para um grande número de pessoas de todos os *clusters* sociais — se torna quase uma missão de vida. Jornalistas como Gabriela Wiener, Reinaldo Moraes, Betty Friedan, e pesquisadores populares como Regina Navarro Lins e Mary Del Priore — todos presentes tão fortemente nesse trabalho — mostram que é uma dedicação que permeia uma trajetória profissional e pessoal por completo.

Contudo, há os bons sinais dos tempos, os ventos que sopram em nossa cama na varanda. Ao analisar as reportagens do portal UOL TAB, em nenhum momento quis pontuar erros dos jornalistas em incluir essa ou aquela frase, essa ou aquela expressão, mas sim busquei compreender em que pé estamos no que tange a temas espinhosos e polêmicos em nossa imprensa — pelo menos o lado mais alternativo e liberal dela.

Ao finalizar as análises, noto que o UOL TAB realmente faz o que se propõem, e é reconhecido como tal, como uma espécie de dissidente não social, mas jornalístico. Na imprensa brasileira, este portal claramente exerce esse papel de cobrir pautas "pouco convencionais", como a jornalista autora do perfil sobre Sansa faz questão de colocar ao final do texto.

É também marcante a forma como o contraponto de ideais e pré-conceitos está presente nos textos, lembrando ao leitor que estereótipos muitas vezes podem estar errados. Ao mesmo tempo, em nenhum momento os jornalistas tomam as dores de seus entrevistados, ou assumem uma posição favorável a algum fato. Como repórteres, eles se colocam em campo para reportar fatos. O que também não quer dizer que o UOL TAB faz um jornalismo isento, já que, ao falar sobre pautas de comportamento, sexo e sexualidade, é também assumir que todos esses temas, apesar de concentrados em indivíduos, são parte de uma figura muito maior — tanto social e politicamente.

Em um plano mais pessoal e subjetivo da pesquisa, pondero aqui o que teria sido dela em um momento diferente do que vivemos entre os anos de 2020 e 2021, período no qual desenvolvi a pesquisa. Apesar de a análise de conteúdo ter sido desenvolvida apenas no final de 2021, a pesquisa teórica e jornalística formalmente teve seu início ainda em janeiro de 2020, momento em que eu achava estar entrando em meu último ano de curso de Jornalismo. Como todos sabem, não foi bem assim. Com a pandemia e isolamento social, a grande maioria das atividades sociais, inclusive aulas presenciais da universidade, ficaram congeladas no tempo até um momento sanitário mais oportuno. O que restou de contato exterior durante esse período recluso foi justamente a mídia. Os jornais, as reportagens, os documentários e toda sorte de pequenas fechaduras pelas quais olhávamos o que acontecia do lado de fora de nossas casas. Foi um período difícil, e muitas vezes solitário, mas que me permitiu dar atenção quase exclusiva à pesquisa, o tema escolhido e à análise de materiais jornalísticos importantes para meu Trabalho de Conclusão de Curso.

Afora isso, por mais complexo que seja o tema desta pesquisa, a conclusão que tiro é simples: quanto mais falamos, mais vamos falar. E é importante que alguém puxe a fila, como faz o portal UOL TAB.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUSTEN, J. **Orgulho e preconceito**, 1813. BELO, Eduardo. **Livro-reportagem**. São Paulo: Contexto, 2006.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 3.^a ed. São Paulo: Edições 70, 2016.

BERTOLOTTO, R. Tantra Tinder: dá para juntar os encontros rápidos de app com sexo lento? UOL TAB. São Paulo, 27 set. 2021. Disponível em <<https://bit.ly/UOL-TAB-9>>

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

CASTRO, Gustavo de. A palavra compartilhada. In: CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex (orgs.). **Jornalismo e literatura: a sedução da palavra**. 2. ed. São Paulo: Escrituras, 2005. pp. 71-84.

DECLERCQ, M. '**Amarração que dá certo**': mestra em shibari democratiza prática erótica. UOL TAB. São Paulo, 18 out. 2021. Disponível em <<https://bit.ly/UOL-TAB-10>>.

PRIORE, Mary Del. **Histórias Íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil**. 1.^a ed. São Paulo: Planeta, 2011

GIDDENS, A. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. 2.^a Edição. São Paulo: Editora Unesp, 2003.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade 1: A vontade de saber**. 9.^a ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019.

FRIEDAN, B. **A mística feminina**. 1. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

GABEIRA, Fernando. **Entradas e bandeiras**. 10 ed. Rio de Janeiro: Codecri, 1981

ILLIES, F. **1913: antes da tempestade**. 1. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2016.

JOHNSON, A. Robert. **We - A chave da psicologia do amor romântico**. São Paulo: Mercury, 1987.

JÚNIOR, W. C. da Fonseca. Análise de Conteúdo. In: BARROS, Antonio; DUARTE, Jorge (orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

LACAN, J. **O seminário, livro 20: mais, ainda**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985, p.149.

LIMA, E. Pereira. **Páginas ampliadas**: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. Barueri, SP: Manole, 2014.

LINS, R. Navarro. **A cama na varanda**. Rio de Janeiro: Best Seller, 2017.

LINS, R. N. **Novas formas de amar**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2017.

LINS, R. Navarro. **O livro do amor: do iluminismo à atualidade (Vol. 2)**. 3.^a Edição. Rio de Janeiro: Best Seller, 2012.

MARCONDES FILHO, Ciro. **O capital da notícia**: jornalismo como produção social da segunda natureza. São Paulo: Ática, 1989.

MARTINEZ, Monica. **Jornada do herói**: estrutura narrativa mítica na construção de histórias de vida em jornalismo. São Paulo: Annablume/ Fapesp, 2008.

MEDEL, Manuel Ángel Vázquez. Discurso literário e discurso jornalístico: convergências e divergências. In: CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex (orgs.). **Jornalismo e literatura**: a sedução da palavra. 2. ed. São Paulo: Escrituras, 2005. pp. 15-28.

MEDINA, Cremilda A. **Entrevista – O diálogo do possível**. 1^a ed. São Paulo. Editora Ática, 2008.

MORAES, R. **O cheirinho do amor**: crônicas safadas. São Paulo: Alfaguara, 2014.

OLIVEIRA, José. Modelo mental e metodologia de análise de imagem na grafitecidade. In: 10^o Interprogrêmas de mestrado, 2012, São Paulo. **Anais do 8^o Interprogramas de Mestrado**, 2012.

PENA, Felipe. **Jornalismo literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

PATRÍCIO, Patrícia. **Tirando o manual do automático**: do mapa objetivo ao território transubjetivo nos caminhos do jornalismo. São Paulo, 2002. Dissertação de mestrado. Universidade de São Paulo.

RITTER, Eduardo. **Jornalismo gonzo e parresía**: mentiras sinceras e outras verdades. Porto Alegre, 2015

SADE, Marquês de. **Os 120 dias de Sodoma**. São Paulo: Shwarcz, 2020.

WALLACE, D. Foster. **Consider the lobster and other essays**. Nova York: Little Brown, 2005.

WEISE, Angélica. **Jornalismo literário:** uma análise das reportagens de José Hamilton Ribeiro publicadas na Revista Realidade. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2013.

WIENER, G. **Sexografias.** 1. ed. Rio de Janeiro: Foz, 2016.

WILLER, Claudio. **Geração Beat.** 2 ed. Porto Alegre: L&PM, 2010.

WISER, W. **Os anos loucos:** Paris na década de 1920. 4ª Edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

APÊNDICE 1

POEMA "CASAMENTO" - AUTORIA DE GREGORY CORSO, TRADUÇÃO DE MÁRCIO SIMÕES

Devo me casar? Devo Ser bom?
Aturdir a garota da porta ao lado com meu terno de veludo e fausto capuz?
Não leva-la aos filmes mas aos cemitérios
Contar-lhe tudo sobre lobisomem banheiras e clarinetes bifurcados
depois deseja-la e beija-la e todo o preliminar
ela indo tão longe e eu entendendo porquê
sem me zangar ao dizer Você deve sentir! É lindo sentir!
Ao invés de tê-la em meus braços devo recostar em uma velha lápide torta
e corteja-la as constelações no céu a noite completa-
Quando ela me apresentar aos seus pais
sufocado por uma gravata, o cabelo afinal penteado, coluna ereta
devo sentar com os joelhos juntos no seu muito sério sofá
e não perguntar Onde é o banheiro?
Como me sentir outro se não eu,
freqüentemente pensando no seriado do Flash Gordon -
Ó quão terrível deve ser para um jovem
sentado diante de uma família pensando
Nós nunca o vimos antes! Ele quer a nossa Mary Lou!
Depois do chá e dos biscoitos caseiros eles perguntam O que você faz pra viver?
Devo conta-lo? Atrevo agrada-los?
Dirão depois Tudo bem case-se, estamos perdendo uma filha
mas ganhamos um filho -
Pergunto então Onde é o Banheiro?
Ó Deus e o casamento! Toda a sua família e amigos
e só um punhado dos meus todos vagabundos e barbados
apenas esperando a comida e a bebida-

E o padre! Me olhando como se eu me masturbasse

me perguntando Aceita essa mulher como sua legítima esposa?
E eu trêmulo o que falar fala Pie Glue!
Beijo a noiva e todos aqueles homens sem originalidade batem nas minhas costas
Ela é toda sua, garoto! Há-há-há!
E em seus olhos você pode ver alguma lua de mel obscena acontecendo -
Depois todo aquele arroz absurdo e latejantes latas e sapatos
Cachoeiras do Niagara! Hordas de nós! Maridos! Esposas! Flores! Chocolates!
Tudo jorrando em aconchegantes hotéis
Todos vindos para fazer a mesma coisa à noite
O balconista indiferente sabe o que vai acontecer
O zumbis da sala de espera, eles sabem
O homem do elevador assobiando, ele sabe
Todos sabem! Seria quase tentado a não fazer nada!
Ficar acordado a noite inteira! Encarar esse balconista de hotel nos olhos!
Gritando: Eu recuso a lua de meu! Recuso a lua de mel!
correndo exaltado nessas suítes quase climáticas
berrando Radio âmago! Pá gato!
Ó viveria no Niagara para sempre! Numa caverna escura por trás das cachoeiras
Sentaria lá, O Louco-da-Lua-de-mel
inventando maneiras de destruir casamentos, um castigo de bigamia
um santo dos divórcios -
Mas devo me casar devo ser bom
Quão belo seria vir com ela para casa
e sentar perto da lareira com ela na cozinha
de avental jovem e amável esperando meu bebê
e tão feliz comigo ela queima o rosbife
e vem chorando até mim e levanto da minha grande cadeira de papai
dizendo Dentes natalinos! Cérebros radiantes! Maçã surda!
Deus que marido eu daria! Sim, devo me casar!
Tanto a fazer! Como chegar furtivamente até a casa do Sr. Jones tarde da noite
e cobrir seus tacos de golfe com livros noruegueses de 1920
Como pendurar uma foto de Rimbaud no corta gramas
como colar selos postais de Tannu Tuva por toda cerca de estacas
como quando a Sra. Cabeçamável vier fazer a coleta comunitária

agarra-la e dizer Há presságios desfavoráveis no céu!
E quando o prefeito vier pedir meu voto dizer
Quando você irá fazer com que as pessoas deixem de matar baleias!
E quando o homem do leite vier deixar-lhe um bilhete na garrafa
Pó de pingüins, traga-me pó de pingüins, quero pó de pingüins -
Porém se devo me casar e é Connecticut e neva
e ela da a luz à uma criança e estou sem dormir, exausto,
acordado à noites, a cabeça colada a uma janela quieta, o passado atrás de mim,
me encontrando na mais comum das situações um homem tremendo
conhecimento com responsabilidade nada de galhos sujos nem sopas de moedas romanas -
Ó como seria isso!
Com certeza eu daria como chupeta um Tacitus de borracha
Por um chocalho uma bolsa de disco quebrados de Bach
Prenderia com tachas Della Francesca por todo o seu berço
Bordaria o alfabeto grego no seu babador
E construiria como berçário um Parthenon sem teto
Não, duvido que eu seria este tipo de pai
Nada de campo nada de neve e nenhuma janela quieta
mas a quente odorosa e apertada cidade de Nova York
a crise dos sete anos voando alto, baratas e ratos nas paredes
uma gorda esposa nazista gritando sobre batatas Arrume um emprego!
E cinco narizes correndo moleques apaixonados por Batman
E as vizinhas todas sem dentes e com o cabelo seco
como essas multidões de bruxas do século 18
querendo entrar e ver TV
O proprietário quer seu aluguel
Mercearia Gás Cruz Azul & Aristocratas Elétricos de Colombo
impossível deitar e sonhar neve telefônica, estacionamento fantasma -
Não! Não devo me casar! Não devo nunca me casar!
Mas - imagine se eu fosse casado com uma linda e sofisticada mulher
alta e pálida vestindo um elegante vestido preto e longas luvas pretas
segurando uma cigareira em uma das mãos e um uísque com soda e gelo na outra
e viveríamos bem numa cobertura com uma janela enorme
da qual poderíamos ver toda Nova York e até mais longe em dias claros

Não, não posso me imaginar casado com esse aprazível e aprisionante sonho-
Ó mas e o amor? Esqueci o amor
não que eu não seja capaz de amar
É apenas que vejo o amor tão ocasional quanto calçar sapatos -
Nunca quis casar com uma mulher que fosse como a minha mãe
E Ingrid Bergman sempre foi impossível
E talvez haja uma garota agora mas ela já está casada
E não gosto de homens e -
Mas tem que haver alguém!
Porque e se eu tiver 60 anos e não for casado,
completamente sozinho em um quarto mobiliado com manchas de urina nas roupas de baixo
e todo mundo está casado! Todo o universo casado menos eu!
Ah, porém bem sei que fosse uma mulher possível como eu sou possível
então o casamento seria possível -
Como ELA no seu estranho e solitário afeto esperando seu amante Egípcio
eu espero-vazio de 2.000 anos e do banho da vida.

APÊNDICE 2

REPORTAGEM NÚMERO 1 - TANTRA TINDER: DÁ PARA JUNTAR OS ENCONTROS RÁPIDOS DE APP COM SEXO LENTO? - AUTORIA DE RODRIGO BERTOLOTTO

De repente, alguém aperta o pause, e a música new age para. No meio do silêncio de Ibiúna (SP) e suas plantações de alface, agora dá para escutar claramente os gemidos e os suspiros. Acariciavam-se coxas e lombos na sala envidraçada, mas seus donos estavam longe dali, em alguma dimensão encantada de maciez e prazer. É hora de almoçar: todos saem dos colchonetes e vão pra mesa recuperar as energias com um prato de arroz, feijão e legumes. Depois deve-se descansar, porque de tarde vem o treino de massagem genital.

Devidamente vacinados e testados na véspera, os tântricos estão voltando ao que mais gostam: o contato humano. Naquele fim de semana de setembro, um grupo de 30 pessoas, entre casados e solteiros, reuniu-se em um retiro no cenário verdejante e solar, ideal para a celebração da vida após um ano e meio em que a peste e a morte rondavam a todos.

Os casais estão felizes por apimentar a convivência. Já os solteiros enfrentam emoções contraditórias: radiantes com o portal de sensações corporais que se abriu, mas queixosos porque querem encontrar alguém com quem fugir do amor convencional.

"O ideal é conhecer um boy tântrico. Claro que ninguém nasce pronto, mas é complicado você ficar ensinando tudo. Ele também tem que ir atrás e vibrar na sua mesma sintonia. É uma questão de tempo e honestidade comigo mesma para encontrá-lo. Não preciso ficar indo atrás de homem só para gozar: meu vibrador faz isso e não é cuzão comigo", explicita Cacau Mila, 37, que veio de Goiânia para participar do aprendizado na cidade paulista.

Para ela, há uma idealização do sexo tântrico. "Não é performance nem um par de manobras para conquistar alguém. É perceber o seu prazer e o do outro.

Outra solteira na formação, a paulistana Roberta Pavon critica os clichês que cercam esse universo. "Há um preconceito de que não passa de suruba, mas é justamente o contrário. Tem mais a ver com o amor-próprio. Também é aceitar sua vulnerabilidade, e isso, para os homens, é muito difícil. O tantra mudou minha vida por completo, não só o sexo. Hoje olho os outros de uma forma mais amorosa", diz a empresária de 41 anos, no meio de influencers sexuais, terapeutas iniciantes, casais de meia-idade e até uma ex-panicat que encaravam a imersão.

Sexo casual ou formal?

Se na última década a vida amorosa se gamificou e se acelerou, com o Tinder e aplicativos similares, os relacionamentos tântricos surgiram como uma contratendência que se espalha bem devagar (como deve ser) em grupos menores. Há quem sustente que a delicadeza do tantra seja um antídoto para o mundo atual de pegação e contatinhos. Existe, porém, quem queira combinar as duas velocidades, juntando o "speed dating" com o "slow sex".

Agora, como combinar o sexo casual dos aplicativos com a solenidade de meditações, massagens, incensos, músicas e óleos do tantra? A mineira Ana Carolina Campos tem sua fórmula. "Posso até dar uma rapidinha, mas antes eu vou preparar meu corpo, me abrir para o prazer. Esses ensinamentos mudaram minha forma de sentir", diz a moradora de Belo Horizonte que viajou para São Paulo atrás da sabedoria tântrica.

Iniciativas como essas não faltam, mas o fim da pandemia é essencial para que esse tipo de projeto se expanda. Em Salvador (Bahia), o casal de instrutores Satta Flor, 33, e Mahaprabhu, 42, disponibilizaram uma lista no Instagram para que pessoas iniciadas nesse

círculo encontrassem seus pares. De abril a agosto de 2020, 400 pessoas se inscreveram. Esse grupo deve ser reativado em novembro próximo.

Baseado em Barreiros (Pernambuco), o casal formado por Bia Neppel, 40, e Cleyton Sales, 39, viaja o Brasil para promover imersões e encontrou entre seus alunos um programador que está desenvolvendo um aplicativo específico para os tântricos. O programa deve ir ao ar em 2022. "Tem que haver uma curadoria de quem participa. Se não, entra muito curioso que não sabe os limites e a filosofia por trás. O tantra é profundo sem ser invasivo", explica Cleyton. Seu público inicial seria os mais de 9.000 seguidores do casal no Telegram, entre eles 1.400 que passaram por vivências e workshops deles.

As aulas do Mundo Tantra, escola de Bia e Cleyton, tem maioria feminina, e delas partiu o pedido para criar uma rede de adeptos. Segundo Bia, os homens ainda são poucos porque muitos conservam a postura de que já sabem tudo. "A gente sempre vê uma movimentação inicial no nosso grupo de Telegram, mas depois eles vão para a conversa privada, e é difícil saber se teve um encontro ou outro", conta Bia.

Com ou sem roupa, eu vou

Antes da pandemia, estava em crescimento nos Estados Unidos e na Inglaterra os "tantric speed dates", com o seguinte slogan: "mais do que encontros, é uma ioga para sua vida amorosa". A iniciativa reunia igual número de homens e mulheres em um salão, revezando os pares e promovendo o contato deles, desde trocar olhares até conversar de mãos dadas ou dançar coladinho.

Assistentes controlavam para que o ambiente permanecesse divertido e seguro — e nada de tirar a roupa. Depois da dinâmica, as pessoas procuravam parceiros com quem tivessem mais afinidade. Essa moda começou em 2017 e chegou a haver reuniões mensais em 22 cidades pelos EUA, atraindo principalmente millennials que não conseguiam que seus romances saíssem da internet para a vida real. Com a pandemia, eles tiveram que voltar para trás das telas.

Já na Bahia, a quarentena proporcionou o tempo necessário para o grupo Tantramor colocasse em prática uma ideia que já rondava havia um ano: o "Tantra Tinder".

Segundo o instrutor Mahaprabhu, eles pensaram em um modelo prático que respeitasse a ética interna e oferecesse privacidade. No perfil deles no Instagram, abriram inscrições. Os aprovados eram direcionados para a lista "Melhores Amigos" e lá interagem. Uma das instruções deixava bem claro para não ser inconveniente: "Você mandou mensagem, e a pessoa não te respondeu? Não ter resposta já é uma resposta. Não insista!".

Pessoas em relações monogâmicas e sem "currículo tântrico" não eram selecionadas. Em 24 horas, já tinha mais 200 dispostos a encontrar um parceiro para enfrentar gostosamente o isolamento da pandemia.

Todo corpo é sagrado

O tantrismo surgiu por volta de 1.500 anos atrás na Índia e se misturou ao longo do tempo com o hinduísmo e o budismo. Após a colonização européia da Ásia, um aspecto dele chamou a atenção dos ocidentais. Ao contrário de crenças como o cristianismo, que separam o físico do espiritual, o tantra vê o corpo como um caminho para o sagrado, e o êxtase dos sentidos como um arrebatamento místico.

Da mesma maneira que outras tradições indianas, como a ioga e a meditação, essa massagem, uma prática que é apenas uma parte diminuta da crença, se espalhou pelo mundo, diluindo sua origem religiosa e servindo como mais uma ferramenta para as pessoas escaparem da vida automatizada e veloz das grandes cidades.

O período pandêmico, como uma contrapartida a tantos males que causou, ajudou a popularizar mais esses ensinamentos, afinal, surgiram muitos cursos online. E eles são bem mais baratos que seus similares presenciais — por volta de R\$ 100, enquanto as imersões não saem por menos de R\$ 1.500, incluindo hotel, refeições e um fim de semana de amor próprio e carinhos alheios.

Liderado por Bia e Cleyton, o encontro na pousada Villarejo começou na sexta-feira, com uma cerimônia em volta de uma fogueira. Cada um escreveu em um papel o sentimento que queria deixar para trás e jogou nas chamas.

Depois veio um sábado com meditações, lições sobre consentimento e respeito e, é claro, massagens. O ritual iniciou com os pares sentados em posição de lótus se olhando, tocando as mãos, trocando carícias para logo um deles se despir e ser massageado. Depois, havia a recíproca.

O casal de mentores ensinou os cinco pilares do prazer (desejo, presença, respiração, som e movimento). "Acabou a era dos gurus. Agora, a resposta que você precisa vem de dentro", discursou Cleyton. Além disso, os instrutores demonstraram os quatro tipos de toques corporais (terra, água, água e fogo), incluindo as sutis manobras genitais. À noite, os alunos puderam praticar as lições. O delírio interior emergia à superfície da pele em espasmos, tremeliques, arrepios, arfadas e gritos.

No domingo, na despedida, os guias promoveram um "autocasamento". O aluno, de branco, caminhava sozinho entre arranjos de flores até diante de um altar e fazia um

juramento de fidelidade eterna a si mesmo, cada um fazendo seu texto. "Prometo ser para mim todo o amor que até hoje eu busquei no mundo. Assim seja, assim é", jurou Cacau.

APÊNDICE 3

REPORTAGEM NÚMERO 2 - 'AMARRAÇÃO QUE DÁ CERTO': MESTRA EM SHIBARI DEMOCRATIZA PRÁTICA ERÓTICA - AUTORIA DE MARIE DECLERCQ

O povo nem piscava para não perder os movimentos de Sansa Rope. Com destreza quase coreografada, ela apertava as cordas de juta bem rentes ao corpo da modelo. A despeito da música alta invadindo o ambiente, a concentração de Sansa parecia à prova de balas. Em poucos minutos, a modelo já estava quase toda amarrada.

No pico da performance, cada extremidade da modelo ficou completamente suspensa, inclusive pelos longos cabelos, pretos e crespos. Tudo foi amarrado e conectado a dois suportes de bambu suspensos do teto.

Sansa, então, moveu as cordas de um lado para o outro, transformando a modelo em um balanço vivo. Aos poucos, foi desatando os nós e desenrolando as cordas, até deixar o corpo da modelo livre das amarrações. A pele ficou levemente marcada pelas cordas. A modelo sorriu e relaxou. Fim da performance de shibari.

A técnica de amarração japonesa tem origem feudal e ligada a uma arte marcial, o hojojutsu, dedicado à restrição por cordas. A prática era usada como forma de tortura ou na captura de prisioneiros. No século 20, o shibari ganhou outros contornos e hoje transita entre o universo do BDSM (sigla para um conjunto de práticas envolvendo bondage, disciplina, dominação, submissão, sadismo e masoquismo) e performances de arte. Ela se popularizou também nas fotografias artísticas de Araki Nobuyoshi e Romain Slocombe.

No Brasil, boa parte dos especialistas na técnica de amarração são homens. Porém, nos últimos anos, cada vez mais mulheres estão assumindo o controle das cordas. Sansa Rope, de 27 anos, é uma delas.

Drinks, petiscos, masmorra e música

O convite para entrar no bar Dominatrix é atraente. Na pequena lousa colocada na porta anuncia, em letras maiúsculas: DRINKS, PETISCOS, MASMORRA E MÚSICA. Nos últimos anos, com a aceitação cada vez maior do estilo de vida fetichista, o Dominatrix foi ampliando o espaço físico e recebendo um público mais variado. O que antes era restrito a

festas fechadas hoje é popular o suficiente para disputar espaço com o circuito de bares na região da Consolação, no centro de São Paulo.

Transitando com familiaridade pelo lugar, Sansa Rope ajeita os cabelos pretos enquanto cumprimenta alguns conhecidos que tomam cerveja. Na parede, fotos de dominadoras profissionais e placas pedindo para que os clientes não usem os chicotes decorativos para bater em alguém.

Por influência do ambiente do bar, a performance de shibari trouxe consigo uma carga sexual fortíssima. Sansa (ela prefere não revelar o nome de registro) afirma que, apesar da coexistência entre o erotismo e a prática, sua intenção é conseguir mostrar que é possível desfrutar o shibari (amarrar ou ser amarrado, no caso) sem o contexto sexual.

De amarrada à amarradora Sansa nasceu na zona sul de São Paulo e começou a frequentar o universo BDSM aos 18 anos. "Não tenho aquela história engraçada pra contar que descobri que gostava de amarrar vendo desenho animado quando criança", conta a shibarista, usando de exemplo algo que ouviu de um cliente recente sobre a personagem de Penélope Chamosa sendo atada pelo Dick Vigarista nos trilhos dos trens.

A primeira vez que Sansa teve contato com cordas foi na posição passiva (amarrada por outra pessoa). "Não senti nada", relembra. "Só pensei 'tá, e daí?'".

Em 2016, quando teve um contato mais sério com o shibari, começou a buscar todo tipo de oportunidade para aprender. Com a carência de material disponível, chegou a modelar para shibaristas homens. "Aconteceu muito de eu pedir para aprender e os caras rirem de mim ou acharem 'fofa' minha vontade", conta. "Hoje, me orgulho em dizer que eu amarro melhor do que todos eles."

Nos últimos quatro anos, Sansa se mantém apenas trabalhando com shibari profissional — em aulas particulares ou em grupo, gravando cursos, escrevendo manuais e atendendo clientes particulares que querem passar pela experiência da amarração. Ela também abriu a primeira loja especializada em shibari, onde vende cordas de fibras naturais, tratadas com cera de abelha e melaleuca — tratamento específico para amarração corporal —, além de tesouras especiais para cortar as cordas em caso de emergência. "Não existia nenhum tipo de 'carreira' no shibari, então decidi eu mesma criar isso dentro desse universo".

Longe do estereótipo

Horas antes de ir ao Dominatrix, Sansa recebeu o TAB no seu apartamento ao som de "Onda" do cantor Cassiano. Seu lar é minimalista, com algumas plantas espalhadas pelo ambiente. A única pista na sala sobre a profissão de Sansa é um tronco de bambu preso com cordas no

teto, que ela usa para suspender do chão os clientes amarrados.

Apesar de ser adepta das práticas do BDSM, prefere afastar um pouco de si alguns os clichês vinculados ao sadomasoquismo. "Odeio essa coisa de que tudo tem que ser preto e vermelho", diz, observando a própria sala.

Seu estilo de vida, conta, também é mínimo. Acorda cedo, faz yoga e bebe suco verde. Não gosta de balada, de beber muito álcool, de dormir tarde e de comer mal.

Diz que leva uma vida "baunilha" (termo traduzido do universo BDSM gringo para definir quem não é do meio), mesmo transitando na cena há uma década. Todo dia, recebe convites para ser dominadora profissional, mas diz não gosta de misturar tanto a dominação com o shibari.

Relações de confiança

O shibari tem apelo visual, mas seu intuito vai além da performance. Para uma boa prática, é necessário ter no mínimo uma noção básica de anatomia e pontos de pressão para causar sensações diferentes no corpo de quem é amarrado. Pode ser dor, prazer ou apenas relaxamento. "Se você sabe fazer com segurança, consegue extrair as sensações e sentimentos que você deseja", explica Sansa. "Quando o corpo está restringido, fica mais sensível e receptivo a isso."

Nas sessões particulares, Sansa perdeu as contas de quantos corpos já passaram pelas suas cordas. A maior procura pelos seus serviços, conta, é de homens que desejam ser amarrados.

Contraditoriamente, não é comum ver fotos ou demonstrações ao vivo com modelos masculinos. "Adoro amarrar homens, mas grande parte deles não gosta muito de aparecer. Tem esse preconceito de associar sempre quem tá sendo amarrado com uma posição de submisso. Isso os afasta."

Sansa diz que há um número crescente de curiosos que a procuram sem intenções eróticas. A tônica é sempre ter uma conversa inicial para combinar os limites de cada cliente. "A gente precisa criar uma relação de confiança."

"Muita gente que eu atendo nas sessões menciona outro tipo de experiência. Às vezes, é quase como se fosse uma meditação, um transe", conta. Do outro lado, controlando as cordas, Sansa descreve o ato como uma meditação também, um hiperfoco em que as cordas viram extensão das suas mãos.

A confiança entre o amarrado e quem amarra foi confirmada na prática. Depois de ser desatada, Bela Violence, 24, stripper e pole dancer que serviu de modelo na performance,

pediu alguns segundos para tentar descrever a sensação.

"É difícil de explicar, porque o desconforto da restrição é justamente o que eu gosto", explica. "Até que ela te solta, e aí a sensação é de um relaxamento completo, como se meu corpo não tivesse peso algum." Para ela, a interação com a shibarista é "a cereja do bolo". "Ela pode fazer tudo que eu vou confiar", afirma.

Amarração que dá certo

"Vocês são do TAB, né?", um dos espectadores pergunta, enquanto aguarda o início da aula de Sansa. Reconhecendo o apreço do canal do UOL por assuntos não muito tradicionais, contou que sempre se interessou pela prática do shibari, mas nunca teve tempo de se encontrar nas cordas. "Mas pode dizer que é uma amarração que dá certo", disse ele, rindo.

O público que pagou de R\$ 100 a R\$ 150 por 1h de apresentação e 2h de workshop no Dominatrix é variado. Havia desde casais héteros monogâmicos a curiosos solitários.

Para Sansa, a presença de pessoas que normalmente não teriam contato com o BDSM é uma vitória. "O que eu quero é fazer o shibari acontecer. Quero que ele se torne um movimento e continue, mesmo que eu pare. Que as pessoas aprendam a fazer com segurança."

ANEXOS

FOTO 1



Fonte: UOL TAB

FOTO 2



Fonte: UOL TAB
FOTO 3



Fonte: UOL TAB

FOTO 4



Fonte: UOL TAB

FOTO 5



Fonte: UOL TAB

FOTO 6



Fonte: UOL TAB

FOTO 7



Fonte: UOL TAB

FOTO 8



Fonte: UOL TAB

FOTO 9



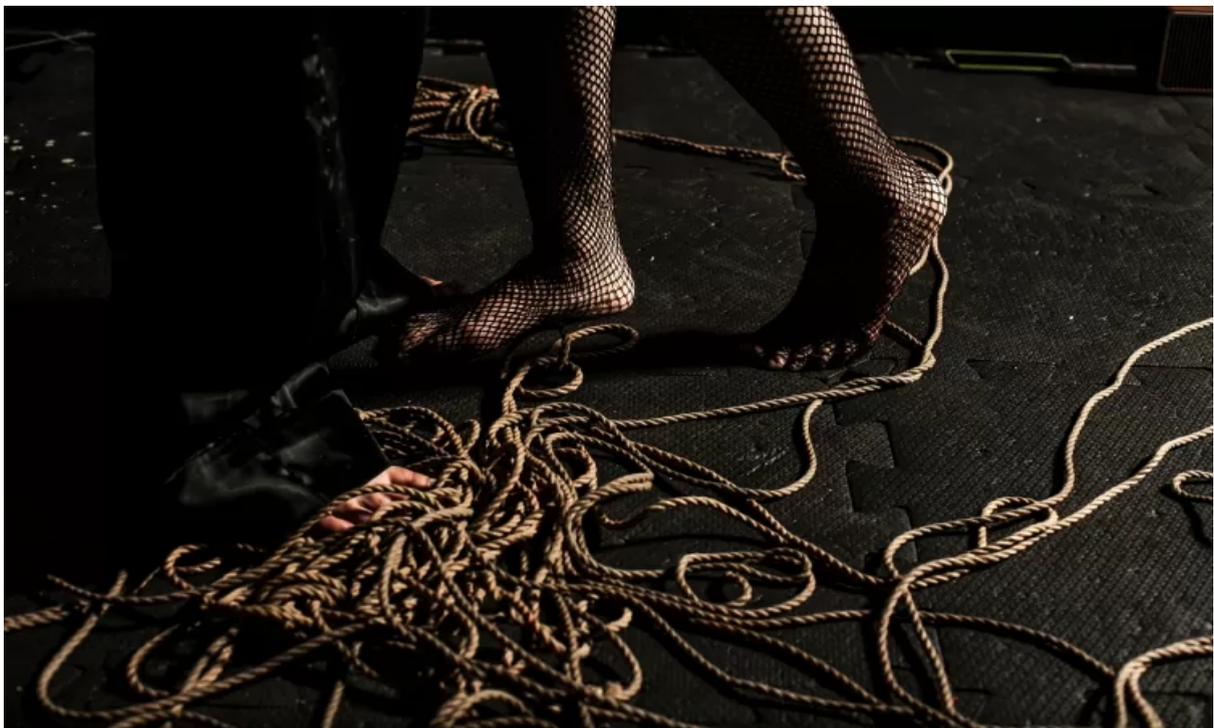
Fonte: UOL TAB

FOTO 10



Fonte: UOL TAB

FOTO 11



Fonte: UOL TAB